

MARIANA MARTINS DE CARVALHO

**QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS E O VIVER NA CIDADE DE
VIÇOSA – MG: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO
DE SEUS MORADORES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
JUNHO – 2012

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

T

C331q
2012

Carvalho, Mariana Martins de, 1985-

Questões socioambientais e o viver na cidade de Viçosa -
MG: uma análise a partir da percepção de seus moradores/
Mariana Martins de Carvalho – Viçosa, MG, 2012.
xi, 142f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui apêndice.

Orientador: Márcia Pinheiro Ludwig.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 138-140.

1. Comunidade urbana - Desenvolvimento. 2. Comunidade
urbana – Aspectos ambientais. 3. Bem-estar social. 4. Vida
urbana. 5. Política urbana. I. Universidade Federal de Viçosa.
II. Título.

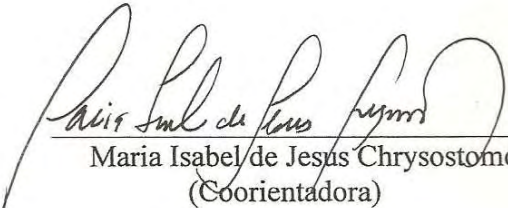
CDD 22. ed. 307.14

MARIANA MARTINS DE CARVALHO

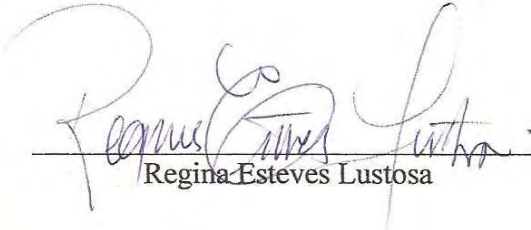
**QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS E O VIVER NA CIDADE DE
VIÇOSA – MG: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO
DE SEUS MORADORES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

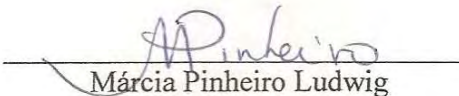
APROVADA: 21 de junho de 2012.



Maria Isabel de Jesus Chrysostomo
(Coorientadora)



Regina Esteves Lustosa



Márcia Pinheiro Ludwig
(Orientadora)

Milagres acontecem quando a gente vai à luta...

O Teatro Mágico

*É que tem mais chã nos meus olhos
do que cansaço nas minhas pernas.
Mais esperança nos meus passos,
do que tristeza nos meus ombros.
Mais estrada no meu coração
do que medo na minha cabeça.*

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Este início marca um fim. Fim de um ciclo, uma fase. Ao pensar em todo o processo de confecção dessa dissertação, nada mais me vem à mente se não todo o aprendizado que ela me trouxe. Cada palavra escrita, cada erro corrigido, cada pequena parte acrescentada era um passo à frente. E a caminhada foi longa... Eram algumas das minhas maiores limitações sendo colocadas à minha frente, me dizendo “aprenda!”. E eu aprendi, muito. Muitas limitações ainda estão aqui, mas há tempo, “e o tempo traz possibilidades”. E se a grande benção de aprender me foi dada, é hora de agradecer a todos que seguiram comigo nesta caminhada.

À Universidade Federal de Viçosa, pelos anos de estudo que me permitiram um crescimento profissional e pessoal.

Ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, pelo acolhimento e pela confiança.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo financiamento desta pesquisa.

Agradecimentos especiais à Aloísia e Lena, sempre tão solícitas em minhas dúvidas infundáveis!

À minha querida orientadora, professora Márcia Pinheiro Ludwig. Agradeço pelo exemplo de profissionalismo e compromisso, regados com gentileza, carinho e amizade. Agradeço também por embarcar nesse projeto com tanta vontade. Obrigada pela paciência com minhas limitações, por todas as conversas esclarecedoras; por ter sido amiga, por ter me visto inteiramente e me entendido. Tenha certeza que seu afeto e sua segurança ajudaram muito na realização deste trabalho.

À professora Maria Isabel Chrysostomo, que me acompanha desde a graduação. Agradeço por ter me dado a base que eu precisava para chegar aqui e também por atender ao pedido de coorientação, e tê-lo feito com cuidado. Obrigada pela amizade nesses anos, pelo incentivo e pela presença.

À professora Regina Esteves Lustosa, que tão pronta e gentilmente aceitou nosso convite para participar da banca. Agradeço pela contribuição para este trabalho e para minha formação profissional.

A cada um dos meus entrevistados, que me receberam em suas casas com respeito e boa vontade. Esse trabalho não é sobre vocês, é PARA vocês! Agradeço

também à UMAN, especialmente ao Rubens, que abriu todas as portas e facilitou a realização das entrevistas.

Ao meu pai, Mauro, meu exemplo de caráter, trabalho e ternura. Obrigada pela presença, pela segurança de que posso ir a qualquer lugar, porque você sempre estará aqui por mim. Obrigada por entender a minha ausência em nome dos meus sonhos. Obrigada por acreditar em mim, obrigada por me amar.

À minha mãe, Zenaide, meu exemplo de fé, dedicação e compreensão. Agradeço por todas as vezes que foi firme comigo, colocando meus pés no chão. Obrigada pelo colo, pelas palavras de incentivo, pelos abraços que sempre me fazem esquecer qualquer dificuldade, por me lembrar que eu já havia vencido só por estar neste mundo, e que nada mais poderia me parar! Obrigada por querer ser minha mãe e fazer isso da forma mais inteira e amorosa possível!

À minha irmã, Tathi, meu exemplo de firmeza, inteligência e carinho. Agradeço por cada palavra de incentivo, por todas as vezes que me ouviu e me entendeu. Acho que você bem sabe que sempre me guiei por você, que sempre foi a minha luz. Tenha certeza que sem o seu carinho, seu abraço forte, seus mimos e gentilezas, o caminho teria sido muito menos colorido e perfumado.

Aos meus avós Nilda, João e Clélia, que com toda doçura vibraram com cada uma das minhas vitórias, que em suas preces pediam por mim, que me proporcionaram o aconchego da “casa da vó”, que sempre tem café novo, bolo quentinho e amor incondicional, lugar onde eu sempre posso chegar e recarregar as energias.

Aos meus padrinhos e madrinhas, em especial à Ângela, ao Ronaldo e à Hilda, pela presença ao longo de toda a minha vida, por participarem de todos os meus momentos, por cumprirem seus papéis com muito carinho e dedicação. Peço desculpas pela ausência, mas tenham certeza que vocês sempre estiveram e estarão comigo!

Aos primos e às primas, especialmente à Jullia, Raphael, Andrea, Érica, Leandra, Regina, ao Pedro e à Déborah. Agradeço pela amizade de uma vida, por sempre estarem comigo, me fazendo rir e torcendo por mim. Tenham certeza de que todo o carinho é absolutamente recíproco, e que espero que os nossos caminhos estejam sempre lado a lado.

Às doces e insubstituíveis *roomates*: Sabrina, Gerlice, Carol, Karol, Júlia e Bruna. Vocês foram a minha família nos difíceis dias longe de casa. Aprendi muito com cada uma de vocês. Tenham a certeza do meu carinho e da minha amizade, eternamente! Fica um agradecimento todo especial à Sabrina, que além da amizade,

participou ativamente desta pesquisa, me ajudando a pensar, a formular as ideias, a tirar as fotos pela cidade, me dando chocolate quente nas noites frias em frente ao computador, ouvindo minhas lamentações quando o desânimo chegava. Obrigada, florzinha, por ser parte da minha vida e da minha história de um jeito tão especial.

Aos amigos que fiz pela vida, especialmente ao Thaysa, à Grazielle, Gabriela, Mariana, Renata e Fernanda do Buriti. Vocês que me viram abrir as asas e alçar voos. Obrigada pelo carinho, pela amizade, pelo companheirismo, e por me ensinarem que as amizades verdadeiras resistem ao tempo e à distância. Obrigada por perdoarem minha ausência durante todos esses anos e por continuarem perto.

Aos amigos de Viçosa! E esses são tantos! Mas fica um agradecimento todo especial à Raquel, Josi, Elaine, Kelly, Maola, ao Dudu, Vanderson e Gustavo. Agradeço muito por terem dado mais cor e alegria aos meus dias em Viçosa. Foram tantos momentos inesquecíveis... Obrigada por serem fiéis e presentes. Fica um carinho e uma amizade que vou levar pra sempre, esteja onde estiver! Amo vocês pra sempre!

Às lindas amigas do mestrado: Tamara, Olga Maria, Bethania, Eliane, Pollyana e Marina. Vocês sabem o que é chegar até aqui, e sem a presença, a amizade, o apoio e a ALEGRIA de vocês eu não teria conseguido! Agradeço por terem me deixado entrar na vida de vocês, e sermos amigas! Obrigada pela presença em momentos difíceis, pela paciência e pelo carinho.

À cidade de Viçosa, que me acolheu e contribuiu para o meu crescimento.

E a Deus, que como um pai-bondoso, me deu a oportunidade de fazer o mestrado, mostrando-me que eu era capaz. Ele, que em cada momento passou à minha frente e abriu todos os caminhos. Ele, que tocou o coração de cada pessoa que contribuiu para esta pesquisa. Ele, que nos meus momentos de cansaço e medo chegava como um bálsamo e me ajudava a dormir. Ele, que com todo o seu amor, colocou as pessoas mais especiais na minha vida.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	x
1. INTRODUÇÃO GERAL.....	1
1.1 Contextualização e delimitação do problema	3
1.2 Objetivos.....	6
1.3 Metodologia.....	6
1.3.1 Área de estudo	6
1.3.2 Modalidade e natureza da pesquisa	6
1.3.3 A construção dos dados	8
1.3.4 Procedimento de análise dos dados	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Reprodução do espaço	12
2.2 Percepção e percepção ambiental	16
2.3 Ética ambiental e sustentabilidade urbana	22
3. A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE VIÇOSA	31
3.1 Descortinando a paisagem	33
3.1.1 Viçosa e seu processo de urbanização	33
3.2 Urbanização e marcas na paisagem	39
3.3 Realidade socioambiental de Viçosa	55
4. OUVINDO A POPULAÇÃO.....	64
4.1 Ouvindo a população: a fala por meio das atas da Câmara Municipal de Viçosa	65
4.2 Ouvindo a população: a fala a partir do Jornal Folha da Mata.....	68
4.3 Ouvindo a população: a percepção dos moradores sobre o viver em Viçosa	71
4.3.1 A cidade pelo olhar de seus moradores	107
4.3.2 Mudanças em Viçosa percebidas pelos entrevistados	112
4.4 É possível pensar em mudanças?.....	123
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICE.....	141

RESUMO

CARVALHO, Mariana Martins, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, junho de 2012. **Questões socioambientais e o viver na cidade de Viçosa – MG: Uma análise a partir da percepção de seus moradores.** Orientadora: Márcia Pinheiro Ludwig. Coorientadoras: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo e Junia Marise de Souza.

Este trabalho focalizou o viver na cidade de Viçosa, MG, a partir da percepção de seus moradores, tendo como referência seus problemas socioambientais, e se apoiou em discussões teóricas sobre a sustentabilidade urbana e a nova ética ambiental. O objetivo do trabalho foi identificar as possibilidades e, ou, os limites para se pensar na construção da sustentabilidade urbana e da nova ética ambiental. A pesquisa de natureza qualitativa se orientou pelas seguintes fontes: dados secundários; documentação fotográfica; entrevistas; atas das reuniões da Câmara Municipal de Viçosa, entre os anos de 2001 e 2010; jornal do município entre os anos de 2001 e 2011. As fontes consultadas permitiram compreender que o processo de reprodução do espaço urbano de Viçosa teve como principal mola propulsora a instalação da ESAV em 1922 – atual UFV – já que este elemento atraiu pessoas para trabalhar e estudar na instituição. Esse processo ocorreu de forma acelerada e sem planejamento. A partir das análises das imagens foi possível conhecer algumas marcas que ficaram na paisagem urbana em consequência de eventos que ali aconteceram. Diferentes mudanças foram provocadas pelos principais agentes da cidade: pelo poder político local, pelos agentes imobiliários, pelas entidades federais, pela população flutuante e pelos residentes fixos. Essas ações tiveram consequências para a cidade, como os problemas socioambientais que se materializam na paisagem e geraram problemas para a população residente. Problemas, como construções ilegais (áreas de proteção permanente); poluição do ribeirão São Bartolomeu; verticalização; trânsito; poluição sonora e visual; lixo nas vias públicas; e calçadas e vias mal pavimentadas, são exemplos. De modo geral, os dados encontrados no jornal Folha da Mata e na Câmara Municipal são bastante parecidos. Nessas fontes, os moradores se referem, sobretudo, à infraestrutura da cidade, muitas vezes apresentando pedidos de melhorias para problemas que estão em sua rua ou em seu bairro, apesar de serem identificados em toda a cidade. Porém, ainda que timidamente, as manifestações de moradores sinalizaram para uma visão mais crítica da realidade. No que se refere às entrevistas, observou-se que a maioria dos entrevistados percebe os problemas de Viçosa, assim como a interferência dos mesmos no viver. Além disso, a

maior parte dos entrevistados não se percebe como corresponsáveis e coparticipantes do processo de geração dos problemas, atribuindo tanto as causas como o poder de solucionar esses problemas ao poder público e à UFV. Apesar disso, foram identificadas percepções que sinalizam possibilidades de se pensar em mudanças, como a valorização atribuída à participação popular no processo de mudanças, e na tomada de pequenas atitudes sustentáveis, demonstrada por diferentes entrevistados. Mesmo que seja impossível generalizar, essas manifestações, ainda que pontuais, representam uma semente na possibilidade de se pensar na construção da sustentabilidade urbana. Os limites estão relacionados à postura de moradores que não se veem como coparticipantes nesse processo de geração e, ou, na solução de problemas. Contudo, se o trabalho focaliza a percepção dos moradores em relação ao viver na cidade de Viçosa, tendo como referência as questões socioambientais que nela se apresentam, há que se considerar que esses atores são apenas parte da trama que envolve outros atores: os agentes da especulação imobiliária; o Estado, representado pelo poder público local e também a UFV, que apesar de projetar a cidade no cenário nacional, é também responsável pelos problemas na cidade, sendo, portanto, partes do processo.

ABSTRACT

CARVALHO, Mariana Martins, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, July, 2012. **Social-environmental questions on living in Viçosa – MG: An analysis based on its citizens' perceptions.** Adviser: Márcia Pinheiro Ludwig. Co-advisers: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo and Junia Marise de Souza.

This work focused on living in Viçosa, MG, from the viewpoint of its population, using as reference its social environmental problems, and supported by theoretical discussions on urban sustainability and the new environmental ethics. The objective of this work was to identify the possibilities and/or limitations in implementing urban sustainability and the new environmental ethics. The qualitative research was guided by the following sources: secondary data; photographic documentation; interviews; Viçosa Municipal Chamber's meeting minutes from 2001 to 2010; and local newspaper articles from 2001 to 2011. The sources investigated showed that the process of transformation of Viçosa's urban space had as its main driving force the creation of ESAV in 1922 – today's Universidade Federal de Viçosa (UFV) – attracting professionals and students. This process took place at an accelerated pace, without planning. Based on the photographic analyses, it was possible to detect some signs of the changes in the urban scenario as a result of these events. Different changes were brought about by the main local agents: the political power, the real estate agencies, federal entities, the floating population, and the permanent population. These transformations had a negative impact on the city of Viçosa, such as the environmental hazards reflected in the landscape, generating problems to the population, such as illegal constructions (in permanent protection areas); São Bartolomeu Stream pollution ; accelerated construction of skyscrapers ; traffic jam; sound and visual pollution; garbage in the streets; and poorly maintained sidewalks and streets. Overall, the data found in the weekly newspaper “Folha da Mata” and in the Municipal Chamber's meeting minutes are rather similar. As the sources reveal, the population is mainly concerned with the city's infrastructure, often requesting improvements and solutions for their particular streets or suburbs, despite the fact that these problems exist throughout the city. However timidly, the population's manifestations signal a more critical view of the reality. The interview analyses show that most the interviewees are aware of the problems faced by Viçosa, and of the effect such problems have on their own life. However, most do not perceive themselves as responsible and co-participators in creating these problems, attributing both the causes

and power to solve them to the local public government and to the UFV. Despite that, some perceptions point to the possibility of achieving changes, such as the value attributed to popular participation in the process of transformation, and in the decision-making process involving sustainable actions, shown by different interviewees. Even though it is impossible to generalize, these specific manifestations represent the beginning of a process of construction of urban sustainability. The liabilities are related to the attitude of some citizens who do not see themselves as co-participants in this process of transformation and /or, in the solution of the problems. However, one should bear in mind that, since this work focus on the population's perception of living in Viçosa, using as reference its social environmental issues, these actors are just part of a process involving other actors: speculative real state agents; and the State, represented by the local public power and by the UFV, which, while responsible for Vicosa's prominent status in the national scenario, is equally responsible for its problems, being, thus, part of the process.

1. INTRODUÇÃO GERAL

A crise ambiental que assola o mundo tem sido discutida desde a década de 1960, época marcada pelo início das discussões e dos debates em torno das questões ambientais, tendo como ponto de partida o questionamento e a necessidade de se rever a racionalidade e os padrões de produção e consumo desencadeados pela Revolução Industrial. Estes padrões foram impulsionados pela ideologia capitalista e mostravam seus reflexos no meio ambiente e na vida social.

Diferentes conferências, relatórios e encontros foram realizados com a participação de estudiosos, líderes políticos, agentes econômicos e da sociedade civil. Contudo, o conceito de “desenvolvimento sustentável” só surgiria em 1987, quando a Comissão Brundtland produziu o relatório *Nosso Futuro Comum*, onde este foi definido como *o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas necessidades* (WCED, 1986, *apud* BARONI, 1992, p. 16). Contudo, diferentes estudiosos têm mostrado que o conceito apresenta dimensões e proposições que não foram claramente definidas e abordadas quando do seu surgimento. Por essa razão, seu uso se deu de forma ampla e banalizada, com ambiguidades e contradições.

A crítica mais contundente vem do conceito de desenvolvimento, utilizado sempre a partir do modelo hegemônico capitalista. Nestes termos, muitos autores consideram problemático falar em desenvolvimento sustentável, quando não se questiona o modelo que impera nas sociedades contemporâneas.

É nesta linha que Henrique Leff (2001) apregoa um possível caminho que conduziria à essência do desenvolvimento sustentável, o que ele define como a *nova ética ambiental* (LEFF, 2001). Para o autor, essa nova ética estaria pautada na ideia de que os recursos ambientais deveriam se converter em potenciais capazes de reconstruir o processo econômico pautado em uma nova racionalidade produtiva. Para isso, seria proposto um projeto social com base na produtividade da natureza, nas autonomias culturais e na democracia participativa. Isso significaria abrigar as diferentes culturas, pensar em qualidade de vida para todos, acesso aos recursos de forma homogênea, sem comprometimentos ao meio ambiente e à sociedade como um todo. Autores, como Acselrad e Leroy (2003), colocam que o mais importante quando se pensa em sustentabilidade seria discutir e adotar um novo modelo de produção e consumo, que estaria associado às dimensões qualitativas interativas e articuladas para um novo modelo de desenvolvimento.

Foi seguindo os caminhos teóricos dos referidos autores e, especificamente, os pressupostos da nova ética ambiental, apresentada por Henrique Leff, que delineamos o presente trabalho. Nele trazemos reflexões sobre o viver em uma cidade de pequeno porte, que já revela as mazelas que marcam as grandes cidades brasileiras em termos de problemas socioambientais¹. Assim, o presente trabalho centra especificamente em reflexões sobre sustentabilidade urbana, tendo como unidade de análise a cidade de Viçosa, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais.

Com um processo de urbanização desencadeado a partir da fundação da antiga Escola Superior de Agronomia e Veterinária (ESAV), em 1922, hoje Universidade Federal de Viçosa, a cidade, ao longo dos anos, vem enfrentando sérios problemas urbanos, ambientais e sociais, o que justifica a importância de problematizá-los no presente trabalho.

Como estudante de graduação em Geografia na UFV, fomos aos poucos sendo sensibilizadas para as temáticas que lhe são caras, dentre elas aquela relativa à reprodução do espaço urbano. Posteriormente, já inserida em um curso de mestrado onde uma das linhas de pesquisa volta-se para estudos sobre família e bem-estar social, tivemos a oportunidade de cursar uma disciplina em que se discutia desenvolvimento sustentável e sustentabilidade urbana. Assim, a formação acadêmica na graduação,

¹ Chamamos de “problemas socioambientais” porque, como afirma Milton Santos, “na medida em que as infraestruturas se somam e colocam ao meio ecológico, e se tornam na verdade uma parte inseparável dele, não seria uma violência considerá-los como elementos distintos?” (1992, p. 08). Por essa razão, não haverá classificação entre problemas ambientais, sociais e urbanos.

aliada à aproximação dos conteúdos sobre sustentabilidade urbana, foi o primeiro passo para incentivar o desenvolvimento de uma pesquisa que pudesse refletir sobre o viver em uma cidade tendo como referência seus problemas socioambientais.

A proposta do estudo desenvolvido foi conhecer e analisar a percepção da população viçosense quanto ao viver na cidade, tendo como referência sua realidade socioambiental. Nosso propósito foi trabalhar na perspectiva da percepção ambiental, entendida como

[...] processo mental de interação do indivíduo com o ambiente, em que atuam simultaneamente mecanismos perceptivos propriamente ditos (*a priori* os cinco sentidos), e mecanismos cognitivos (compreendidos por valores, conhecimentos prévios, humores, motivações, etc.). Isso implica em dizer que o significado e a importância atribuídos às coisas percebidas variam de pessoa para pessoa e, ou, de grupo para grupo segundo a sua experiência no espaço do cotidiano, ou seja, relacionando-se de forma intrínseca à vivência de um dado lugar (ou lugares) (DEL RIO, 1996, *apud* CASTRO, 2001).

Se no processo de percepção interferem os cinco sentidos e os mecanismos cognitivos a partir de experiências vivenciadas (CASTRO, 2001), não se pode esquecer que só se percebe aquilo que a mente atribui significado, sendo a percepção seletiva, exploratória, antecipadora e o primeiro passo no processo de mudança de comportamento diante da atual realidade ambiental e social (OLIVEIRA, 2002).

Assim, entende-se que conhecer a percepção da população viçosense quanto ao viver em uma cidade, no contexto de sua realidade socioambiental, seria um passo importante para a identificação das possibilidades, dos limites e desafios para se pensar na construção de uma consciência ambiental, mais ética e transformadora, que exige mudanças concretas por parte da sociedade como um todo.

1.1 Contextualização e delimitação do problema

A cidade, produto das relações humanas de produção, consumo e viver, é o espaço onde se concretiza a divisão internacional do trabalho. Nos países conhecidos como periféricos, a industrialização se firmou no século XX e, segundo Matos e Braga (2005), foi durante esse processo de expansão industrial que a urbanização se tornou mais evidente e se materializou. As consequências foram a sobreposição e criação de contradições sociais de grandes proporções, uma vez que intensificou a dependência

com o sistema internacional. No caso do Brasil, foi marcadamente a partir da década de 1930 que a sociedade urbano-industrial se consolidou e, a partir daí, pouco a pouco o país deixou de ser uma economia exclusivamente primário-exportadora, tornando-se membro do grupo de países de industrialização retardatária e dependente.

No contexto de 1930, o Brasil iniciou a sua política de substituição de importações, que visava entre outras coisas, estruturar a indústria de base e equipar seu território de redes de transporte para escoar a produção. É ainda em meados da década de 1930 que ocorre a descentralização da indústria, deixando de ser restrita ao eixo Rio de Janeiro – São Paulo para se estender em direção a Minas Gerais, aos estados do Sul e do Nordeste, principalmente. Soma-se a esses fatores a mecanização/modernização da agricultura, que intensificou o êxodo rural. Neste contexto foi se delineando a urbanização do país, exercendo os centros urbanos atração de grande contingente populacional à procura de emprego e melhoria da qualidade de vida.

As décadas de 1940 e 1950 se caracterizaram pela modernização e consolidação da década anterior. É o momento da instalação de indústrias modernas, e não mais apenas de base, fortalecimento da cultura do consumo, integração mais estreita com os demais países, entre outras mudanças. Esse cenário confirma o que dizem Matos e Braga (2005), quando argumentam que tanto nos países centrais do capitalismo quanto em suas periferias integradas, a sociedade urbano-industrial exigiu grandes níveis de produção e reprodução espacial.

É possível situar o município de Viçosa no contexto das transformações econômicas, sociais e espaciais que marcaram a sociedade brasileira como um todo. Contudo, reconstruindo a história do município, pode-se identificar as particularidades do seu processo de urbanização.

Diferentes estudiosos mostram que o processo de urbanização de Viçosa está intimamente ligado à implantação, em 1922, da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), hoje Universidade Federal de Viçosa. A escolha por Viçosa se deve à influência de Arthur Bernardes², político viçosense que, na época, era o presidente da república.

A influência dessa instituição de ensino na cidade vem desde os primeiros tempos. Contudo, com a ampliação do número de cursos de graduação e pós-graduação

² Arthur Bernardes, natural de Viçosa, MG, foi presidente da República (1922 - 1926) e teve papel fundamental no destino de sua terra natal, em função de sua participação marcante na instalação da ESAV em Viçosa.

desde a década de 1960, as repercussões para a cidade se intensificaram. Ao se instalar em Viçosa, a instituição impulsionaria a vinda de estudantes e de uma população interessada em possíveis postos de trabalho. Porém, a partir de 1960, concomitante à expansão da instituição, houve um aumento populacional em Viçosa e inversão entre população rural e urbana no município. A partir de 1960, a população urbana ultrapassa a rural e em cinco décadas essa população chegou a 68.534 pessoas.

Neste contexto, o processo de urbanização da cidade foi se constituindo. A concentração da população na área urbana, a falta de planejamento e a presença do poder público, aliado aos interesses do capital imobiliário e a omissão da população fez e, ainda faz, de Viçosa, uma cidade, que sofre os mesmos problemas dos grandes centros urbanos do país.

Diferentes pesquisadores, como Mello (2002), Carneiro e Faria (2005) e Pereira (2005), dedicaram-se a estudar Viçosa e identificaram uma série de problemas socioambientais, dentre eles a ocupação de encostas e topos de morros, desmatamento, contaminação dos recursos hídricos, especulação imobiliária, segregação sócioespacial, verticalização, poluição sonora e visual, dentre outros.

Pelo conhecimento dos trabalhos dos referidos pesquisadores e pela aproximação de discussões teóricas sobre sustentabilidade urbana e nova ética ambiental, ficava evidente que a cidade de Viçosa encontrava-se longe da sustentabilidade urbana e da ética ambiental, apresentada por Henrique Leff (2001).

Foi partindo dessa realidade que o presente trabalho foi desenvolvido. Tendo como referência os problemas socioambientais apresentados pelos autores citados anteriormente, construiu-se a problematização para o trabalho de pesquisa. Ou seja, se os problemas socioambientais são concretos e afetam a cidade de Viçosa, será que a população os percebe? Se percebidos, sob que perspectivas eles são focalizados? Será que a população se sente parte integrante e coparticipante da produção e, ou, minimização dos referidos problemas? Em que medida a percepção da população possibilita pensar na construção da sustentabilidade urbana e da nova ética ambiental?

O estudo foi desenvolvido focalizando a cidade em sua constituição física, sua materialidade e seus problemas concretos, mas foi além ao trazer a discussão sobre sua urbanidade; ou seja, o objeto de estudo foi o viver na cidade de Viçosa, a partir da percepção daqueles que a vivenciam.

1.2 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa foi refletir sobre o viver na cidade de Viçosa, a partir da percepção de seus moradores, tendo como referência seus problemas socioambientais, procurando identificar as possibilidades e, ou, os limites para se pensar na construção da sustentabilidade urbana e nova ética ambiental.

Especificamente, o trabalho buscou:

- apresentar uma síntese do processo de reprodução do espaço urbano de Viçosa, identificando mudanças ao longo do tempo, com rebatimentos nas questões socioambientais que se materializam na paisagem;

- apreender e analisar a percepção da população de Viçosa em relação ao viver na cidade, tendo como referência os problemas socioambientais que se materializam na paisagem urbana;

- verificar se a população se reconhece como corresponsável e coparticipante pela produção e, ou, minimização dos problemas socioambientais; e

- analisar em que medida a percepção da população sinaliza para a possibilidade e, ou, para os limites para se pensar na construção da sustentabilidade urbana e nova ética ambiental.

1.3 Metodologia

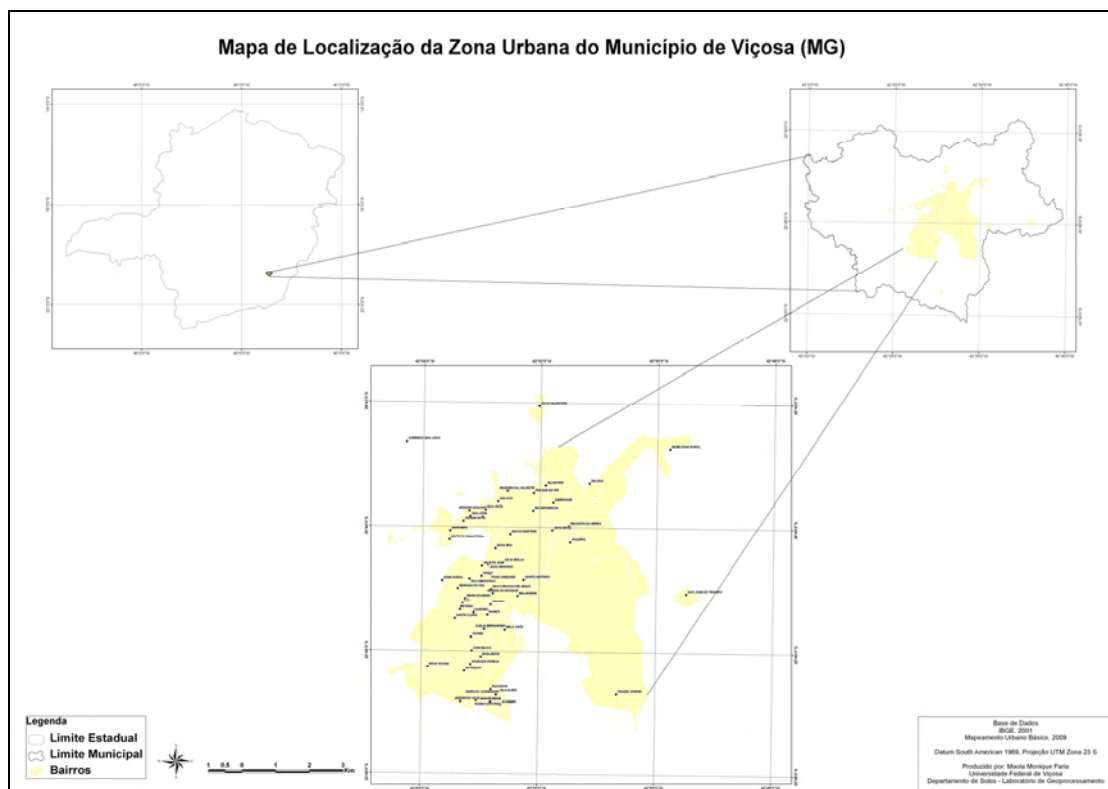
1.3.1 Área de estudo

Este trabalho foi realizado no município de Viçosa (Figura 1), localizado em uma das sete microrregiões da Zona da Mata mineira. O município possui 72.244 habitantes (IBGE, 2010), em uma área de 300,15 km². Dista aproximadamente 225 km de Belo Horizonte. O município limita-se ao norte com os municípios de Teixeiras e Guaraciaba, ao sul com Paula Cândido e Coimbra, a leste com Cajuri e São Miguel do Anta e a oeste com Porto Firme, e é servido pelas rodovias BR 120, MG 280 e MG 356.

1.3.2 Modalidade e natureza da pesquisa

O trabalho foi desenvolvido a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa, mais precisamente um estudo descritivo. A pesquisa qualitativa consiste em

um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (NEVES, 1996, p. 1).



Fonte: Maola Monique Faria, Departamento de Solos – UFV (2011).

Figura 1 – Localização do município e da zona urbana de Viçosa.

Optou-se pela metodologia qualitativa, primeiramente, por se acreditar que as ciências sociais e humanas não devem ser conduzidas por processos quantificáveis, que culminariam em leis e explicações gerais. Busca-se, em vez disso, compreender a relação dinâmica que existe entre o sujeito e as suas subjetividades, e o mundo objetivo em que habita, de forma específica (LUDWIG, 2003, p. 22).

Além disso, a pesquisa qualitativa permite um contato direto entre o pesquisador e seu objeto de estudo, o que adquire grande relevância quando se entende que “circunstâncias particulares em que determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo” (LUDWIG, 2003, p. 23). Considera-se importante ainda o fato de a pesquisa qualitativa privilegiar o processo de pesquisa, deslocando o foco do produto. Isso significa que o olhar do pesquisador deve estar na forma como o problema ou fenômeno se manifesta, seja nas atividades desenvolvidas, nos procedimentos e nas interações cotidianas (idem).

As perspectivas da pesquisa qualitativa apontadas nortearam e viabilizaram a realização da pesquisa, na qual era preciso conhecer os processos sociais, os elementos constituintes e os agentes condutores do processo de urbanização e reprodução do espaço urbano de Viçosa. Para isso, era preciso transcender os problemas socioambientais que se materializam na paisagem, para que se pudesse apreender a percepção sobre o viver na cidade a partir de quem a vivencia.

1.3.3 A construção dos dados

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido a partir de diferentes fontes de dados. Como em qualquer trabalho científico, iniciou-se com uma incursão teórica que pudesse embasar a pesquisa propriamente dita, a partir de referências sobre as categorias centrais do estudo: reprodução do espaço urbano; percepção ambiental; ética ambiental; e sustentabilidade urbana.

Com relação aos dados empíricos utilizou-se:

1. Fontes secundárias, constituídas por artigos científicos, cujo foco era a cidade de Viçosa, em diferentes momentos, dos quais foi possível obter informações importantes sobre o seu processo de urbanização, bem como sobre suas questões socioambientais.

2. Documentação fotográfica, oriunda de um levantamento realizado no Arquivo Histórico da UFV e na Secretaria de Cultura e Patrimônio de Viçosa. As imagens selecionadas tinham como objetivo identificar e contextualizar mudanças ocorridas ao longo do tempo e que tiveram desdobramentos em relação às questões socioambientais. Nesse sentido, o que se buscava eram imagens sobre a paisagem urbana em diferentes momentos.

3. Imagens fotográficas por nós produzidas, segundo nossa percepção, com as quais se objetivava retratar questões socioambientais que se revelam materializadas na paisagem.

4. Com relação especificamente à percepção da população, foram utilizadas três fontes de dados:

- 4.1 – O olhar do morador a partir de entrevistas.

Procurou-se envolver pessoas de diferentes pontos da cidade, com diferentes níveis socioeconômicos, escolaridades, idades, sexo e tempo de residência em Viçosa.

A intenção foi abarcar diferentes olhares em relação ao mesmo objeto: a cidade de Viçosa. A cidade é composta por 46 bairros. Destes, 28 possuem associação de moradores de bairro ativas e associadas à União Municipal de Associações de bairros e distritos de Viçosa e região (UMAM). Diante da dificuldade em entrevistar indivíduos dos diferentes bairros de Viçosa, optou-se por trabalhar com aqueles que possuíam Associação de Moradores, considerada um facilitador para a aproximação com os possíveis entrevistados.

No Retrato Social de Viçosa³ são apresentados os diferentes bairros da cidade, agrupados em 12 macrorregiões, segundo divisão elaborada pelo IBGE. Doze bairros dão nome às macrorregiões, em função de sua representatividade numérica (número de moradores) e espacial (área ocupada), que eram os bairros de maior interesse desta pesquisa. Assim, foram selecionados os bairros que representavam as diferentes macrorregiões e que possuíam associações de moradores formadas e ativas, quais sejam: Bom Jesus, Fátima, Nova Era, Nova Viçosa, Santa Clara e Santo Antônio. Foram entrevistados cinco moradores de cada bairro, perfazendo um total de 30 entrevistados, divididos em cinco grupos: homens, mulheres, jovens, idosos, e representantes de moradores.

Inicialmente, foram feitas visitas às reuniões da UMAM para estabelecer os primeiros contatos com os presidentes das associações dos bairros selecionados, explicar os objetivos do trabalho que se pretendia realizar e consultar sobre a possibilidade de que os mesmos ajudassem a definir possíveis entrevistados em cada localidade, além de serem facilitadores no processo de contato e encaminhamento das entrevistas⁴. Posteriormente, foi feito um segundo contato com os presidentes das associações para agendar as visitas aos bairros. Essas visitas aconteceram durante os meses de outubro e novembro de 2011, quando foram realizadas as entrevistas.

4.2 – Consulta às atas das reuniões da Câmara Municipal de Viçosa.

Foram feitas consultas às atas das reuniões do referido órgão entre os anos de 2001 e 2010, com o objetivo de conhecer as principais reclamações da população de Viçosa em relação à cidade.

³ Documento elaborado pelo Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável (CENSUS), que visa suprir uma lacuna em termos de estatísticas atualizadas sobre Viçosa. A consulta para este trabalho foi feita na 3ª edição do documento.

⁴ O perfil dos entrevistados está apresentado no Anexo 1.

4.3 – Consulta à mídia escrita

Após definir pela pesquisa no jornal de maior circulação de Viçosa, foram consultadas edições referentes ao período de 2001 a 2011, objetivando identificar possíveis problemas percebidos e manifestados pela população, assim como possíveis soluções apontadas.

1.3.4 Procedimento de análise dos dados

As análises foram realizadas com base nas diferentes fontes de dados. Com relação aos dados secundários, não se tratava de fazer uma análise propriamente dita. O que se buscou foi extrair e organizar as informações a partir de diferentes artigos científicos que retratavam o processo de urbanização de Viçosa e os consequentes problemas socioambientais que se materializaram na paisagem.

As análises das imagens, tanto as históricas quanto as atuais, foram feitas a partir de observações, algumas com o auxílio de lupa, identificando elementos relevantes para o estudo e estabelecendo comparações entre os diferentes momentos, o que possibilitou identificar mudanças que aconteceram em Viçosa ao longo do tempo.

Inicialmente, os dados obtidos nas entrevistas foram transcritos na íntegra e, posteriormente, submetidos à análise, na qual se fez uso da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, *apud* SILVA *et al.*, 2005). Esta técnica consiste em três fases: 1) pré-análise, na qual é feita a organização do material da coleta de dados e outros materiais que ajudem a compreender o fenômeno; 2) descrição analítica, na qual o material reunido é orientado pelas hipóteses e pelo referencial teórico, elaborando os primeiros quadros de referência, sínteses coincidentes e divergentes, etc.; e 3) interpretação referencial, onde se aprofunda a conexão entre as ideias e elaboram os resultados e as conclusões da pesquisa.

Com os dados obtidos na Câmara Municipal foi possível identificar nove categorias: iluminação, limpeza, calçamento, rede água e esgoto, sinalização, muro de arrimo, lazer, transporte e segurança. A partir dessa categorização, foi contabilizada a frequência com que os itens apareceram no período entre 2001 e 2010. Já os dados encontrados nas reportagens do jornal Folha da Mata foram agrupados em “manifestação dos moradores” e “busca por soluções”. Em seguida, esses dados foram analisados no sentido de identificar quais eram as questões mais manifestadas pela população e as tentativas de solucioná-las.

É importante mencionar que tanto o trabalho com as atas da Câmara municipal quanto com o jornal possuem limitações. No caso das atas, há que se considerar o fato de que esses documentos são elaborados por um grupo específico, ou seja, pelo poder legislativo municipal, podendo haver distorções. Algo semelhante acontece com o jornal. Esta fonte também pertence a um grupo privado, cujas tendências podem se revelar nas reportagens. Mesmo havendo a necessidade relativizar suas informações, entende-se que os dados contidos nestes documentos possuem relevância para este estudo e não invalidam o seu uso.

Com relação à percepção da população, oriunda das três diferentes fontes de dados, teve-se a intenção de cruzar as informações, buscando recorrências ou destaques.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Se procurar bem você acaba encontrando. Não a explicação (duvidosa) da vida, Mas a poesia (inexplicável) da vida.

Carlos Drummond de Andrade

2.1 Reprodução do espaço

Para falar em reprodução do espaço nos remetemos ao conceito de espaço. Segundo Silva (1986), *apud* Santos (1988), dentre as categorias de análise da geografia – espaço, lugar, região, território e paisagem – a mais geral e que inclui as demais é *espaço*. Em suas obras, Santos estabelece algumas definições para o conceito, sempre seguindo a ideia principal: o espaço como a soma da morfologia/materialidade e de seus diferentes sentidos e suas relações sociais, ou seja, trabalho vivo (relações sociais) somado ao trabalho morto (paisagem). Em “Metamorfose do Espaço Habitado”, o autor define:

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos: não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (1988, p. 25).

Portanto, não há passividade e neutralidade quando se fala de espaço. Ele não é apenas um reflexo da sociedade, mas, sim, um “condicionante condicionado”, assim

como as outras estruturas sociais. “O espaço é uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestida de certa autonomia, na medida em que sua evolução se faz segundo leis que lhe são próprias” (SANTOS, 1988b, p. 14).

Para esclarecer, Santos (1988) faz uma metáfora para esta categoria, dizendo ser o espaço o “casamento” entre a sociedade e a paisagem, e lembra: “o espaço contém o movimento” (p. 25). E é por esse dinamismo que o espaço se refaz constantemente, em uma soma infundável de relações.

Santos, na obra “A Natureza do Espaço” (2006), esclarece que os componentes do espaço sofreram mudanças ao longo do tempo em função do desenvolvimento e da modernização das técnicas. No início era a natureza selvagem e seus objetos naturais. Aos poucos, a natureza é substituída por objetos técnicos, fabricados pelo homem, cada vez mais mecanizados, e que hoje são cibernéticos, o que faz com que a natureza fabricada funcione como uma máquina. Esses objetos são verdadeiras próteses no ambiente, sem os quais não há produção. Hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem e estradas de ferro são alguns exemplos dessas próteses indispensáveis para a reprodução do espaço atual.

Sendo assim, “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes” (SANTOS, 2006, p. 39). Cabral (2007) esclarece que o sistema de objetos é aquele que molda ou condiciona a forma como as ações se dão, e o sistema de ações leva à elaboração de objetos novos ou se realiza sobre objetos que já existem.

Santos (1999), *apud* Cabral (2007), resume: “o espaço é a síntese, sempre *provisória*, entre o conteúdo social e as formas espaciais” (grifo nosso). Cabral complementa: “Sobretudo, o espaço deve ser concebido como algo que participa da condição do social e do físico, um misto, um híbrido” (p. 147).

Ao falar em síntese provisória, Santos (1999) se refere às constantes releituras que o homem faz de si mesmo e do mundo que o circunda. Essa releitura significa que, de acordo com suas novas possibilidades e necessidades, o homem cria e recria seu mundo, seu habitat, seu viver. Sendo assim, há uma constante *(re)produção do seu espaço* habitado.

Carlos (1994) explica esse fenômeno. Segundo ela, é fato que o homem precisa ocupar um determinado lugar no espaço para que possa viver. Porém, de acordo com a autora, essa ocupação não envolve apenas o ato de ocupar em si, mas, também, de

produzir esse espaço⁵. Essa produção se dará no sentido de prover suas necessidades de existência e de elaborar formas de produzir seu meio de vida. “A natureza aos poucos deixa de ser natural, primitiva e desconhecida, para se transformar em algo humano. A paisagem ganha novas cores e matizes, novos elementos, é reproduzida de acordo com as ‘necessidades humanas.’” (p. 48-49).

A complexidade dessa produção dependerá do desenvolvimento de forças produtivas da sociedade que a determina. Para Marx e Engels, é preciso entender que não se trata apenas de reprodução da vida física dos indivíduos. Trata-se também da forma como esses indivíduos manifestam a vida, manifestam seu modo de vida específico, determinado. “O que são (os indivíduos) coincide, portanto, com sua produção; isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma pela qual produzem” (MARX; ENGELS, 1980, *apud* CARLOS, 1994).

Essa produção do espaço acontece no cotidiano das pessoas e surge como forma de ocupação e utilização de um lugar em momento específico. A cidade surge como uma das formas de apropriação desse espaço, que se expressa pelo uso do solo, que, no caso da sociedade capitalista, será determinado pelo processo de troca que se efetua no mercado. Assim, o que se entende é que o urbano deve ser considerado de um lado como condição geral de realização do processo de produção do capital e, de outro, o produto desse processo, fruto de contradições que se manifestam em função do conflito gerado pela dissonância entre as necessidades do capital e as necessidades da sociedade como um todo (p. 14).

Portanto, sinteticamente,

A produção do espaço consiste na realização prática de produção de objetos “geograficizados” segundo uma dada lógica econômica, e destinam-se a cumprir funções diferenciadas em sintonia com as necessidades de reprodução das relações sociais de produção e da divisão social do trabalho (GODOY, 2004, p. 31)

De acordo com Carlos (1994), o caminho encontrado para a materialização das atividades de produção do espaço urbano dependerá de alguns fatores específicos do lugar. Por exemplo, em um lugar dedicado à produção, o principal fator a ser considerado é o da diminuição dos custos. Essas diferenciações geram conflitos, que, por sua vez, serão orientados pelo mercado. A consequência disso é um limitado

⁵ De acordo com Godoy (2004), a expressão “produção do espaço”, provavelmente foi cunhada por Lefebvre nos anos de 1960, e corresponde aos processos de reprodução das relações capitalistas de produção.

conjunto de escolhas e condições de vida, que se expressarão na desigualdade e heterogeneidade da paisagem urbana.

Por essa razão, existirão áreas com diferentes preços de acordo com sua localização. Esse fenômeno pode se expressar tanto dentro do espaço urbano, onde o acesso a pontos chave são facilitados ou pela presença/ausência de infraestrutura básica, quanto entre cidades e países, por sua posição econômica, vocação comercial e índices sociais. É a expressão da segregação socioespacial, definida por Carlos da seguinte forma:

As classes de maior renda habitam as melhores áreas, as mais centrais, ou as abandonam (no caso das grandes cidades onde afloram seus aspectos negativos como poluição, barulho, congestionamento) em busca de lugares mais distantes do centro, em busca de um novo modo de vida em terrenos mais amplos, arborizados, silenciosos, e com maiores possibilidades de lazer. À parcela de menor poder aquisitivo da sociedade resta as áreas centrais, deterioradas e abandonadas pela população de alto poder aquisitivo, ou ainda a periferia, logicamente não a arborizada, mas aquela onde os terrenos são mais baratos, devido à ausência de infra-estruturas, à distância das “zonas privilegiadas” da cidade, onde há possibilidade de autoconstrução, a casa construída em mutirão. Para aqueles que não têm se quer essa possibilidade, o que sobra é a favela, cujos terrenos, em sua maioria, são lugares onde os direitos de propriedade não vigoram. [...] Em suma, é o processo de reprodução do capital que vai indicar os modos de ocupação do espaço pela sociedade, baseados nos mecanismos de apropriação privada (p. 89).

Sendo assim, o uso do solo é um produto do processo de produção da humanidade e tem como consequência a organização do espaço urbano. Essa organização seria, para Lipietz (1974), *apud* Carlos (op. cit.), o quadro de vida da sociedade e o reflexo do modo de produção capitalista e seus imperativos. Assim, a cidade é vista como uma aglomeração para a produção. Porém, Carlos não adere à ideia do autor. Para ela, o processo de trabalho é em si um processo de valorização para o capitalismo. Além disso, o ciclo do capital é a base para a discussão da reprodução do espaço urbano, e esse ciclo se fundamenta na união entre processos de produção e circulação.

O espaço urbano analisado do ponto de vista da cidade, como concentração que possibilita a produção e circulação do capital, portanto, de sua reprodução, não exclui sua consideração como produto da produção social, implicando com isso um determinado “modo de vida” para a sociedade urbana (p. 92).

O que não se pode perder de vista é que essa reprodução inclui, inegável e inevitavelmente, as pessoas. O homem é o elemento central na discussão da produção do espaço. É ele, ao mesmo tempo, o criador do mundo e produto da sociedade. O homem, que em função das suas condições e situações sociais e históricas específicas, teve sua humanidade produzida ao longo da história. “No cerne desse processo está a relação com o mundo e consigo mesmo, a partir do trabalho, como processo consciente, na medida em que é ele que transforma a realidade objetiva (entendida como natural e social), na construção da própria realidade humana” (CARLOS, 1994, p. 19).

Diante disso, é possível compreender que a sociedade como um todo, enquanto produz suas condições de vida a partir das relações capital-trabalho, produz o espaço geográfico, e com ele um modo de vida, de pensar, de sentir, e que pensar o urbano significa igualmente pensar a dimensão do humano. Daí emerge a importância de se entender que a natureza do espaço tem sua origem no entendimento da sociedade, dos problemas que interferem no dia a dia da população, do seu modo de vida, de suas angústias e suas possibilidades de realização como seres humanos. Portanto, é relevante afirmar que “o espaço geográfico não é humano porque o homem o habita, mas antes de tudo porque é produto, condição e meio de toda a atividade humana” (CARLOS, 1994, p. 33).

2.2 Percepção e percepção ambiental

De acordo com Henrique Leff (2002), a questão ambiental tem caráter social, ou seja, foi gerada por um conjunto de processos sociais. Apesar disso, as ciências sociais não fizeram mudanças em seus conceitos, métodos e paradigmas teóricos que pudessem abordar verdadeiramente as relações entre processos sociais e as mudanças ambientais decorrentes de seu modo de vida e produção. Segundo ele, essa adaptação conceitual é fundamental para que se deixe de ver a questão ambiental como algo ligado somente à ecologia generalizada e às soluções tecnológicas, e compreender que ela faz parte do terreno dos processos de ordem social. Isso corresponderia à ideia de que a solução dos problemas ambientais implicaria na ativação e objetivação de um conjunto de processos sociais:

A incorporação dos valores do ambiente na ética individual, nos direitos humanos e na norma jurídica dos atores econômicos e sociais; a socialização do acesso e apropriação da natureza; a democratização dos processos produtivos e do poder político; as reformas do Estado

que lhe permitam mediar a resolução de conflitos de interesses em torno da propriedade e aproveitamento dos recursos e que favoreçam a gestão participativa e descentralizada dos recursos naturais; o estabelecimento de uma legislação ambiental eficaz que normatiza os agentes econômicos, o governo e a sociedade civil; as transformações institucionais que permitam uma administração transestorial do desenvolvimento; e a reorientação interdisciplinar do desenvolvimento do conhecimento e da formação profissional (LEFF, 2002, p. 112).

Por ser assim, Leff (op. cit) afirma que a complexidade das questões que envolvem o meio ambiente implica na necessidade de uma mudança radical do pensamento, da mentalidade, do conhecimento e das práticas educativas. Essas mudanças levariam à construção de um novo saber, uma nova racionalidade que proporcione, de fato, um mundo de sustentabilidade, de equidade, de democracia. “A crise ambiental remete-nos a uma pergunta sobre o mundo, sobre o ser e o saber que nos leva a repensar e a reaprender o mundo” (Idem, p. 196).

Ribeiro (2003), *apud* Oliveira *et al.* (2008), afirma que as concepções de natureza, formadas pela sociedade, são produtos da interação entre a cultura humana e o ambiente em que convivem, e isso varia em função dos valores que se estabelecem em determinado local e época (p. 58). Para que isso possa se efetivar, é importante que se compreenda que esse saber e suas consequentes práticas estão diretamente ligadas às variadas visões de mundo, às diferentes percepções.

Para além da cultura, para questões que influenciam grupos, há ainda as questões pessoais que também têm forte influência nas formas de ver e perceber o ambiente. Segundo Soulé (1997), *apud* Macedo *et al* (s/d), “cada um de nós é uma lente exclusiva, fundamentada e polida por temperamento e educação. E nossas respostas à natureza – ao mundo – são tão diversas como nossas personalidades [...]” (p. 2). Isso significa que motivação pessoal, sentimentos, valores, objetivos, interesses, expectativas e outros estados mentais influenciam no que as pessoas percebem (VENTURIN *et al.*, s.d.).

Por esse motivo, cada um possui a sua própria visão de mundo, que nunca é objetiva, uma vez que é composta por um conjunto de realidades subjetivas. Significados, sistemas de valores e interpretações dependem de fatores sociais e, ou, intrínsecos ao indivíduo. Portanto, a cognição é elaborada a partir do cotidiano do indivíduo. Sendo assim, todo o ambiente que envolve o homem, seja físico, social, psicológico ou até mesmo imaginário, influencia a percepção e a conduta (DEL RIO, OLIVEIRA, 1996, p. XII - XIII).

Nesse sentido, Gomes (s.d.) entende como fundamental as mudanças de comportamento, as condutas e os valores para discutir formas de melhorar o meio ambiente. Do outro lado, para que essas mudanças tenham o efeito esperado é preciso conhecer de que forma o homem se relaciona com o meio, e isso acontece por meio da percepção das pessoas em relação ao meio em que vive.

Miranda (2008) afirma que os estudos sobre percepção ambiental, em uma visão holística, abordam questões que possibilitam entender que o comportamento humano é resultante de um processo perceptivo, no qual o ambiente possui um papel fundamental. Nesse caso, a variável de maior importância está na harmonia e na boa convivência com o ambiente (RUSCHEINSKY, 2002).

Porém, Rampazzo (1996), *apud* Miranda (2008), afirma que a sociedade atual tem agido de forma contrária a esses preceitos de harmonia e boa convivência. Segundo ele, nós somos produto de um modelo de desenvolvimento que se propõe a avançar nos setores industrial e tecnológico, cuja base é a dependência dos recursos naturais em uma grande dimensão. Esse modelo leva para a construção de uma sociedade pautada no antropocentrismo, consumismo exagerado, competição, individualismo e egoísmo. Nossa visão imediatista vem provocando diversos impactos ambientais e sociais perceptíveis. Para Capra (1996), *apud* Miranda (2008), esses problemas precisam ser vistos como diferentes facetas de uma única crise: a crise de percepção. Mas, o que seria *percepção*?

Para Melazo (2005), *apud* Oliveira *et al.* (2008), a percepção ocorre quando as atividades dos órgãos dos sentidos estão associados com atividades cerebrais. Ela pode ser desenvolvida por meio da funcionalidade dos sentidos, o que a faz ser diferente em cada indivíduo. Estes significados representam valores que são atribuídos de acordo com a cultura, a história, a idade, o sexo, a educação, a classe social, a economia, a política, a religião, a individualidade, as preferências, as atitudes e atribuições do meio ambiente (ADDISON, 2003; RIBEIRO, 2003; MELAZO, 2005; TURENE, 2006).

Ainda nas palavras de Melazo (2005), as sensações são estimuladas através dos cinco sentidos humanos: visão, olfato, paladar, audição e tato.

Com estes estímulos ocorre a formação das idéias e da compreensão do mundo que nos rodeia, norteados pela inteligência que possui cada indivíduo, bem como de seus valores éticos, morais, culturais, etc., que tornam assim o indivíduo capaz de pensar e agir sobre sua realidade (p. 65-66).

Em um sentido mais social e menos biológico, Davidoff (1983), *apud* Macedo *et al.* (s.d.), define percepção como o processo de organizar e interpretar sensações recebidas para desenvolvermos a consciência de nós mesmos e do ambiente que nos cerca. Percepção implica em interpretação. Nesse mesmo sentido, Macedo (2000) diz que a percepção são as diferentes formas que os seres humanos têm de captar, perceber e se sensibilizar pelas diferentes realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos, processos ou mecanismos ambientais observados *in loco*.

Ao longo da vida, as percepções das pessoas se adaptam continuamente. Ela não é estática e imutável, uma vez que depende de características pessoais que se alteram com o passar do tempo, de acordo com aquilo que vivemos e assimilamos. Um exemplo seria as expectativas. Macedo (s.d.) afirma que as nossas expectativas influenciam nossas percepções de várias maneiras.

Nossa tendência é dar ênfase aos aspectos dos dados de realidade que se acham em harmonia com nossas crenças. Quando valorizamos algo, a nossa tendência é a de ver essa coisa como maior do que é. Reconhecemos as coisas que nos interessam mais depressa do que as nos aborrecem (Macedo *et al.*, s.d. p. 3).

Importa aqui tratar especificamente da percepção ambiental, visto que ela é considerada a precursora do processo que desperta a conscientização do indivíduo em relação às realidades ambientais observadas. Ou seja, é relevante aqui os significados atribuídos à questão ambiental, já que “as percepções se tornam a linguagem que o homem desenvolve para atuar na natureza e construir o seu espaço” (TURENE, 2006, *apud* OLIVEIRA, 2008 p. 64-65).

Segundo Oliveira e Machado (1987), *apud* Castro (s.d.), percepção ambiental é inerente a todos os indivíduos, já que a adquirimos por meio do contato atual, direto e imediato com os objetos que compõem o mundo à nossa volta e com seus movimentos. Em função da constante transformação pela qual passa o ambiente – seja pelos processos da natureza, seja pelos processos sociais, econômicos, políticos e, ou, culturais – a percepção desse ambiente também sofre transformações.

Porém, a variedade de percepções ambientais não se justifica apenas por isso. O fato de o ambiente percebido assumir diferentes formas, construídas a partir dos diversos pontos de vista, além do repertório cultural de indivíduos e grupos sociais, faz surgir outro tanto de formas de se perceber o ambiente circundante (OLIVEIRA; MACHADO, 1987, *apud* FERRARA, 1996, *apud* CASTRO, s.d.).

As variações apresentadas anteriormente acontecem também quando falamos em percepção ambiental. Segundo Alirol (2001), *apud* Oliveira e Corona (2008, p. 54), “diferentes atores não vêem os problemas ambientais e de desenvolvimento da mesma maneira [...]. O sentimento de responsabilidade, ou a idéia que dele se faz, varia enormemente, conforme a categoria social ou profissional à qual se pertence”. (p. 54). Oliveira e Corona (2008) explicam que essas diferentes visões e posturas diante da problemática ambiental tem sua origem nas diferentes maneiras de se compreender a questão ambiental, como também nas diferenças de postura, noções e interpretações científicas sobre o que é meio ambiente.

A percepção ambiental, de acordo com Del Rio (*op. cit.*, *apud* CASTRO, s.d.), é

processo mental de interação do indivíduo com o ambiente, em que atuam simultaneamente mecanismos perceptivos propriamente ditos (a priori os cinco sentidos), e mecanismos cognitivos (compreendidos por valores, conhecimentos prévios, humores, motivações, etc.).

Isso quer dizer que as coisas percebidas terão significado e importância diferentes para cada pessoa e, ou, grupo, segundo suas próprias experiências no espaço do cotidiano. Sendo assim, a percepção ambiental é construída a partir de interpretações mediadas pela cultura e por estímulos sensoriais que auxiliam na compreensão das inter-relações entre ser humano e meio ambiente. Por esse motivo, cada indivíduo construirá uma compreensão diferente diante de cada experiência vivenciada (GUIMARÃES, 2004, *apud* SILVA FILHO; BRAGA, s.d.).

Morin (2004), *apud* Silva Filho e Braga (s.d.), entende que

a percepção da “realidade” une e constrói o cotidiano de cada pessoa e desenvolve a aptidão para contextualizar os saberes, de modo a produzir um pensamento no sentido em que situa todo acontecimento, informação e conhecimento em relação de inseparabilidade com seu ambiente.

Por essa razão, as experiências ambientais são vivenciadas e representadas pelas pessoas de formas distintas, o que leva a sentimentos e respostas emocionais, que tanto em tipo e quanto em intensidade podem ser bastante diferentes, assim como são proporcionais ao significado que a pessoa atribui aos fatos.

Para Diegues (1997), *apud* Macedo *et al.* (s.d.), a percepção ambiental das sociedades, sejam elas primitivas ou tradicionais, se origina da existência de uma simbiose entre o homem e a natureza. Essa simbiose se manifesta tanto no campo das

atividades práticas – fazer, conhecer e técnicas patrimoniais – quanto no campo simbólico. Dias (1994), *apud* Diegues (1997), *apud* Macedo (s.d.), enfatiza a importância de entender as relações estabelecidas entre as comunidades tradicionais e o ambiente. Segundo ele, o sistema de percepção, de representações, símbolos e mitos que as populações tradicionais constroem são as bases para que elas ajam sobre o meio ambiente, que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo. Considerar estes aspectos peculiares é fundamental para o planejamento das unidades de conservação e para a estruturação de programas de educação ambiental.

Feitas as devidas adaptações, essa afirmação também se aplica para as sociedades modernas, que habitam as cidades e fazem delas tanto um espelho de seu modo de vida, quanto elaboram suas percepções a partir do resultado material dele. Ferrara (1993) assim traduz essa máxima:

As mudanças e transformações ocorridas nas cidades são fruto da história do uso urbano, que revela o que o usuário urbano pensa, deseja, despreza, com base nas escolhas realizadas. Essa interação existente entre contexto e uso urbano transforma a cidade, que se renova constantemente por ser uma apropriação do usuário, que por meio de suas características socioculturais e informativas constrói relações sociais, ambientais, econômicas, políticas e culturais. (FERRARA, 1993, *apud* SILVA FILHO; BRAGA, s.d., p. 4).

De acordo com Ferrara (1988), *apud* Silva Filho e Braga (s.d.), a percepção/leitura do ambiente urbano pelo usuário faz com que a forma como ele interage com a cidade represente de forma mais real o significado que este espaço tem para ele. Em função disso, a cidade é vista como impacto informacional e sugere novas opções de intervenção, já que é preciso adequar a cidade ao uso dos atores sociais presentes. A busca por essa adequação pressupõe maior participação dos atores sociais na gestão do bairro, do município, dos recursos hídricos, entre outras.

Raynaut (2004), *apud* Corona (2006), *apud* Oliveira e Oliveira (2008, p. 56), afirma que é preciso reconhecer que o conceito “meio ambiente” diz respeito, primeiramente, à relação homem e o meio físico e biótico, e que é uma noção multicêntrica. “Ela se aplica aos diferentes olhares dos especialistas, com diferentes escalas de espaço e tempo, com vários níveis de organização, entre outros aspectos” (p. 56).

Tuan (1982), *apud* Oliveira e Corona (2008) traz um exemplo disso quando afirma que há diferença entre as percepções sobre um mesmo ambiente entre o indivíduo nativo e o indivíduo visitante. Segundo ele, o nativo terá uma percepção do

meio muito mais complexa, com base em mitos e valores locais, uma vez que está diretamente inserido nele. Já o indivíduo visitante consideraria mais relevante os critérios estéticos, regulados por um juízo de valor inerente ao visitante. Esse fato demonstra que o grau de percepção ambiental da realidade, dos fatos, das situações ou dos eventos é variável entre os atores perceptivos, em função do seu estado psicológico, envolvimento pessoal, valorização e importância, atribuídos à questão em foco e do nível de conhecimento sobre a natureza.

Mucelin (2007) assim sintetiza a ideia de percepção ambiental urbana:

No ecossistema urbano as condições do ambiente são influenciadas, entre outros fatores, pela percepção de seus moradores, que estimulam e engendram a imagem ambiental determinando a formação das crenças e hábitos que conformam o uso. Os núcleos sócio-perceptivos culturais de um lugar se formam por meio da imagem ambiental individual de seus habitantes (p. 1-2).

Por meio dessa reflexão compreende-se que há na percepção uma relação dialética que se expressa na paisagem. A forma como as pessoas vêem o mundo e, conseqüentemente, usufruem dele, ficará marcada na materialidade do espaço em que habita, ao mesmo tempo em que esse espaço produzido levará a diferentes percepções daqueles que o vivenciam. Por essa razão, ação humana corresponde a mais que uma simples substituição da paisagem primitiva pela paisagem construída. Ela corresponde também às formas diferentes de se apropriar do ambiente, relacionada a variados códigos de existência, a valores éticos/morais adquiridos, a mecanismos de sobrevivência diferentes e, por vezes, divergentes. “Enfim, refletem a substituição de uma postura ou percepção do homem diante do mundo natural, em que a principal diferença ‘é o modo de tratar a natureza’” (MACEDO *et al.*, s.d.).

2.3 Ética ambiental e sustentabilidade urbana

Para que seja possível compreender o conceito de ética ambiental, apresentado por Henrique Leff (2001), é importante pensar, antes, no termo desenvolvimento sustentável. Seu surgimento se dá pela constatação de que o sistema econômico está intimamente ligado a um sistema físico-biológico, o que leva à necessidade de integração entre processo econômico e dinâmica ecológica e populacional (LEFF, 2001, p. 16).

Originalmente, o termo desenvolvimento sustentável, elaborado pela Comissão Brundtland, em 1986, era definido como *o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer as habilidades das futuras gerações de satisfazerem suas necessidades* (WCED, 1986, *apud* BARONI, 1992, p. 16). Essa definição faz parte do relatório *Nosso Futuro Comum*, elaborado por esta comissão. Assim, suas prioridades eram a satisfação das necessidades das camadas mais pobres da população de todo o mundo e atenção às limitações que a tecnologia usada atualmente e a organização social impõem sobre a natureza e os seus recursos (DIEGUES, 1992). Essas prioridades trazem em si uma profunda ambiguidade, conferindo essa característica ao próprio termo.

Na busca de solucionar o problema da indefinição do termo e elaborar linhas de ação, todos os chefes de Estado do mundo foram convocados à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que aconteceu em 1992 no Rio de Janeiro. Nesse evento foi elaborada a Agenda 21, que seria um programa que regulamentaria o processo de desenvolvimento de todo o mundo, com base nos princípios da sustentabilidade. Seu objetivo maior era dissolver as contradições entre desenvolvimento e meio ambiente.

Leff (2001) afirma que durante esse processo de discussões a noção de sustentabilidade foi sendo, ao mesmo tempo, divulgada e vulgarizada. Mesmo porque, observava-se que o termo não contempla de forma clara questões mais amplas, como a diminuição da pobreza e a conservação de questões culturais, além de não apontar o que seria de fato a sustentabilidade. A consequência disso foi a evidente polissemia do termo.

Se o discurso sobre sustentabilidade da década de 1970 se baseava na afirmação de que era necessário desacelerar o crescimento econômico a fim de impedir catástrofes ecológicas, o discurso atual, com ideias neoliberais, diz não haver contradição entre ambiente e crescimento. Pelo contrário, segundo os defensores do desenvolvimento sustentável os mecanismos de mercado são a melhor forma de integrar condições ecológicas e valores ambientais ao processo de crescimento da economia. Esta nova abordagem entende que as leis de mercado ajustariam desequilíbrios ecológicos e diferenças sociais, cujo resultado seria um desenvolvimento sustentável igualitário e justo.

Outra crítica feita por Leff diz respeito à mudança na forma de se apropriar dos recursos naturais. O que antes era feito mediante apropriação primitiva e selvagem, por

meio do desenvolvimento sustentável é feito por uma operação simbólica, com aceitação ideológica da capitalização da natureza, e que se configura na obtenção desses recursos pelos direitos privados de propriedade intelectual. Em termos práticos, seria a afirmação de que a biodiversidade seria um patrimônio comum da humanidade, além de reduzir a população do Terceiro Mundo à parte do capital humano pertencente ao planeta. Em consequência, o que se percebe é uma homogeneização e globalização da racionalidade humana.

Sendo assim, além das intenções e divergências ideológicas, as propostas de desenvolvimento sustentável tentam limitar também as forças culturais e da natureza, convencendo populações locais a avaliar a natureza que os acolhe como mercadorias, e negociá-la com empresas transnacionais de biotecnologia.

Diante disso, é possível concordar com Acsehrad e Leroy (2003) quando afirmam:

Um olhar sobre os anos 90 indica de fato que o adjetivo *sustentável*, acoplado ritualmente ao *desenvolvimento*, significa para a ideologia dominante tão somente *durabilidade*. Parece confirmar-se assim essa observação cáustica: “Depois de ter tornado o ‘desenvolvimento’ universal, já que ninguém lhe escapa de agora em diante, inclusive os pobres, é necessário fazê-lo eterno” (p. 19).

Diante das críticas e até mesmo das utopias subjacentes ao desenvolvimento sustentável, Leff (2001) indica o surgimento de uma nova e pertinente ética ambiental. Essa nova ética levanta a importância de se revalorizar a vida do ser humano, e se expressa nas lutas de resistência das comunidades camponesas e indígenas que sofrem pressão para serem convertidas em reservas etnológicas, para “vender” os recursos naturais que são encontrados em seus territórios e a abdicar de sua cultura.

Essa nova racionalidade, que toca a produção e a diversidade cultural, é bem colocada por Acsehrad e Leroy (2003), quando discutem para que e para quem produzir. O que os autores abordam é a importância de se discutir e, posteriormente, adotar um novo modelo de produção e consumo que vise um produzir e consumir mais associado às dimensões qualitativas, interativas e articuladas para o novo modelo de desenvolvimento.

A proposta é uma mudança de concepção de riqueza, prosperidade, qualidade de vida, que é um dos apontamentos da própria Agenda 21. Uma forma de se alcançar isso é ver a vida, segundo os autores, pelo olhar da cultura, das tradições, das diferentes formas de apropriação dos territórios, da simbologia e do uso do meio ambiente. Porém,

a realidade é que “estamos tão acostumados ao estilo de vida dito moderno que é difícil sequer pensar em algo diferente” (p. 22).

Apesar disso, existem grupos capazes de fazer essa análise sob outro ponto de vista, segundo Acsehrad e Leroy (2003). Eles afirmam:

Para uma comunidade rural tradicional, para um povo indígena ou para a maioria das mulheres, sem dúvida, qualidade de vida significava e ainda significa educação, bom fornecimento local de alimentação, saúde, prazer de viver... E esses são conteúdos muito mais importantes do que a posse da parafernália subtecnológica, vendida pela publicidade como indispensável (p. 22).

É ainda, para os autores, uma questão de lógica de produção. Há uma enorme diferença entre o extrativismo do caboclo amazônico e do grande madeireiro. É uma diferença tanto de quantidade extraída quanto da utilização do material extraído, são fins diferentes. Enquanto para o primeiro é uma forma de sobrevivência pessoal e de sua família, para o segundo é uma forma de acumulação de capital. Sendo assim, o modelo de produção e de desenvolvimento deve levar esse fenômeno em consideração para avaliar para que e para quem se produz, e a partir daí estabelecer suas metas e propostas.

Os autores concluem, para esta temática, que a noção de sustentabilidade está intimamente conectada à possibilidade da elaboração de práticas pela sociedade em questão, uma vez que são seus interesses, seu futuro e seus planos de curto e longo prazo que estão em jogo. Isso se explica por estas práticas estarem conectadas à dinâmica social, que inclui justiça social, igualdade de gênero e participação política dos atores locais. Sendo assim, é importante incluir o saber popular, integrando-o ao saber científico na elaboração dessas práticas.

A realidade que se tem hoje é bastante distante do ideal de sustentabilidade. Em virtude do modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade moderna, seu processo de urbanização acelerado e desordenado, associados às práticas inadequadas por parte do poder público e ao descaso e desinteresse por parte da própria população, os espaços urbanos atuais são marcados por diversos problemas ambientais, sociais, econômicos e culturais que assolam a população e afetam gravemente sua qualidade de vida. Pereira *et al.* (s.d.) chega a afirmar que grande parte dos problemas ambientais encontrados hoje são originados na cidade.

Os autores trazem alguns dados desse cenário: até 2015, as áreas urbanizadas produzirão mais de 80% das emissões de CO² no mundo, constituindo fontes

consideráveis de poluição do ar, da água e do solo. Além disso, Rogers e Gumuchdjian (2001, p. 4), *apud* PEREIRA *et al.* (s.d.) afirmam que

(...) a população urbana vem aumentando a uma taxa de 250 mil pessoas por dia – grosseiramente o equivalente a uma nova Londres a cada mês. O crescimento da população urbana, por todo o mundo, e os padrões, grosso modo, ineficientes de moradia estão acelerando a taxa de aumento da poluição e erosão.

Diante deste cenário mundial, o Brasil procura formas de regulamentar a questão. Em julho de 2001 foi promulgada a Lei nº 10.257, o Estatuto da Cidade, na qual está estabelecida em suas Diretrizes Gerais, Capítulo I, Artigo 2º:

A garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer para as presentes e futuras gerações”. Este é o conceito legal central de sustentabilidade em vigor no Brasil (PEREIRA *et al.*, s.d., p. 2).

Jacobi (2006) define sustentabilidade urbana como “[...] uma dimensão do desenvolvimento sustentável, que representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais nos quais se sustentam as comunidades” (p. 115).

Sendo assim, conforme Pereira *et al.* (s.d.), a discussão sobre o desenvolvimento sustentável recai automaticamente sobre a cidade, espaço da geração de resíduos e outras formas de poluição, espaço do consumo de recursos naturais e energia, concentração populacional alta e espacialização da segregação populacional. A mesma autora ressalta: “em nenhum outro lugar a implementação da ‘sustentabilidade’ pode ser mais poderosa e benéfica do que na cidade. (...) a sustentabilidade do meio ambiente deve transformar-se no princípio orientador do moderno desenho urbano.” (ROGERS; GUMUCHDJIAN, 2001, p. 5, *apud* PEREIRA *et al.*, s.d., p. 8).

De acordo com Henry Acselrad (1999), a associação entre desenvolvimento urbano e sustentabilidade surgiu no momento em que agentes do processo de produção do espaço se viram diante da necessidade de compatibilizar seus intentos para o crescimento urbano aos princípios da Agenda 21. Essa associação, chamada por Acselrad de “ambientalização” do debate sobre políticas urbanas, legitimaria suas perspectivas para esse processo.

Magalhães (2006) afirma que a aplicação do desenvolvimento sustentável no âmbito urbano responde às inquietações e reivindicações de sua população sobre as

melhorias no meio ambiente, já que se empenhavam em ter voz ativa diante dos governos centrais e suas políticas. Esses enfrentamentos no espaço urbano foram impulsionados pela entrada das ciências sociais no debate, conforme explica Magalhães (op. cit.). Segundo o autor, até então se observava uma marcante dicotomia entre o homem e a natureza. A partir da atuação das ciências sociais no debate, concluiu-se que a sociedade está em constante relação com o meio natural, o que torna impossível essa dicotomia. Isso faz com que se compreenda que o projeto de cidade sustentável é compatível com os ciclos longos da natureza, uma vez que é possível inserir a cidade nesses ciclos.

É o mesmo autor que cita Satterthwaite, o qual nos alerta para o fato de que “não são as cidades ou a urbanização que o desenvolvimento sustentável busca sustentar e sim a satisfação de necessidades humanas em assentamentos de qualquer tamanho, sem o esgotamento do capital ambiental” (SATTERTHWAITE, *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 7-8).

Já Tudela *apud* Magalhães considera que o desenvolvimento sustentável deve atender a três dimensões: conceitual, com um enfoque transdisciplinar; espacial, uma vez que a análise das relações metabólicas operadas pela cidade exige a conexão de territórios distantes; e temporal, já que se passa a considerar o interesse das futuras gerações.

Segundo Pereira *et al.* (s.d.), Andrea Zhouri *et al.* (2005) ressaltam a variedade dos âmbitos a serem trabalhados para se alcançar a sustentabilidade, considerando a diversidade e complexidade sociocultural em que vivemos. Para os autores,

(...) a heterogeneidade cultural de nossa sociedade (...) expressa propostas de sustentabilidades plurais – múltiplas possibilidades de viver, que se refletem na diversificação do espaço e inspiram uma visão de sustentabilidade que deve necessariamente articular as dimensões da equidade, da igualdade, da distribuição, assim como da universalidade do direito de viver na singularidade. (ZHOURI; LASCHEFSKI; *apud* PEREIRA, s.d., p. 19).

Outro autor que se refere de forma bastante clara quanto às dimensões da sustentabilidade é Ignacy Sachs (2008). Para ele, o conceito de sustentabilidade seria formado por cinco dimensões: a sustentabilidade social, que se refere à desigualdade social; a sustentabilidade econômica, que analisa a discrepância na concentração de bens e riquezas; a sustentabilidade ecológica, ligada à preservação da biodiversidade e à qualidade ambiental; a sustentabilidade espacial, que se preocupa com a distribuição

territorial ideal dos assentamentos humanos; e a sustentabilidade cultural, que se relaciona à necessidade de se evitar conflitos culturais.

Pereira *et al.* (s.d.) reflete o quanto é interessante analisar a forma como a multiplicidade desses fatores se inter-relaciona e se manifesta de acordo com as características locais e regionais. A autora aponta que não se devem esquecer outros fatores como os aspectos normativos, administrativos, institucionais, da estrutura de gestão e grau de participação social, uma vez que estes podem influenciar direta ou indiretamente ações e decisões locais (p. 2).

Desta forma, as cidades sustentáveis devem abordar desde questões de infraestrutura urbana, uso do solo, produção e consumo até questões de caráter intangível, aspectos transversais e que permeiam toda a rede física da cidade voltada para o fortalecimento da cidadania, do empoderamento, da governança, da ética, cultura e valores sociais (p. 10).

Portanto, como alerta Jacobi (2006), a noção de sustentabilidade urbana implica necessariamente na inter-relação entre justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a necessidade de desenvolvimento. Isto significa haver a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não coloquem em risco os sistemas ecológicos e sociais nos quais as comunidades se encontram. Essa transformação de um cenário urbano crescentemente não só ameaçado, mas diretamente afetado por riscos e agravos socioambientais, é de extrema complexidade e demanda a análise dos mais variados âmbitos para que aconteça de forma plena e consistente. Nesses termos, a efetivação da sustentabilidade urbana depende dos limites e das possibilidades dessa teoria que foram identificados por alguns autores.

Sobre as possibilidades, Theys, *apud* Magalhães (op. cit.), afirma que a sustentabilidade urbana é capaz de unir procedimentos da modernização ecológica e a luta por justiça ambiental, e que essa união será de grande importância para os efeitos que se pretende ao adotar essa ideologia. Essa união ocorrerá mediante a valorização do local, ainda que se veja uma realidade de desterritorialidade e mobilidade excessiva de pessoas, informações e capitais. Quando se refere a valorizar o local, Theys se refere a focar na descontinuidade entre bairros, zonas fronteiriças, etc., criando costuras entre essas áreas e suas dinâmicas comerciais, populacionais e culturais.

Parreira aponta que a sustentabilidade urbana abre caminhos para a mudança no comportamento danoso ao meio ambiente e à sociedade de pessoas, empresas e instituições. Jacobi (2006) afirma que essa mudança se daria na forma de empregos com

práticas sustentáveis, ampliação do nível de consciência ambiental, participação popular e divisão da responsabilidade no monitoramento das ações.

O autor afirma que sustentabilidade implica em aumento de práticas sociais mediante aumento do direito à informação e à educação ambiental, sempre com vistas à integração entre agentes e ações. “Trata-se de potencializar iniciativas a partir do suposto de que maior acesso à informação e transparência na gestão dos problemas ambientais urbanos pode implicar uma reorganização de poder e autoridade” (JACOBI, 2006, p. 129).

Por sua abrangência, a sustentabilidade urbana tem a possibilidade de contribuir para a busca por justiça social e equidade, já que esses são pontos em comum entre as políticas urbanas, sociais e ambientais, todas abarcadas pela sustentabilidade urbana.

No que se refere aos seus limites, o principal, apontado por Magalhães, é quanto às cidades classificadas como megacidades, ou grandes aglomerações urbanas, que parecem conspirar contra as cidades ambientalmente sustentáveis, já que tendem a aumentar paulatinamente e contrariam a busca dos defensores da sustentabilidade urbana por cidades menores, cuja escala é controlável.

Autores, como Saskia Sassen e Castells, *apud* Magalhães, esclarecem a problemática dessas cidades. Ambos afirmam que a marca das cidades globais é sua forte concentração de atividades, infraestrutura e serviços. Assim, essas megacidades recebem investimentos imobiliários e em telecomunicação para que estejam aptas a receber mais firmas. Ao mesmo tempo, suas periferias são caracterizadas pela ausência de recursos e outras cidades se veem em franco declínio.

Enfim,

O campo de conflitos estruturado em torno da questão urbano-ambiental caracteriza-se por uma dinâmica intrincada de relações e disputas de poder que produz diferentes matrizes discursivas sobre cidade e meio ambiente e gera importantes limites à formulação e legitimação de diretrizes de política ambiental (COSTA; BRAGA, s.d., p. 4).

Percebe-se, portanto, que emerge uma nova forma de se pensar o urbano, suas dinâmicas e suas prioridades. A sustentabilidade urbana surge como uma forma de se unir diversos aspectos da vida humana, como o social, o cultural, o econômico, a qualidade de vida e o ambiental. Brand *apud* Magalhães assim resume essa afirmação:

[...] o que emerge não é tanto um novo dogma de planejamento (e seu concomitante plano), mas, ao contrário, um novo conjunto de

preocupações fundamentais que esboçam uma mudança de direção para o planejamento, uma nova rota a ser negociada através de um novo, e socialmente construído, mapa numa ordem social em fragmentação.

Quando se fala em pensar esses diversos âmbitos se fala em respeito à diversidade, mudanças no estilo de vida, especialmente nos padrões de consumo, respeito pelas medidas e tempo da natureza, revalorização do simples e comedido, sem necessariamente perda de conforto, mas um novo conceito de conforto, diversão, felicidade.

Magalhães (op. cit.) relata que é de fundamental importância compreender que a sustentabilidade urbana não corresponde a uma meta, mas sim um processo, um caminho, um novo estilo de vida construído diariamente.

Para Pereira, não há sustentabilidade sem uma visão integradora dessas diversas questões que são reconhecidamente urbanas, sempre com vistas a sanar problemas como a pobreza e a segregação sócioespacial. E para esse empreendimento não há um modelo, uma receita, tendo em vista que as cidades possuem características, históricos e perfis diferentes, e isso sempre deve ser considerado ao se pensar projetos de sustentabilidade.

[...] é inevitável englobar os valores e comunidades locais para o sucesso da busca pela sustentabilidade. Edifícios devem preconizar técnicas arquitetônicas bioclimáticas, conectadas com o clima local. Reabilitação e readequação de prédios e estruturas urbanas e arquitetônicas também é uma ação que preza a sustentabilidade, uma vez que se apropria e devolve estas estruturas ao tecido urbano. A recuperação de áreas degradadas também, tanto em áreas intra-urbanas como no seu entorno, áreas que podem ser retornadas tanto social como ambientalmente. [...] Esta perspectiva deve ainda incluir o homem como parte integrante do sistema, enfatizando as relações e processos que dão suporte à vida, em suas inúmeras formas, especialmente em termos de parcerias e cooperação (PEREIRA *et al.*, s.d., p. 14).

3. A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE VIÇOSA

A casa era por aqui... Onde? Procuro-a e não acho. Ouço uma voz que esqueci: é a voz deste mesmo riacho...

Manuel Bandeira.

A reprodução do espaço urbano obedece a uma lógica que encontra explicações nos processos sociais, econômicos, políticos e culturais de uma sociedade, na qual o homem é o elemento central. Neste contexto, o espaço urbano é entendido como produto de relações sociais, e não como palco onde as ações se realizam, nos termos de Carlos (1994).

Em cada momento, e segundo as relações sociais que se apresentam, a reprodução do espaço urbano se concretiza na paisagem, sendo esta a síntese de diferentes momentos. Desse modo, desvendar o sentido da materialidade de uma dada paisagem pressupõe considerar processos sociais, econômicos, políticos e culturais que a (re)produziram. Então, há que se levar em consideração o fato de que em cada localidade existem particularidades que ajudam a explicar as decorrentes especificidades da reprodução do espaço urbano.

Entretanto, não se pode esquecer a conexão da parte com o todo; ou seja, a reprodução de um espaço urbano específico só pode ser inteiramente entendida no contexto dos processos sociais, econômicos, políticos e culturais que ocorrem no espaço mais amplo, seja a região, o estado, ou o país.

É diante das considerações apresentadas que direcionamos nosso olhar para a cidade de Viçosa, da Zona da Mata de Minas Gerais. Trata-se de uma cidade universitária, que apresenta uma população de 72.244 habitantes (IBGE, 2011), além da chamada população flutuante, marcadamente representada pelos alunos da Universidade Federal de Viçosa, e que corresponde a 13.435 estudantes (UFV, 2011).

Pode ser que aqueles que adentrem à referida cidade pela primeira vez utilizando a principal via de acesso à área central, ou seja, a MG 120 que é sequenciada pela Avenida Marechal Castelo Branco, não seja despertado para os problemas socioambientais que são evidenciados na paisagem urbana. Porém, já na parte inicial da referida avenida é possível ter a visão de bairros que foram se formando ao redor da mesma, onde é possível encontrar construções que se constituíram sem o devido respeito às Leis urbanas, outras em áreas de risco, as quais são também muito presentes em diferentes bairros, sobretudo naqueles mais afastados do centro, onde a topografia é mais acidentada. Na sequência, já próximo à entrada da cidade, ainda na avenida, multiplica-se um comércio especializado. São lojas de automóveis novos e usados, outras de peças, oficinas, pneus, etc.

Esta cidade, que exerce atração, sobretudo pela presença da UFV, reflete hoje o que acontece em grandes centros: proliferação de automóveis, ônibus, caminhões, motocicletas e bicicletas que preenchem o espaço público e colocam os transeuntes em segundo plano, principalmente nos horários de pico, quando é possível assistir longos e exaustivos engarrafamentos.

Outras questões relevantes ainda chamam atenção, como a verticalização que se adensa no centro e se espalha pelos bairros, a poluição sonora e visual marcada pelos *banners* de propaganda, o lixo, um problema crucial em uma cidade universitária, onde era de se esperar que houvesse maior colaboração e cuidado com o espaço urbano. Esses e outros problemas socioambientais que acompanham a modernização da sociedade nos levam a pensar sobre a tão discutida sustentabilidade urbana que ocupa os fóruns acadêmicos, e que se faz presente nas pautas de políticas nacionais e internacionais, com rebatimentos na mídia e que chega ao cidadão comum. Foi considerando a importância da discussão da temática sobre sustentabilidade urbana que nos dispusemos a refletir sobre o processo de reprodução urbana de Viçosa, MG.

Tomamos como ponto de partida o entendimento de que o espaço urbano é uma produção humana, histórica e social. Assim, partimos da pressuposição de que os problemas socioambientais que se materializam na paisagem urbana de Viçosa só

poderiam ser explicados pelo processo de urbanização do município, em suas especificidades. Interessava-nos entender: como teria sido o processo de urbanização da cidade de Viçosa? Quais teriam sido as possíveis mudanças e fatores a desencadear as questões socioambientais que se materializam na paisagem?

3.1 Descortinando a paisagem

3.1.1 Viçosa e seu processo de urbanização

Segundo Mello (2002), a origem do município de Viçosa data do fim do século XVIII, momento em que o Brasil passava pela economia do ouro, e os Bandeirantes passavam pela região em busca do precioso metal. Em virtude da escassez de ouro e de gêneros alimentícios em Ouro Preto, Mariana e Piranga, esses Bandeirantes se fixaram na região onde hoje se localiza o município de Viçosa. Assim, surgem as primeiras sesmarias da Zona da Mata, localizadas especialmente às margens do Rio Turvo.

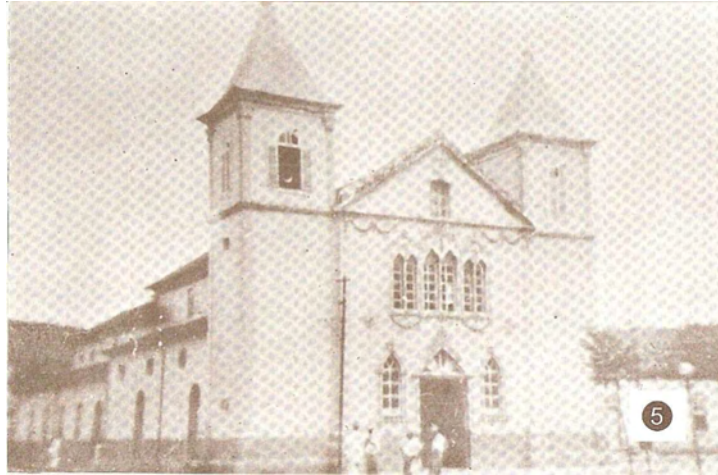
Conforme esclarece o mesmo autor, Viçosa seguiu o padrão de diversas cidades brasileiras em seu estabelecimento, uma vez que suas primeiras terras foram patrimônios territoriais cedidos à Igreja Católica. Em 1800, o Padre Francisco José da Silva obteve permissão para erguer uma capela em homenagem a Santa Rita de Cássia, na região onde hoje se localiza a Rua dos Passos, próxima a um dos afluentes do rio Turvo, o Ribeirão São Bartolomeu. Nessa época ainda havia remanescentes de tribos indígenas na região.

O povoado que se formou no entorno da capela recebeu o mesmo nome da invocação. Em 1823, o nome mudou, passando para Santa Rita do Turvo⁶. Mais tarde, a área onde estava localizada a capela se consolidou como o centro da área urbana, com concentração comercial, de administração pública e demais serviços.

Segundo Mello (2002), o povoado que se formava em volta da capela de Santa Rita crescia. Porém, barreiras naturais – relevo acidentado e o rio – dificultavam esse crescimento, e era preciso contornar essa situação. A solução encontrada foi a transferência da capela para uma área mais plana e afastada das barreiras naturais

⁶ O povoado foi elevado a distrito em 1832, subordinado ao município de Ubá, pelo Padre Diogo Antônio Feijó, então presidente do Conselho da Regência Trina do Império. Em 1871, elevou-se o distrito à vila e à cidade em 1876, momento em que recebe o nome de Viçosa de Santa Rita em homenagem ao Bispo da Arquidiocese de Mariana, Dom Viçoso. Em 1911, o nome é alterado novamente, passando a ser apenas Viçosa (IBGE, 2012).

(Figura 2). Essa medida funcionou, e o período foi marcado pela primeira expansão populacional e urbana de Viçosa (MELLO, 2002). É importante ressaltar que nesse momento a economia de Viçosa se baseava no cultivo de gêneros agrícolas, e a população era predominantemente rural.



Fonte: Arquivo Central da UFV (2011).

Figura 2 – Primeira Matriz de Viçosa, inaugurada em 1851 e demolida em 1954.

Durante poucos anos, as duas igrejas se mantiveram lado a lado (Figura 3), até que em 1954, a primeira igreja foi demolida. Na época, nem se cogitava a preocupação com o patrimônio histórico, mas a simples substituição do velho pelo novo.



Fonte: Arquivo Central da UFV (2011).

Figura 3 – Capela de Santa Rita ao lado da Igreja Matriz, erguida nos anos de 1950.

Mello afirma que o crescimento urbano de Viçosa se deu ao longo dos vales definidos pelos morros da região. Além do relevo, a necessidade de comunicação com outras cidades, como Ubá e Ponte Nova, contribuiu para a direção e localização da ocupação do município. Assim, áreas como as que hoje são conhecidas como Avenida Santa Rita e os bairros Amoras e Silvestre foram ocupadas pela população do município até os anos de 1960.

Em 1884, a ferrovia chegou à Viçosa e se instalou no então distrito de Silvestre. Em 1925, ela foi desativada neste distrito e transferida para o centro de Viçosa, o que contribuiu significativamente para o crescimento do município, dando novo impulso à cidade e integrando-a ao contexto regional de forma mais dinâmica. A Figura 4 ilustra esse momento, a inauguração da estação ferroviária no centro de Viçosa. Já a Figura 5 ilustra a passagem do trem pela cidade, fazendo parte da paisagem e, portanto, do convívio da população.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio de Viçosa (2011).

Figura 4 – Inauguração da Estação Ferroviária de Viçosa em 1925.

A estrada de ferro *The Leopoldina Railway* transportava café e possuía uma segunda estação no antigo distrito de Silvestre, sendo considerada a responsável pela ocupação dessa área.

Naquela época, Viçosa possuía 2.000 habitantes distribuídos em cerca de 330 prédios. A cidade era constituída de quatro praças (Silviano Brandão, da Estação, Emílio Jardim, do Rosário), do Largo São Francisco, e de cerca de nove ruas: Senador Vaz de Melo, Arthur Bernardes, do Comércio, Municipal, do Cruzeiro, dos Passos, Santa Rita, da Estação e Gomes Barbosa (RIBEIRO FILHO, 1997, *apud* MELLO, 2002).



Fonte: Secretaria de Cultura e Patrimônio de Viçosa (2011).

Figura 5 – Maria Fumaça cortando a cidade.

Em 1922, surge em Viçosa um novo elemento que dará grande impulso para a urbanização do município e crescimento de sua população. É criada a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) (Figura 6), pelo então Presidente Arthur Bernardes (UFV, 2012). Porém, a influência da referida escola só começa a ser sentida de fato a partir da década de 1960, pois no transcurso desses 40 anos observou-se apenas o adensamento e a consolidação de áreas já ocupadas.

A partir da década de 1960, afirma Mello, o desenvolvimento de Viçosa se dá pelos empregos oferecidos pela Universidade, que dinamizavam a economia local. Pereira (2005) afirma:

A ESAV passaria então a ser o principal elemento incentivador do processo de urbanização e renovação do meio urbano em Viçosa, e, conseqüentemente, protagonista de uma reestruturação econômica, política e cultural da sociedade local. A universidade promove a vinda de novos moradores para o lugar, aumentando a sua população e inaugurando uma nova função urbana para o município (p. 200).



Fonte: blog de Aguinaldo Pacheco.

Figura 6 – Vista parcial da antiga ESAV.

É ainda na década de 1960 que acontece a inversão residencial da população viçosense, que passa a ter sua maioria residindo na área urbana. Segundo dados do IBGE, nesta década a população urbana passou para 15.551 habitantes, enquanto a população da zona rural contava com 10.226 moradores. De acordo com Pereira (2005), esse é ainda o momento de expansão da Universidade Federal de Viçosa.

Segundo este autor, a década seguinte também é marcada pela expansão. Em 1974, a UFV contava com nove cursos de graduação e dez de pós-graduação. A partir de 1975, a instituição passa a contar com 21 cursos de graduação e 18 de pós-graduação. Além disso, o orçamento da instituição é aumentado em quase dez vezes. O crescimento da Universidade corresponde a um grande aumento em sua influência sobre a dinâmica do município, tornando-o bastante atrativo a estudantes, servidores e prestadores de serviços, o que se refletiu em sua urbanização. A Tabela 1 mostra a evolução da população do município de 1970 a 2000, evidenciando o crescimento da população urbana.

Tabela 1 – Evolução da população no município de Viçosa, MG

Ano	População Urbana	População Rural	Total
1970	17.000	8.784	25.784
1980	31.179	7.507	38.686
1991	46.456	5.202	51.658
2000	59.792	5.062	64.854

Fonte: IBGE, *apud* Pereira (2005).

Mello (2002) observa que a concentração da população na área urbana fez com que surgissem ou agravassem problemas socioambientais. O autor esclarece que o problema foi a falta de estrutura urbana e de aparato jurídico do município para receber essa população. Em suas palavras: “a infraestrutura da cidade era precária, o relevo acidentado e [...] a legislação era permissiva e sujeita a jogos políticos” (*op. cit.*, p. 56). Nesse momento, houve o adensamento de áreas privilegiadas que já eram ocupadas, como os fundos de vale e áreas próximas à UFV. Essas áreas eram privilegiadas tanto pelo relevo mais plano quanto pela presença de serviços básicos oferecidos à população viçosense e acadêmica. Mello destaca a atuação da especulação imobiliária nesse processo de adensamento.

É nesse momento que se observa uma expansão urbana, que Mello (2002) classifica como predatória, e na qual é possível perceber de forma mais clara a segregação urbana, especialmente a segregação imposta, em função da grande concentração de renda nas mãos de poucos. Esse processo provocou a ocupação de áreas inadequadas para este fim, uma vez que as áreas privilegiadas eram inacessíveis economicamente para as pessoas mais pobres.

De acordo com Silva e Chrysostomo (2005), o papel do Estado é de grande relevância nesse processo e configuração. Segundo os autores, em Viçosa houve alocação desigual de recursos públicos associados a ações diferenciadas de ordenamento do uso e da ocupação do solo urbano. A consequência disso é a valorização desigual das áreas da cidade.

Concomitante à expansão urbana, observa-se a emergência e o agravamento de questões socioambientais. O adensamento da área central, por exemplo, gera uma evidente verticalização da mesma, destinada prioritariamente às camadas média e alta de Viçosa, assim como de estudantes (MELLO, 2002, p. 57). Esta pressão por moradia no centro gera problemas sérios como a ocupação de áreas de preservação permanente (APP), como matas ciliares e leito de rios. A partir da grande demanda no centro, se estabelece uma forte especulação imobiliária e, conseqüentemente, a segregação sócioespacial. A partir daí, a necessidade de se construir em outras áreas também de preservação permanente se impõem, e as pessoas começam a construir em topos de morros e áreas declivosas. Assim, se desenrola uma sequência de fatos considerados problemas para a sociedade, dos quais apenas alguns deles foram trazidos aqui.

3.2 Urbanização e marcas na paisagem

Ao longo do processo de urbanização da cidade de Viçosa mudanças físicas se materializaram. A Figura 7 mostra a área urbana de Viçosa em 1898, quando o Brasil já era República. A cidade preenchia alguns poucos vales do Rio Turvo. A ocupação se deu nessas áreas, possivelmente em função de seu declive mais suave, o que fazia delas áreas mais fáceis de serem ocupadas, facilitando a edificação de casas e demais construções. Além disso, existia a histórica tendência da humanidade em ocupar leitos de rios pela facilidade de acesso à água, elemento indispensável para a sobrevivência humana. Assim, percebe-se que a antiga Santa Rita do Turvo seguiu um padrão de ocupação tradicional no Brasil e no mundo.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011)

Figura 7 – Vista panorâmica de Viçosa em 1898.

A Figura 7 mostra também a distribuição espacial em que a capela era o elemento de destaque. Esta edificação sinaliza para a importância do catolicismo na constituição da cidade, traço comum na formação das cidades brasileiras a partir da colonização catequizadora.

No registro de 1940 (Figura 8), observa-se um adensamento significativo da área urbana do município. Há não somente um aumento em área ocupada, mas, também, se observa certa organização na distribuição das moradias, evidenciado pelo traçado de ruas e quarteirões. Essa organização é possível neste momento porque a população ainda procura ocupar e construir nas áreas mais planas da cidade. A figura mostra alguns morros ainda vegetados, apesar da presença de cultivo – provavelmente pastagem – em outros.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

Figura 8 – Vista panorâmica de Viçosa em 1940.

A ampliação na área ocupada reflete o crescimento de âmbito nacional, visto que, a partir de 1930, começam a surgir e intensificar o processo de migração campo-cidade. Essa migração é provocada pela industrialização que atrai moradores de zonas rurais para centros urbanos e, posteriormente, pela modernização do campo, que expulsa o trabalhador rural. Entretanto, como foi elucidado anteriormente, no caso específico de Viçosa, dois fatores interferem na constituição da cidade a partir da década de 1920 e serão as grandes molas propulsoras do processo de urbanização do município: a instalação da então Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, e a transferência da linha férrea do antigo distrito de Silvestre para a zona urbana de Viçosa. Se em um primeiro momento, esses elementos tiveram um efeito reduzido sobre a cidade, agora a paisagem urbana começava a apresentar mudanças mais claramente.

No caso da instalação da ESAV, houve a desocupação da área de planície da cidade, onde havia grandes fazendas de café – principal atividade agrícola da região – para a construção das instalações da Escola. Um elemento emblemático construído na paisagem foi o Edifício Arthur Bernardes, onde eram ministradas as aulas, e onde hoje funcionam diversos órgãos administrativos da UFV. Já com a instalação da ferrovia, houve a construção da Estação Ferroviária no centro da cidade, conhecida como Estaçãozinha⁷, a qual manteve sua forma e ganhou nova função com o passar dos anos.

⁷ Hoje, a Estaçãozinha funciona como área de apresentações musicais, reuniões de associações, possui uma biblioteca municipal, dentre outras atividades.

Entre os anos de 1940 e 1960, as construções ainda mantêm o padrão de ocupação anterior: permanência em áreas mais planas e manutenção de boa parte da vegetação em áreas com maior declive, como mostra a Figura 9. O aumento populacional poderia ser explicado pelo contexto nacional. Neste período, assiste-se a uma migração rural-urbana, sobretudo para as grandes capitais, em função da industrialização e também pela penetração do capitalismo no campo. Contudo, no caso de Viçosa, onde a maior fonte empregatícia não era a indústria e sim a UFV, é possível inferir que o início do adensamento na cidade tenha explicações nesse fato, já que a instituição federal incentivou o desenvolvimento do setor terciário, marcado pelo comércio e pela informalidade.

Ainda, na Figura 9, é possível visualizar o predomínio de construções térreas ou assobradadas, tipicamente coloniais, embora seja possível visualizar em menor proporção casas em estilo eclético e alguns edifícios⁸.



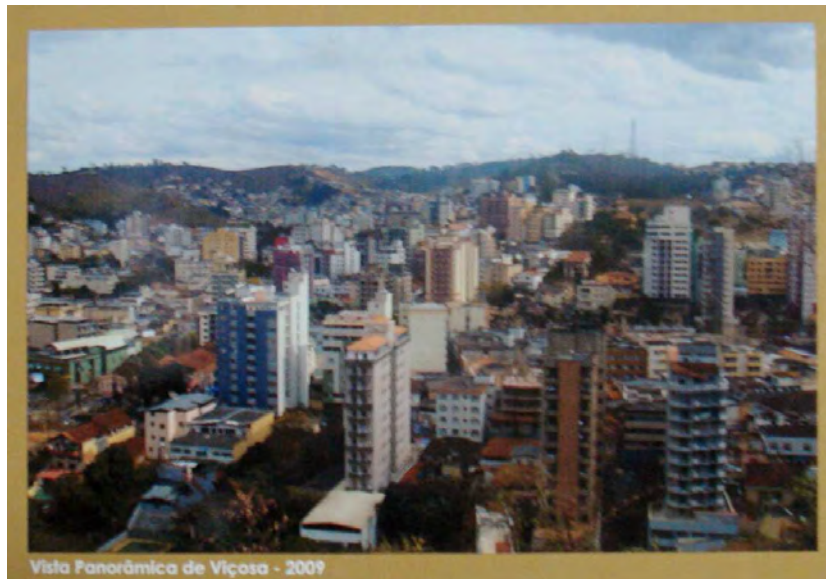
Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

Figura 9 – Vista panorâmica de Viçosa em 1960.

Se a diferença entre os anos de 1940 e 1960 não foi acentuada, desta década até o momento presente, muitas transformações ocorreram na ocupação de Viçosa em todos os sentidos. Pela Figura 10 podem-se observar várias dessas mudanças. A mais evidente delas é o processo de verticalização pelo qual passou e ainda passa a cidade. Grande parte das casas existentes no centro foi substituída por edifícios, em função da

⁸ Para analisar esta imagem utilizamos o recurso da lupa.

necessidade por moradia criada pelos estudantes, que procuram se instalar nas proximidades da UFV.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

Figura 10 – Vista panorâmica de Viçosa em 2009.

Além de um perfil comercial associado ao residencial, e da verticalização da cidade, percebe-se também pela Figura 10, a ocupação dos morros que circundam a cidade. Se antes a cidade ocupava apenas os vales, hoje ela sobe os morros e ocupa áreas indevidas, como topos de morros e áreas com declive superior a 45°. Isso torna essas moradias irregulares, por ocuparem Áreas de Preservação Permanente (APPs), e de grande perigo para as pessoas que as ocupam, visto que essas áreas são passíveis de desmoronamento. Essas considerações sinalizam para os problemas de ordem social e ambiental desencadeados pelas mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo⁹.

Junto a essa necessidade de moradia no centro está o estabelecimento de um comércio especializado em atender esses jovens moradores. Assim, as ruas do centro estão tomadas por padarias, lanchonetes, restaurantes, farmácias, papelarias, confecções, produtos de informática e agências imobiliárias. Esses são os serviços mais procurados pelos estudantes, que dão vida e movimento ao centro. A Figura 11 é o exemplo de alguns desses serviços.

⁹ Estes aspectos serão abordados de forma mais sistemática em outra parte deste artigo.



Fonte: arquivos da pesquisa, março de 2012.

Figura 11 – Parte do comércio especializado da Avenida P.H. Rolfs (2012).

De forma pontual, observam-se algumas outras mudanças em locais de valor simbólico. O primeiro a ser apontado é a Praça Silviano Brandão. Trazemos aqui este lugar por ser um elemento da paisagem de Viçosa bastante representativo não só para a história da cidade, como também por seu valor simbólico para os moradores, que relatam suas vivências neste lugar com afeto e saudosismo¹⁰.

Desde a construção das capelas no século XIX até os dias de hoje, mudanças aconteceram na praça. A imagem mais antiga deste local encontrada pela pesquisadora data de 1928, e tem como foco principal o coreto (Figura 12). Na imagem veem-se crianças brincando, adultos sentados nos bancos, em uma época em que Viçosa ainda tinha ares rurais e a tranquilidade das pequenas cidades mineiras. Naquela época, a praça cumpria sua função principal: ser o lugar do encontro, da brincadeira, da conversa. Eram outros tempos. Um tempo mais longo, mais lento, menos regido pelo relógio.

A Figura 13 mostra a praça em 1940, quando ainda é possível ver o coreto da imagem anterior ao fundo. Esta é uma imagem que traz uma visão mais ampla da praça, o que torna possível ver com maior nitidez a arborização do espaço e a presença de pessoas sentadas nos bancos, repetindo o que já se observava na Figura 12, de 1928.

¹⁰ A percepção da cidade pelos seus moradores é retratada no item 4 – Ouvindo a população.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

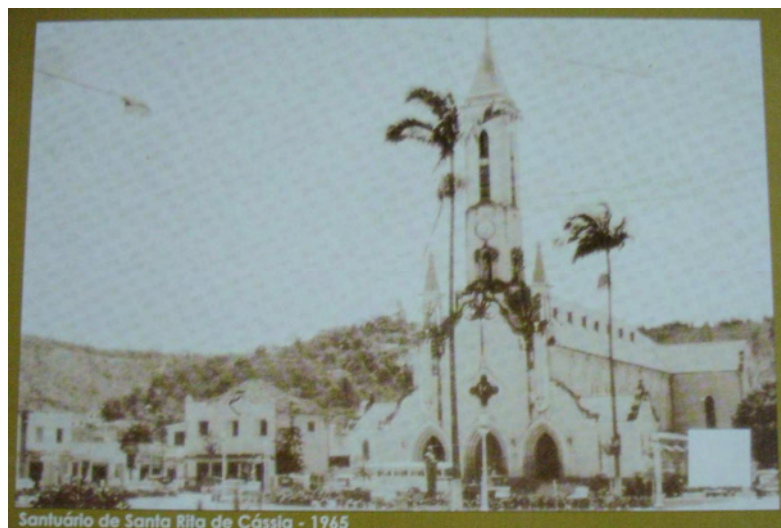
Figura 12 – Coreto da Praça Silviano Brandão em 1928.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

Figura 13 – Coreto da Praça Silviano Brandão em 1940.

Na imagem produzida em 1965 (Figura 14), não é possível ver mais a arborização densa de 1940. O que se destaca agora é a nova igreja matriz de Santa Rita de Cássia, construída na década de 1950, como dito anteriormente, e que parece ser considerada pelos moradores mais antigos o cartão postal da cidade.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

Figura 14 – Praça Silviano Brandão em 1965.

Em sua visão atual, a praça apresenta mudanças físicas e simbólicas. Em relação à estrutura física, se comparada à praça do passado, observam-se algumas mudanças. Ao longo do tempo, o antigo coreto foi substituído por outro. Com linhas modernistas, o coreto poderia ser visto como um símbolo de substituição do velho pelo novo, fenômeno que vem marcando a urbanização da cidade. Como foi dito anteriormente, pouco tem sido feito no município para preservar traços históricos, o que gradativamente vai apagando as marcas da história na paisagem. Nos últimos anos, o então coreto mostrava ar de abandono, como apresentado na Figura 15.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

Figura 15 – Coreto da Praça Silviano Brandão em 2009.

Contudo, em 2011, o referido coreto foi reformado, não podendo mais ser identificado como tal. As Figuras 16 e 17 mostram o momento da reforma a partir da qual foram mantidos apenas os arcos, e acrescentados bancos e elementos paisagísticos.



Fonte: Jornal Folha da Mata (24/11/2011).

Figura 16 – Reforma do coreto da Praça Silviano Brandão em 2011.



Fonte: arquivos da pesquisa, março de 2012.

Figura 17 – Monumento da praça Silviano Brandão em 2012.

Estas e outras mudanças no aspecto físico da praça sinalizam outros momentos e talvez novos sentidos para a mesma. A imagem apresentada na Figura 18 não permite dizer que ela seja ainda o lugar do encontro e do convívio social intenso de tempos anteriores. Na verdade, ao longo do tempo ela tem se tornado mais um lugar de passagem, a não ser em ocasiões especiais, como fim da missa de domingo e comemorações religiosas, como o dia de Santa Rita e Semana Santa.



Fonte: Secretaria de Cultura de Viçosa (2011).

Figura 18 – Praça Silviano Brandão em 2009.

Pode ser que as pessoas já não parem na praça porque não têm tempo, porém, é possível perceber que, ainda que restritamente, há certo convívio social. Aos sábados, a praça é ocupada por barracas de artesanato (Figura 19), sendo também esse dia da semana em que eventos podem nela ocorrer, principalmente aqueles coordenados por profissionais ligados à UFV.

É importante trazer para a análise uma das principais avenidas da cidade, a Avenida Santa Rita (Figura 20). Sua importância se deve à sua função histórica, como uma das vias que ligavam Viçosa a outros municípios e permitia as transações comerciais. No passado, havia predominância de residências, as vias eram mais estreitas que os passeios, já que havia grande circulação de pessoas a pé ou de bicicleta, e ainda era possível avistar os morros no fim da avenida. A Figura 20 mostra que a referida avenida, via importante de comunicação com outros municípios, era, então, exclusivamente residencial e sem o movimento intenso de hoje.



Fonte: arquivos da pesquisa, março de 2012.

Figura 19 – Praça Silviano Brandão em 2012.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio (2011).

Figura 20 – Avenida Santa Rita em 1950.

Atualmente, esta avenida se mantém como elemento fundamental na paisagem viçosense, já que se configura como uma avenida que interliga diferentes pontos da cidade. Quando se comparam as Figuras 20 e 21 é possível ver um alargamento das vias, decorrente do aumento do fluxo de carros, e diminuição das calçadas desse boulevard¹¹. O que permanece é a edificação à direita da imagem, que atualmente abriga a Escola Estadual “Edmundo Lins”. A Figura 21 apresenta esses elementos.

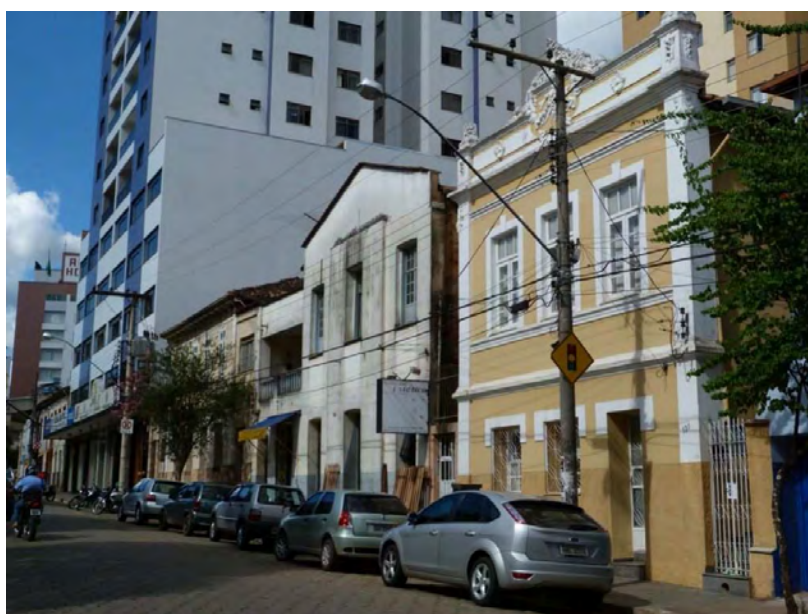
¹¹ Termo que designa um tipo de via de trânsito, geralmente larga, com pistas divididas nos dois sentidos, geralmente projetado com alguma preocupação paisagística.



Fonte: arquivos da pesquisa, março de 2012.

Figura 21 – Avenida Santa Rita em 2012.

Ao longo desses 62 anos, a avenida sofreu muitas mudanças. O que se vê na Santa Rita hoje é, primeiramente, um misto do velho e do novo. Construções antigas e recentes se mostram lado a lado (Figura 22). Contudo, o que mais chama atenção quando se passa pela referida avenida é a contínua substituição do velho pelo novo, resultado do processo de verticalização que ocorre naquela área.



Fonte: arquivos da pesquisa, março de 2012.

Figura 22 – Convívio do velho com o novo na Avenida Santa Rita em 2012.

A relação de uso entre construções antigas e edifícios novos sinaliza para outros tempos. Quando se pensa nos últimos cinco anos, é um exemplo clássico da substituição de um pelo outro, onde o que é antigo é desvalorizado do ponto de vista histórico-cultural e supervalorizado do ponto de vista imobiliário, levando, assim, ao fim progressivo de seu patrimônio edificado. A Figura 23 ilustra um exemplo desse fenômeno em curso, na qual é possível ver parte da coluna da construção em estilo eclético que se encontrava ali, e que com certeza será substituída pelo edifício que pressupõe a multiplicação de pisos, tal qual interessa ao capital.



Fonte: arquivos da pesquisa, março de 2012.

Figura 23 – Demolição na Avenida Santa Rita em 2012.

Esse processo de mudança pelo qual passa a avenida é resultado das múltiplas funções adquiridas por ela com o passar dos anos: passagem, comércio, residência e lazer. Novas necessidades surgiram, e a avenida foi um dos alvos preferenciais para a materialização dessas necessidades em função de sua proximidade com a UFV, o que gera uma grande procura por moradia. Assim, o patrimônio histórico se desvaloriza e a busca pelo lucro se impõe.

Em alguns pontos da cidade é possível perceber maior manutenção de construções em suas formas originais. O que há, nesse caso, é uma deprecação e um descuido visíveis. Um bom exemplo desse caso é a Travessa Belo Lisboa. Esta área exhibe um conjunto arquitetônico digno de ser preservado, por ser constituído por construções em estilo eclético, além da estação ferroviária de grande importância na história da cidade. Porém, esse cuidado não se expressa nessas construções.



Fonte: arquivos da pesquisa, março de 2012.

Figura 24 – Exemplos de verticalização na Avenida Santa Rita.

Nas Figuras 25 e 26, pode-se observar que as construções se mantiveram quase inalteradas, mas há uma inegável falta de sua preservação. A mudança que mais se destaca entre as duas imagens é a substituição da vegetação por construções, principalmente prédios, ao fundo da imagem.

Em contraste com as sutis mudanças da Travessa Belo Lisboa encontra-se a mudança radical da Avenida P.H. Rolfs. A Figura 27 mostra a referida avenida em 1961, onde é possível observar o predomínio de casas térreas, a presença da linha férrea e a via pública em processo de calçamento.

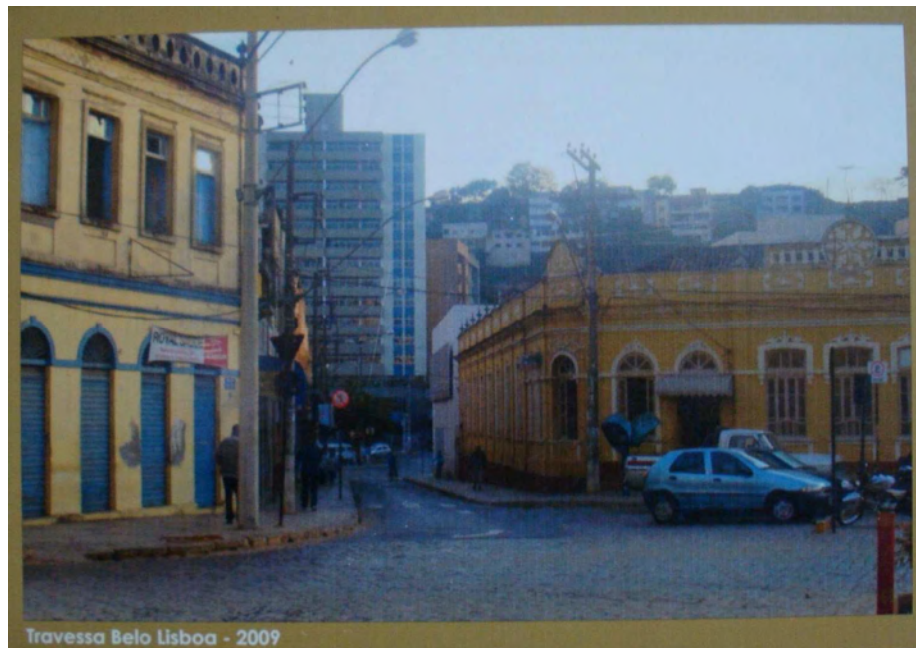
Comparando a Figura 27 com a Figura 28, percebem-se as grandes mudanças pelas quais passou a Avenida P.H. Rolfs. As pequenas casas foram substituídas por diferentes edifícios com gabaritos variados, além da poluição visual que se faz presente.

Mas, o que mais salta aos olhos é o movimento da avenida. Há um deslocamento evidente no número de pessoas e carros em circulação nas diferentes horas do dia. É possível associar esta mudança à expansão da UFV desde 1970, com o aumento do número de estudantes, em função da abertura de novos cursos de graduação e pós-graduação. Desde então, a referida avenida vem gradativamente sendo verticalizada, sobretudo nos últimos anos. Sendo esta a principal via de acesso à Universidade, tanto a verticalização quanto o comércio e o intenso fluxo de veículos e pessoas revela a influência da instituição na materialização da paisagem nesta área específica (Figura 29).



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio (2011)

Figura 25 – Traversa Belo Lisboa em 1945.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio (2011).

Figura 26 – Traversa Belo Lisboa em 2009.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio (2011).

Figura 27 – Avenida P.H. Rolfs em 1961.



Fonte: arquivo da pesquisa, março de 2012.

Figura 28 – Avenida P.H. Rolfs em 2012.



Fonte: arquivo da pesquisa março de 2012.

Figura 29 – Movimento de pessoas e carros na Avenida P.H. Rolfs durante o dia.

Seria pretensão afirmar que neste trabalho foram apresentadas todas as mudanças que deixaram marcas na paisagem urbana da cidade em consequência do seu processo de urbanização. O que se trouxe para a discussão foram dados e análises que permitem evidenciar as particularidades da reprodução do espaço urbano de Viçosa. Também procurou-se mostrar que estas mudanças foram provocadas por diferentes agentes que produzem, reproduzem, constroem e reconstroem a cidade, sendo eles: poder político local, agentes imobiliários, entidades federais, população flutuante e residentes fixos. Cada um, de acordo com seu poder de ação e intenção, interfere no processo social, e essa interferência tem como consequência a substituição, sobreposição e convivência de elementos de diferentes épocas, carregando diferentes sentidos, possibilitando diferentes percepções.

Pode ser que em uma apreensão parcial, a paisagem urbana sinalize para o crescimento e “desenvolvimento” da cidade. No caso da expansão da UFV, é inegável a importância desta instituição de ensino e a projeção da cidade no cenário nacional. Contudo, apesar do lado positivo da questão, constituiu-se em Viçosa uma trama em que interesses capitalistas, aliados à ausência do poder público e às ações da população, acabaram por desencadear os problemas socioambientais que se materializam na paisagem e interferem diretamente no viver da população residente.

3.3 Realidade socioambiental de Viçosa

O processo de urbanização desencadeado, sobretudo pela instalação e expansão da UFV, que exerceu e ainda exerce pressão sobre o município, no que diz respeito à infraestrutura urbana e aos recursos humanos e naturais, teve seus reflexos para a vida da população que usufrui do espaço urbano.

Tendo em vista esse processo, é indispensável que se reconheça e elenque os problemas socioambientais dele decorrentes. Mello (2002) elenca como problemas socioambientais de Viçosa: ocupação de encostas e topos de morros; cortes e aterros que comprometem a estabilidade do solo; ocupação ao longo dos cursos hídricos, que provocam sua poluição em função do lançamento de esgotos domésticos, industriais e águas pluviais; remoção da cobertura vegetal; poluição do ar por partículas sólidas; e desfiguração da paisagem urbana, criando ambientes de feições desagradáveis.

Outros problemas são apontados por outros autores na paisagem urbana de Viçosa. Pereira (2005) fala da forte especulação imobiliária, especialmente na região central, e dos “fortes traços de desigualdades sociais, onde há ocupação de áreas impróprias e a falta de infraestruturas urbanas básicas na periferia, em contraposição a uma urbanização segregada e que se ‘distancia do urbano problemático’ (condomínios residenciais)” (p. 205). Este mesmo autor vai além quando afirma:

A excelência na produção científica especializada nas áreas de ciências e tecnologias agrícolas, que insere Viçosa no contexto da produção agrícola moderna do Brasil atual, ocorre concomitantemente com uma proliferação da economia urbana pobre, que baseia grande parte de suas ações no chamado circuito inferior (SANTOS, 2004), indicando, novamente, a existência de um espaço marcado por desigualdades de diversas ordens (p. 205).

Carneiro e Faria (2005) concordam com os autores acima citados, uma vez que afirmam que a urbanização desorientada contribuiu para o surgimento de impactos ambientais urbanos negativos, como:

[...] desmatamento, destruição das áreas de preservação permanente, intensificação dos processos erosivos e contaminação generalizada dos recursos hídricos, problemas que se relacionam com localização, distância, topografia, características geológicas e geomorfológicas, crescimento populacional, formas de apropriação do espaço e segregação sócio-espacial (p. 126).

Dentre os diferentes problemas apontados pela literatura, alguns se destacam e são mais visíveis na cidade, especialmente no centro, visto que esta área concentra grande parte dos serviços e sofre grande pressão por moradia e circulação em função da presença da UFV.

Um primeiro problema que se mostra evidente é a verticalização. Esse processo é um dos que mais chama atenção na cidade. Apesar de sua maior intensidade no centro, a verticalização já atinge os bairros mais próximos ao centro, como Clélia Bernardes, Ramos e Santo Antônio. Possivelmente, esse espraiamento de prédios se justifique pela saturação da área central e pela possibilidade de aluguéis mais acessíveis. A queda dos valores no aluguel acontece em função de um maior distanciamento da UFV, o grande foco de grande parte daqueles que procuram moradia em Viçosa. As Figuras 30, 31 e 32 ilustram alguns exemplos da verticalização no centro de Viçosa.



Fonte: arquivo da pesquisa, março de 2012.

Figuras 30, 31 e 32 – Verticalização na Avenida P.H. Rolfs, Rua dos Estudantes e Ladeira dos Operários.

Outro problema bastante evidente no centro de Viçosa é o descuido com os cursos d'água da cidade. O principal curso d'água que atravessa Viçosa é o ribeirão São Bartolomeu, cuja situação é alarmante em virtude dos problemas identificados no percurso localizado no centro. O primeiro problema é a poluição de suas águas. Aparentemente, parte do esgoto residencial é despejada ali. Essa afirmação se deve à cor das águas, que estão escuras, e pelo mau cheiro sentido quando se aproxima dele, impressões estas obtidas *in loco*. Além da poluição, parte das águas do ribeirão foi canalizada para a construção de prédios na Avenida P.H. Rolfs. O solo foi drenado e impermeabilizado, o que pode gerar sérios efeitos negativos em períodos de chuva. Além disso, a mata ciliar foi retirada, sendo necessário colocar barreiras de contenção – feitas de sacos de areia – para que não aumente seu assoreamento. Esses problemas ficam evidenciados nas Figuras 33 e 34.



Fonte: arquivo da pesquisa, setembro de 2011.

Figura 33 e 34 – Poluição e retirada da mata ciliar do Ribeirão São Bartolomeu.

O descuido com o São Bartolomeu suscita o questionamento sobre a questão da água em Viçosa. Em períodos de estiagem a cidade já sofre com a falta de água em alguns bairros, com um sério racionamento, inclusive no *campus* da UFV. Em 2010, cogitou-se a possibilidade de adiar o reinício das aulas no segundo semestre, visto que a volta às aulas traria para a cidade um volume ainda maior de pessoas, que poderia não ser atendida adequadamente em serviços de água. Essa contradição entre o descuido com as fontes de água e a sua deficiência para o abastecimento da população alerta para a necessidade de se rever padrões de relacionamento entre a cidade e seus recursos naturais, entendendo que há uma dependência da cidade pelos recursos, e que a garantia de uso só existirá com uso racional e consciente.

Outra questão preocupante na cidade é a ocupação de áreas de risco. As Figuras 35 e 36 mostram construções em áreas ilegais, como áreas com alta declividade e vegetadas. Nos bairros de Viçosa esse fenômeno é bastante recorrente, em função do relevo da cidade, como foi dito anteriormente.



Fonte: arquivo da pesquisa, setembro de 2011.

Figuras 35 e 36 – Ocupação em áreas de risco (APP).

A poluição visual é outro problema presente em Viçosa. Em várias ruas do centro é possível encontrar um grande volume de *outdoors*, placas de propagandas e anúncios de festas. Esse cenário é bastante visível na Avenida P.H. Rolfs que, apesar de ser a principal avenida da cidade, é marcada por uma intensa carga de informações visuais, como se observa nas Figuras 37 e 38.



Fonte: arquivo da pesquisa, março de 2012.

Figura 37 e 38 – Poluição visual na P.H. Rolfs em uma de suas vias de acesso.

O desconforto visual também é causado por uma desordem dos elementos da paisagem. Um bom exemplo é o mercado da cidade, conhecido como “Shopping Chequer”, no qual existem diversas lojas populares dispostas de forma confusa, com muitos anúncios, como ilustra a Figura 39.



Fonte: arquivo da pesquisa, setembro de 2011.

Figura 39 – Poluição visual.

Um dos problemas mais evidentes e recorrentes na cidade de Viçosa é o trânsito. Algumas questões são responsáveis por esse fenômeno que é mais visível na área central. Em horários comerciais há um grande fluxo de carros ocupados por professores, alunos e funcionários indo e voltando da UFV, além de ônibus, motos, bicicletas e pedestres. Como são apenas três as vias de acesso ao *campus*, a Avenida P.H. Rolfs, a Avenida Purdue e uma via alternativa pelos alojamentos da UFV, o fluxo é intenso e, conseqüentemente, lento.

Além disso, a verticalização faz com que haja um fluxo significativo de pessoas saindo de um mesmo ponto, e isso acontece ao longo de grande parte das vias. Por isso, o trânsito fica ainda mais lento. O resultado dessa conjunção de fatores pode ser visto nas Figuras 40 e 41.

Essas questões poderiam ser bastante amenizadas se as pessoas aderissem a alguns hábitos que, além de mais saudáveis, também seriam mais sustentáveis, como, por exemplo, andar a pé ou de bicicleta, em vez de carro, ou optassem pelo transporte coletivo, se ele pudesse atender de fato aos usuários. Medidas como essas contribuiriam não só para a questão do trânsito, como também para a poluição do ar e poluição sonora.



Fonte: Jornal Folha da Mata, 2011.

Figura 40 – Trânsito na Rua Milton Bandeira em 2011.



Fonte: Jornal Folha da Mata, 2011.

Figura 41 – Trânsito na Rua Milton Bandeira em 2011.

Outro problema bastante evidente na cidade é o lixo, no que se refere ao descuido da população sobre a sua coleta. É bastante recorrente andar pelas ruas da cidade e ver grande volume de lixo nas calçadas. Nos dois últimos anos houve uma melhora no recolhimento dos resíduos porque esse serviço foi terceirizado, sendo feito não mais pela prefeitura, e sim pelo Sistema Autônomo de Água e Esgoto (SAAE).

Entretanto, o problema é mais difícil de ser solucionado em função do comportamento incorreto por parte da própria população, que retira o lixo residencial e comercial em horários impróprios, muito distantes do horário estabelecido para a passagem dos caminhões coletores. Por esse motivo, as sacolas de lixo se acumulam pelas ruas e calçadas, provocando mau cheiro, incômodo, dificuldade na passagem de pedestres e sujeira que se acumula. Além disso, antes da passagem do caminhão coletor, animais, em busca de alimento, rasgam as sacolas, dificultando a coleta e limpeza das vias. Soma-se a esse comportamento da população uma falta de fiscalização por parte dos órgãos públicos, o que aumenta o problema em função da impunidade. As Figuras 42, 43, 44 e 45 ilustram essa afirmação. Elas foram feitas no bairro Clélia Bernardes, próximo ao Centro, por volta das 17 horas, em dezembro de 2011, e em outras ruas do Centro, por volta das 14 horas, em maio de 2012. A título de exemplo, é sabido que o horário do caminhão que coleta o lixo passar no bairro Clélia Bernardes é a partir das 19 horas, mas o lixo que se acumula nas calçadas, como pode ser visto nas imagens, foi depositado ali durante toda a tarde, dificultando a solução do problema.



Fonte: arquivo da pesquisa, dezembro de 2011.

Figuras 42, 43, 44 e 45 – Lixo pelas ruas do centro de Viçosa.

Ainda sobre a questão do lixo, é importante salientar o descaso por parte dos estudantes universitários. Elegendo a Avenida P.H. Rolfs, próximo às quatro pilastras, que marcam a entrada da UFV, os estudantes produzem festas a partir dos finais de tarde e descartam, sem constrangimento, copos de plástico nas calçadas. Esta cena é frequente e ainda mais séria quando as festas são de maiores dimensões. Nestes casos, o lixo toma conta também da avenida, que se prolonga para além das pilastras da UFV.

É bastante problemática em Viçosa também a questão da acessibilidade. Quando se fala em acessibilidade não se faz referência apenas às dificuldades enfrentadas pelos deficientes físicos, que, sem dúvida nenhuma, são as maiores vítimas da situação atual da cidade. O problema tem uma abrangência ainda maior, porque atinge a todos: crianças, jovens, adultos e idosos, sejam eles pedestres ou motoristas. Elementos básicos, como calçadas e calçamentos são problemáticos. As vias são estreitas e muitas ainda não são asfaltadas, possuindo calçamento em pedra fincada, muitas vezes sem manutenção. Dentre as ruas que possuem asfalto, algumas estão sem manutenção, haja vista o grande número de buracos. As Figuras 46 e 47 retratam essa situação na cidade.



Fonte: arquivo da pesquisa, dezembro de 2011.

Figura 46 e 47 – Calçamento em vias do centro de Viçosa.

Quando se fala em calçadas, a questão também é séria. Muitas são estreitas, irregulares e não cimentadas. A grande maioria não possui rampa de acesso para cadeirantes, existindo apenas em alguns pontos do centro da cidade. Algumas calçadas são tomadas pelo mato, outras não estão conservadas, como se pode observar nas Figuras 48 e 49. Sendo assim, a questão da acessibilidade em Viçosa é problemática e afeta a vida dos moradores sem distinções.



Fonte: arquivo da pesquisadora, maio de 2012.

Figuras 48 e 49 – Calçadas no centro de Viçosa.

Assim, fica evidente que a realidade socioambiental de Viçosa é delicada. Neste trabalho, são apresentadas as questões que mais chamam a atenção e que, acredita-se, afetar a população como um todo e se agravam ao longo do tempo.

4. OUVINDO A POPULAÇÃO

Não vemos as coisas como elas são, as vemos como nós somos.

Anais Nin.

Como já anteriormente mostrado, o processo de urbanização/reprodução do espaço urbano de Viçosa aconteceu de forma acelerada e sem planejamento. A presença da Universidade Federal fez de Viçosa uma cidade atrativa, tanto para estudantes de diversas regiões do país e de outros países, quanto para a população que residia nos municípios vizinhos, que viram uma oportunidade de trabalho e melhoria de vida. Esse processo de atração populacional, juntamente com interesses capitalistas, ausência do poder público e de atitudes da própria população desencadearam uma série de problemas socioambientais que já foram apontados por diferentes pesquisadores.

O que se traz aqui são questionamentos sobre o olhar da população viçosense diante de dessa realidade; ou seja, será que a população de Viçosa percebe estes problemas? Percebe-se quais seriam as questões mais percebidas? Esta população se reconhece como corresponsável e coparticipante da produção e, ou, minimização dos problemas socioambientais? Em que medida a percepção da população sinaliza para a possibilidade de se pensar na construção da sustentabilidade urbana e nova ética ambiental? Estas foram as questões que direcionaram esta parte da pesquisa. Para que se pudesse responder estas questões utilizou-se os dados obtidos a partir das consultas às atas da Câmara Municipal de Viçosa, dos exemplares do jornal Folha da Mata, bem como das entrevistas feitas a 30 moradores de Viçosa.

No que se refere especificamente às entrevistas, optou-se por não elucidar questões diretamente relacionadas aos problemas socioambientais, a fim de não influenciar a percepção dos entrevistados. A intenção foi tentar obter as informações requeridas de forma indireta. Neste aspecto, as entrevistas foram direcionadas para o viver na cidade. E para refletir sobre o viver na cidade apresentou-se algumas esferas desse viver como, trabalho, deslocamento, saúde e lazer/cultura, a partir das quais os entrevistados eram convidados a falar espontaneamente. Elencaram-se essas esferas do viver por acreditar que elas levariam a pensar a cidade, trazendo a possibilidade de reflexão aos entrevistados e quem sabe expressar suas percepções em relação às questões socioambientais nela evidenciadas.

4.1 Ouvindo a população: a fala por meio das atas da Câmara Municipal de Viçosa

Ler, identificar, anotar e analisar. Partes de um processo lento e delicado de extrair de atas das reuniões da Câmara Municipal de Viçosa – a “fala da população” sobre a cidade. Nesse processo, conseguiu-se estabelecer dez categorias, a partir das quais foi possível agrupar demandas e reclamações da população, quais sejam: iluminação, limpeza, calçamento, rede de água e esgoto, sinalização, muro de arrimo, lazer, transporte, segurança, e poluição visual e sonora.

No tocante à categoria transporte, os pedidos agrupados versavam sobre aumento no número de linhas, ampliação de estacionamento, mudança de percurso de ônibus, soluções para o problema do trânsito. Na categoria iluminação foram agrupadas reivindicações, como colocação de postes, troca de lâmpada, reparo de transformadores e fornecimento de energia elétrica. Na categoria limpeza foram agrupadas reivindicações como capina de lotes e calçadas, horário de passagem de caminhão de coleta de lixo, retirada de terra originada de quedas de barrancos, recolhimento de lixo, poda de árvores e coletor de lixo. Na categoria calçamento foram agrupadas reivindicações, como tapar buracos, asfaltamento, calçamento de pedra fincada, calçada (construir ou alargar), cascalhamento de ruas e obra de contenção de erosão. Na categoria rede de água e esgoto foram agrupadas reivindicações, como construção de boca-de-lobo, tampa de bueiro, desentupimento de bueiros, colocação de hidrantes, troca de manilhas, ampliação de rede fluvial e escoamento de águas pluviais. Na categoria sinalização foram agrupadas as reivindicações relacionadas aos quebra-molas, faixas de pedestre e placas de sinalização. Na categoria muro de arrimo foram agrupados os pedidos

referentes à colocação desses muros para contenção dos barrancos. A categoria lazer apareceu em todos os anos com frequência baixa, e versa especialmente sobre construção de campo de futebol e construção de quadra de esportes. Na categoria segurança foram agrupados os pedidos que se referiam ao patrulhamento de ruas e reclamações de violência durante o carnaval. Finalizando, na categoria poluição sonora e visual foram agrupadas as reclamações que se referiam ao barulho de bares, distribuição de cartazes de festas nos muros e barulhos de carros de som.

O gráfico a seguir (Figura 50) mostra quantas vezes cada uma dessas categorias apareceu entre os anos de 2001 e 2010.

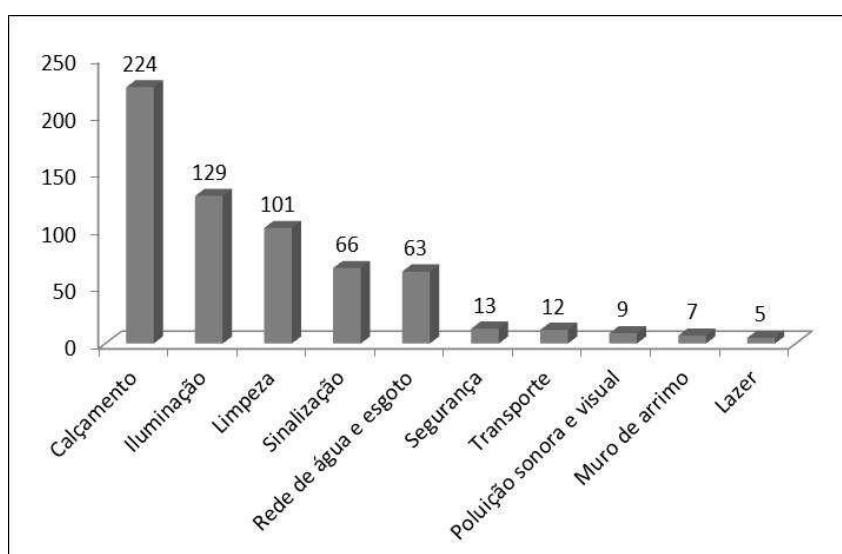


Figura 50 – Categorias manifestadas pelos moradores entre os anos de 2001 e 2010.

Pela Figura 50, pode-se observar as categorias que se destacaram entre os anos de 2001 e 2010 foram calçamento, com 224 pedidos, iluminação, com 129 pedidos, e limpeza, com 101 pedidos. Outra questão que se destaca é o fato de que as dez categorias estabelecidas caberiam em um novo agrupamento, ou seja, todas elas dizem respeito à infraestrutura.

Durante o trabalho foram encontradas algumas falas de moradores de Viçosa que não se enquadrariam nessas categorias, mas que se mostram pertinentes por abordarem questões socioambientais. Em 2006, houve uma denúncia por parte de um ex-vereador às agressões ao meio ambiente e às obras irregulares que estavam sendo feitas na cidade.

Em 2007, além dos pedidos de infraestrutura, houve um abaixo-assinado feito pela população de um bairro em relação à volta de médico ao PSF; e um pedido de rampa de acesso para deficientes no centro da cidade. Destaca-se, neste ano, um movimento bastante importante, apesar de pontual. Um morador se dirigiu à Câmara para apresentar um projeto chamado “1001 ideias para melhorar Viçosa”, que tinha como objetivo sensibilizar a comunidade sobre a importância do meio ambiente.

Em 2008, além das reivindicações gerais, chama a atenção o pedido de um morador, que se refere à solicitação de providência do CODEMA pelas queimadas ocorridas no terreno de um colégio da cidade.

Já em 2009, foi falado na Câmara sobre o “Projeto Interação: Responsabilidade Social e Meio Ambiente”, que é uma parceria entre UFV, a Prefeitura Municipal de Viçosa e a Unimed Serra de Minas, e que tem como objetivo a conscientização da população para a implantação da coleta seletiva do lixo doméstico e destinação para reciclagem. Houve também a recomendação do uso de papel reciclado no âmbito da Administração Municipal e de outras providências, no sentido de reduzir o consumo e adotar medidas que contribuam para o meio ambiente. Ainda em 2009, encontrou-se a manifestação de um arquiteto, falando sobre a necessidade de elaborar um projeto de requalificação do centro da cidade, planejar o futuro e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

Em 2010, encontrou-se a fala de dois vereadores, que são também relevantes para esta discussão. Um deles comentou que o SAAE estava fazendo um trabalho de conscientização da importância do trabalho dos agentes de limpeza pública; e outro que discutiu sobre a substituição do saco plástico de lixo e de sacola plástica por material ecológico.

Diante disso, é possível inferir que na fala da população via Câmara Municipal onde se pressupõe participação popular se destacaram as manifestações pouco abrangentes. Poucas foram as vezes que os pedidos tiveram um caráter mais amplo e menos pontual. Essa situação é explicada por Soulé (1997), quando afirma que a nossa percepção é influenciada não apenas por questões culturais ou que envolvem grupos, mas, também, por assuntos pessoais e individuais. Nesse sentido, Venturin *et al.* (s.d.) explica: “[...] motivação pessoal, sentimentos, valores, objetivos, interesses, expectativas e outros estados mentais influenciam no que as pessoas percebem”.

Apesar disso, há que se destacar a iniciativa do morador que se coloca a tarefa de apresentar “1001 ideias para Viçosa”, ou a atitude do arquiteto/morador que alertava

para a necessidade de se pensar em requalificação do centro ou a discussão sobre o futuro da cidade e qualidade de vida da população. E aí é importante lembrar Jacobi (2006), quando ele chama atenção para a importância da ampliação da consciência ambiental, participação popular e divisão de responsabilidade no monitoramento das ações quando se pensa em sustentabilidade urbana.

4.2 Ouvindo a população: a fala a partir do Jornal Folha da Mata

Ainda buscando apreender qual seria o olhar da população de Viçosa em relação ao viver nesta cidade, foram analisados exemplares do jornal Folha da Mata entre os anos de 2001 e 2011. A ideia era identificar, por meio das reportagens possíveis, questões relacionadas ao viver em Viçosa. Assim, foram encontradas matérias nas quais os moradores fazem reclamações sobre os problemas da cidade, bem como a forma como eles acreditam ser possível a solução dessas questões (Tabela 2).

Pela Tabela 2 identifica-se que as reclamações mais frequentes foram sobre obras na cidade (15 reclamações) e se referiam ao estreitamento de ruas; à necessidade de reformas nos calçamentos; ao risco de desabamento de barrancos, que suscitam a necessidade de muros de arrimo em alguns pontos da cidade; aos pedidos de canalização de águas pluviais; à iluminação; e à ampliação de escola. A questão do lixo, abordada de diversas formas, foi a segunda mais apontada, tendo 12 reclamações. Dentro desse quesito, foram abordadas questões como destinação do lixo na cidade; limpeza, se referindo tanto à coleta quanto ao comportamento da população; preocupações com reciclagem; e problemas com entulhos em ruas e calçadas. As reclamações versaram, também, ainda que em menor quantidade, as questões como transporte público, citado três vezes; e violência, citada duas vezes.

A Tabela 2 apresenta também uma reclamação sobre a depreciação do espaço público. Essa reclamação foi feita em uma reportagem divulgada em 2003, na qual os moradores de Viçosa denunciavam o descarte indevido de lixo em uma via da cidade. O mais interessante desta matéria é que os moradores relacionam este fato a uma questão mais ampla, que é das inundações de córregos e rios em períodos de chuva. Suas falas demonstram conhecimento de que as inundações são agravadas pelo descarte indevido de lixo de várias naturezas no curso d'água, e que isso acontece apesar do trabalho de conscientização feito por órgãos públicos, como prefeituras e Governo do Estado. Eles afirmam que atitudes como esta demonstram falta de consciência do coletivo,

Tabela 2 – Reclamações dos moradores no jornal Folha da Mata entre os anos de 2001 e 2011

Ano	Número de Matérias	Autor das Reclamações	Teor
2001	9	Representantes de bairro: 3 Moradores: 6	1) Falta de apoio da prefeitura para os bairros; 2) Destino do lixo; 3) Irregularidades no transporte público; 4) Criação de ONG visando segurança do bairro; 5) Estreitamento de ruas; e 6) Reforma nos calçamentos.
2002	6	Representantes de bairro: 3 Moradores: 3	1) Coleta de lixo; 2) Risco de desabamento; 3) Sujeira de lotes; 4) Transporte coletivo; e 5) Denúncia de obra irregular que recebeu autorização do IPLAN
2003	7	Representantes de bairro: 2 Moradores: 5	1) Serviço de transporte coletivo; 2) Denúncia sobre descarte indevido; 3) Limpeza pública; 4) Depreciação do espaço público; 5) Problema do lixo e preocupação com reciclagem; e 6) Risco de desabamento.
2004	2	Representantes de bairro: 0 Moradores: 2	1) Reforma nos calçamentos.
2005	6	Representantes de bairro: 1 Moradores: 5	1) Reforma nos calçamentos; 2) Canalização de águas pluviais; 3) Violência; 4) Iluminação; 5) Descarte indevido de lixo; e 6) Entulho,
2006	4	Representantes de bairro: 2 Moradores: 2	1) Reforma nos calçamentos; 2) Ampliação das escolas; e 3) Coleta de lixo.
2007	6	Representantes de bairro: 1 Moradores: 5	1) Retirada de entulho das ruas; 2) Reforma nos calçamentos; e 3) Preocupações com barranco desmatado.
2008	3	Representantes de bairro: 0 Moradores: 3	1) Reforma nos calçamentos; e 2) Descuido por parte da Administração Pública com os bairros.
2009	5	Representantes de bairro: 1 Moradores: 4	1) Problemas na limpeza de bairros e do Distrito Industrial; 2) Pedidos de calçamento das vias; 3) Melhorias na sinalização.
2010	3	Representantes de bairro: 1 Moradores: 2	1) Reforma nos calçamentos; 2) Problemas com limpeza; e 3) Perigo de desabamento de barranco.
2011	4	Representantes de bairro: 0 Moradores: 4	1) Pedidos de limpeza; 2) Reforma nos calçamentos; e 3) Revitalização de córrego.

classificando o ocorrido como “atitude irracional”. Assim, apesar do acontecido, observou-se que há uma parte da população que percebe, se incomoda e denuncia ações indevidas, o que representa que, mesmo tímida, já aparece uma consciência ambiental e social, elemento fundamental para se pensar na construção da sustentabilidade urbana. Além disso, essas pessoas atribuem à responsabilidade de situações como essas aos próprios moradores, e não somente às entidades públicas, como acontece com frequência.

A partir dos dados da Tabela 2, interessava saber quais das reclamações eram direcionadas à necessidade de ações do poder público e quais se referiam à responsabilidade da população na geração e solução dos problemas. Os dados encontrados estão na Tabela 3.

Tabela 3 – Direcionamento das reclamações sobre problemas ambientais no jornal

Ano	Responsabilidade do Poder Público	Responsabilidade da População
2001	7	2
2002	4	2
2003	3	4
2004	2	0
2005	5	1
2006	6	0
2007	4	3
2008	3	0
2009	4	0
2010	3	0
2011	4	0
Total	45	12

Por meio dos dados da Tabela 3 identificou-se que 82,45% das reclamações direcionam para o poder público a responsabilidade de solucionar os problemas socioambientais. Apesar disso, há que se considerar a grande relevância das 12 reportagens – que correspondem a 12,55% – onde os moradores identificam o problema como responsabilidade do cidadão e não apenas do poder público. Como exemplo, tem-se um morador que, ao reclamar sobre a limpeza de um lote vago em sua rua, não solicitou que o serviço de limpeza da cidade assumisse a responsabilidade, mas, sim, que a prefeitura agisse no sentido de multar o proprietário, demonstrando entender a quem de fato caberia a responsabilidade pela limpeza do lote.

De modo geral, percebeu-se que os dados encontrados no jornal são parecidos com aqueles encontrados nas atas de reunião da Câmara, já que também se referem às questões de infraestrutura da cidade e, de forma pouco abrangente, trazendo pedidos de melhorias para problemas que estão em sua rua ou seu bairro, apesar de serem identificados em toda a cidade. Esse fenômeno pode ser explicado pela teoria de Ruscheinsky (2002), *apud* Miranda (2008). Ele diz que comportamento humano é resultado de um processo perceptivo em que o ambiente é muito importante. Porém, as ações serão restritas, uma vez que o modelo de sociedade no qual estamos inseridos compele as pessoas ao egoísmo e individualismo, limitando suas ações no sentido de solucionar questões coletivas (RAMPAZZO, 1996, *apud* MIRANDA, 2008).

No entanto, não se pode desvalorizar a parcela de pessoas que recorrem ao jornal com um olhar crítico em relação às atitudes das pessoas comuns. Magalhães (2006) afirma que é de grande relevância considerar esses pequenos gestos, como cobranças ao poder público e sugestões de melhorias, já que, para ele, sustentabilidade urbana não deve ser vista como uma meta, mas, sim, como um processo, um caminho construído diariamente. Isso significa que não se pode pensar em mudanças radicais, mas em um trabalho lento e longo de conscientização e mudança de hábitos.

4.3 Ouvindo a população: a percepção dos moradores sobre o viver em Viçosa

Ao realizar as entrevistas, os moradores de Viçosa foram convidados a pensarem a cidade em que vivem, tendo como referência seus problemas socioambientais sem mencioná-los. Trazer para a discussão diferentes esferas do viver contribuiu para que os entrevistados se sentissem mais à vontade para expressar suas possíveis posições.

Quando foi mencionada a esfera *trabalho*, apareceram diferentes posicionamentos, conforme pode ser apreciado na Figura 51.

Como pode ser observado, ao falarem sobre trabalho, os entrevistados não remetem às facilidades ou possibilidades, mas, sim, aos problemas que afetam a população nesse quesito. Nesse caso, o elemento que mais se destacou diz respeito à ausência de indústrias na cidade (36%). Em decorrência disso, as possibilidades de trabalho ficam restritas à UFV e ao comércio da cidade, o que, por sua vez, desencadeia uma grande dependência desses setores. Assim, é possível inferir que as pessoas atribuem ao setor industrial a possibilidade de amenizar a dependência da cidade pela UFV e do comércio.

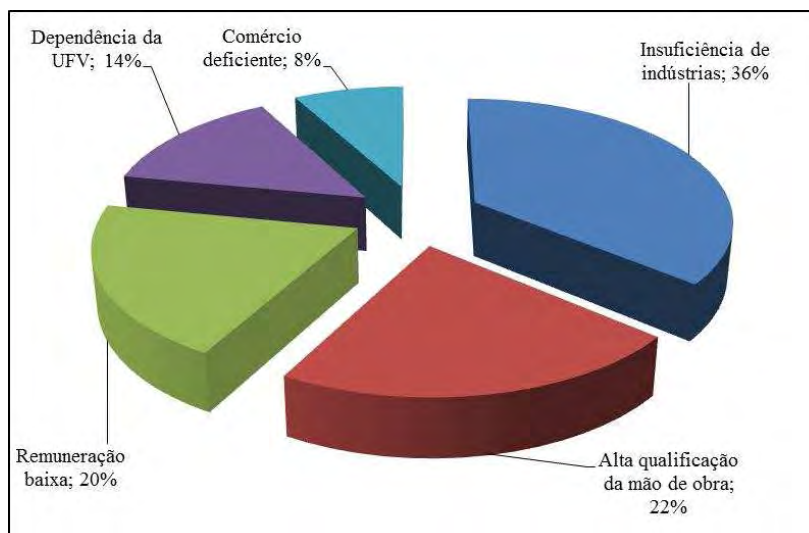


Figura 51 – Elementos apontados como problemas em relação ao trabalho.

No caso do comércio, essa dependência é principalmente sentida em períodos de férias e greves da Universidade, já que é quando a maioria dos alunos volta para suas cidades de origem. Nestas ocasiões, o comércio sofre com a queda nas vendas, o que implica em demissões. Os depoimentos a seguir evidenciam esse cenário:

M17: Eu falo a área de indústria, Viçosa poderia ter e não tem nada de indústria. Podia ser na área alimentícia, têxtil, qualquer coisa assim. Já que a gente trabalha muito comércio, principalmente no vestuário, poderia existir, por exemplo, uma fábrica de confecção. Tem umas pequenas confecções, mas é tudo muito pequeno, não gera muito emprego, é familiar. Então infelizmente nós temos essa dificuldade na área de emprego em Viçosa (M17 – 38 anos).

H5: Se a Universidade parar, a cidade para também. Então por um lado é bom porque a gente tem os alunos da Universidade, por outro já é ruim, porque quando a Universidade entra de férias, por exemplo, é hora do pessoal dispensar um bocadinho de gente, já não pode ficar com funcionário (Homem 5 – 34 anos).

É interessante observar que além de perceber o problema da falta de indústrias, a entrevistada M17 chega a apontar possíveis soluções para o problema, a partir de sua perspectiva. No que se refere à fala do entrevistado H5, é possível inferir que sua percepção seja influenciada por sua própria vivência, já que ele trabalha no comércio como balconista.

Ainda sobre questões como dependência da UFV, apontado por 14% dos entrevistados, e comércio deficiente, lembrado por 8% dos entrevistados, outros elementos devem ser ressaltados. De fato, a geração de emprego na cidade se dá de duas

formas: a primeira de forma direta com as diferentes funções dentro do *campus*, tendo esses profissionais estabilidade no trabalho, plano de saúde, etc.; a segunda se dá de forma indireta e resulta da demanda de serviços gerada a partir da UFV, como papelarias, restaurantes, imobiliárias, atividades domésticas (exercidas, principalmente por mulheres), construção civil (vagas ocupadas majoritariamente por homens), dentre outros. Na percepção dos entrevistados, essas fontes empregatícias oferecem, em sua maioria, remuneração baixa e não há estabilidade. As falas a seguir ilustram essas afirmações:

M2: Aqui a vida de Viçosa é a UFV, infelizmente se não fosse a universidade era muito difícil a vida aqui. Em torno da universidade tem um aluguel, uma lavagem de roupa, tem pessoas que trabalham aqui fazendo faxina na casa de estudante. Então quase todo mundo aqui vive em torno da universidade. O comércio é a universidade que dá vida, né? (Mulher 2 – 78 anos)

H9: Se a pessoa não for funcionária da Universidade ele não tem uma vida muito boa assim, não, porque tem que ganhar salário mínimo em comércio, não tem uma fábrica, não tem nada (Homem 9 – 75 anos).

M13: não tem comércio, não é um comércio forte, então acho que é difícil (Mulher 13 – 54 anos).

H4: Eu imagino que principalmente na construção civil, porque a mão de obra que a gente tem onde eu moro (Nova Viçosa), a maioria dos homens, é pra construção civil. Então acredito que nessa área empregou bastante gente. [...] Pras mulheres, em Viçosa, tô falando do bairro onde eu moro, a grande maioria ainda trabalha como diarista, empregada doméstica, faxineira assim, mas não tem grandes postos. A remuneração é baixa e que ainda não permite uma vida melhor com esse rendimento, porque o salário é aquém do necessário para ter uma vida mais bacana, mais digna. (Homem 4 – 34 anos)

Referindo-se especificamente ao comércio, os entrevistados dizem que além da baixa remuneração, as opções são pequenas, tanto em relação aos tipos de emprego no setor comercial quanto ao número de estabelecimentos.

Outros entrevistados apontaram também a dificuldade de conseguir emprego em Viçosa, por parte daqueles que possuem alto grau de escolaridade, citado por 22% dos entrevistados. Segundo eles, a cidade não consegue absorver o grande volume de profissionais que se formam todos os anos na Universidade, e que o destino deles é procurar trabalho em outros locais. As falas a seguir ilustram esta análise.

H1: eu nunca tive oportunidade de tentar trabalho em Viçosa porque eu emendei minha vida toda na universidade, mas o que eu vejo com relação a minha área é que não tem área pra trabalhar em Viçosa. Na

verdade eu acho que isso deve acontecer com todo mundo que sai da UFV, com essa sensação de que quanto mais grau vai conseguindo lá menos possibilidade de ficar na cidade. (Homem 1 – 31 anos)

H3: Então hoje pra Viçosa é a construção civil que emprega a mão-de-obra menos especializada. Para eles, todos os anos saem muitos formando. O que acontece: Viçosa não tem área pra esse povo, então eles ou vão trabalhar por conta própria, abrir seu próprio negócio, ou vão prestar concurso público. Mas a maioria não fica em Viçosa, já que a nossa população é ambulante. (Homem – 59)

De fato, como foi dito anteriormente, a maior parte das vagas de emprego da cidade é destinada a pessoas com baixo nível de escolaridade e, conseqüentemente, com baixa remuneração.

Para além das informações mais recorrentes, um entrevistado apontou ainda uma questão bastante relevante, que justificaria a ausência de grandes empresas e um bom comércio em Viçosa, que é a posição geográfica da cidade. Ele diz:

H1: Mas Viçosa tem outras questões que eu acho que dificulta muito, que é o fato de ser um lugar muito fora de mão. Assim, a gente tá em volta de algumas cidades grandes: Rio, Juiz de Fora, Belo Horizonte. Você vê que quem vai do Rio para BH não passa por aqui, Juiz de Fora para Belo Horizonte não passa por aqui, sabe é um lugar que não tá na rota de quem vai de um lugar para outro, e isso dificulta a trazer, por exemplo, indústria, coisas desse tipo. (Homem 1 – 31 anos)

Esta afirmação parece bastante importante, já que, de fato, Viçosa não faz parte da rota de grandes cidades. Além disso, o acesso à cidade é difícil em função do relevo, que faz com que as estradas sejam estreitas, sinuosas e difíceis de serem duplicadas, e da ausência de aeroportos próximos (contando apenas com os aeroportos de Juiz de Fora e Ubá). Esses fatores fazem de Viçosa uma cidade pouco atrativa ao setor industrial, que precisa de uma boa infraestrutura viária para transportar matéria-prima e escoar sua produção.

Apesar de apontar problemas, muitos entrevistados sinalizaram melhorias neste quesito:

M9: Eu percebo que pra homem até tem muita coisa por causa da construção civil que cresce demais, e o que às vezes falta é um preparo mesmo desses homens, né? Mas pra homem dificilmente falta. (Mulher 9 – 34 anos)

H3: Então hoje pra Viçosa é a construção civil que emprega a mão-de-obra menos especializada. (Homem 3 – 59 anos)

Pelos depoimentos é possível perceber que os entrevistados atribuem essa melhoria basicamente ao crescimento da oferta de trabalho, a partir da expansão da construção civil, que, de fato, é bastante expressiva em Viçosa.

Houve também uma situação interessante. A Mulher 3 (65 anos), que não apontou nenhum problema em Viçosa, afirmou que não há problemas em relação a trabalho em Viçosa. Segundo ela,

Em relação a trabalho a vida é boa né? Porque sempre se a gente procurar a gente acha trabalho. Para todas as idades a gente acha uma faxina, coisa que fazer. *Quando a sua filha formar, a senhora acha que ela vai conseguir emprego?* Ah, acha sim, a não ser que ela vai querer um emprego de ganhar muito dinheiro. Acha, mas num é igual a cidade grande, mas tem. (Mulher 3 - 65 anos)

Outra entrevistada, Mulher 12 (52 anos), afirmou

Às vezes eles num querem porque é serviço pesado, com inchada, foice, as vezes eles acham que é pesado. Mas às vezes é o que a pessoa serve pra fazer. Mas hoje depende muito do estudo, né? As vezes não tem e vai sobrando o trabalho mais pesado. Pedreiro mesmo, tá faltando pedreiro. Tem os querem ganhar muito, às vezes as pessoas não podem pagar o preço que eles querem, então fica difícil. Mas trabalho tem.

Percebe-se que a fala das duas entrevistadas tem a mesma ideia: Viçosa oferece emprego com baixa remuneração. Porém, a primeira não considera isso como uma situação negativa, enquanto a segunda entrevistada entende que há um problema, já que as pessoas buscam melhores remunerações, mas não encontram, apesar de encontrarem emprego. Na fala da segunda entrevistada fica subentendido que melhor remuneração e escolha do tipo de trabalho estão diretamente relacionadas ao estudo; assim, o trabalho pesado e de baixa remuneração seria a alternativa encontrada por aqueles com baixa escolaridade.

Diante das falas dos moradores é possível perceber que o problema do trabalho em Viçosa não está ligado diretamente à oferta, mas, sim, à especificidade do que é oferecido, que implica em receber baixos salários, sem garantias, e realizar atividades que demandam esforço físico.

As diferentes formas de perceber a questão da falta de trabalho em Viçosa pode ser compreendida à luz dos autores que falam sobre percepção, quando dizem que cada indivíduo verá de uma forma uma determinada situação, uma vez que essa forma de ver

o mundo está diretamente ligada às experiências, ao sentimento, à ideia que cada um faz de uma dada situação, à realidade individual (GOMES, s.d.).

Outra esfera do viver a cidade mencionada foi o *deslocamento*. Nesse quesito, procurou-se direcionar a discussão para o movimento de ir e vir, feito diariamente para a realização de atividades, como trabalho, estudo, compras, entre outros. A partir das respostas foi gerada a Figura 52.

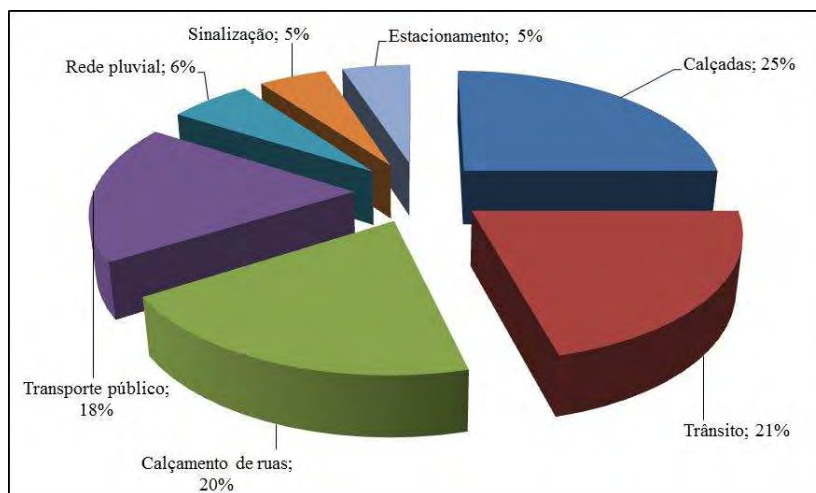


Figura 52 – Elementos apontados como problemas em relação a deslocamento.

Analisando as informações contidas na Figura 52 percebe-se que 25% dos entrevistados apontaram as calçadas como um problema na categoria deslocamento. Percebe-se que a característica mais citada foi irregularidade, já que há variação nas larguras e alturas em um mesmo trecho. Os entrevistados reclamam que em alguns bairros não há calçadas, sendo a passagem tomada por mato e terra. As falas dos entrevistados M10 (Mulher 10 – 48 anos) e H10 (homem 10 – 26 anos) representam esta situação:

M10: Mas as calçadas a pé, nossa Senhora! Não é fácil não, tá complicado. Você passa em vários morros, tem muita interrupção de calçada, e os passeios são diferentes, o calçamento é diferente, são irregulares, não dão sequencia, é bem difícil. Então quando eu andava só a pé eu tinha muita dificuldade, me doía muito a perna, quando descia e subia a pé [...] Eu fiquei andando tanto a pé uma época que eu passei a andar na rua em vez de se no passeio, porque era reto. Eu tive que usar essa estratégia porque meus calçados estava me incomodando muito.

H10: O Santo Antônio tem muito problema de calçamento, e muitas ruas não são asfaltadas, no trajeto tem muitos trechos que não tem calçada mesmo, então se tá chovendo você num vai passar no barro, aí tem que ir pra rua. Ao ir pra rua você já tá entrando no movimento de

carro, e como é morro o carro não vai parar pra você. Então existe pontos de travessia que são muito arriscados.

As falas apresentadas trazem informações significativas. A primeira, e talvez a mais relevante, está relacionada à “posição de quem fala”, ou seja, as entrevistadas falam como pedestres a caminhar pela cidade. Na primeira fala, a entrevistada se remete ao problema das calçadas de maneira geral, já a segunda situa a questão em uma parte específica da cidade e mostra como a rua passa a constituir espaço de pedestres, mesmo com tráfego de veículos.

Em relação aos problemas das calçadas, teve-se a oportunidade de registrar, durante o trabalho de campo, uma situação inusitada em um trecho da Avenida Marechal Castelo Branco, próximo ao Centro. A Figura 53 retrata essa situação.



Fonte: arquivos da pesquisa, outubro de 2011.

Figura 53 – Faixa de pedestres na Av. Marechal Castelo Branco.

Naquele ponto específico da avenida, o que mais chama atenção na imagem é o fato de a faixa de pedestres ligar um lado que tem calçada ao outro lado que não tem. Esta situação é resultante de um deslizamento de terra durante o período chuvoso, o que fez soterrar e bloquear a passagem pela presença de uma rocha. Assim, as opções que os transeuntes possuem é atravessar na faixa e andar no asfalto, ou atravessar fora da faixa, mas de forma que eles possam encontrar calçada do outro lado. Neste caso, não há

como negar a omissão do poder público em uma área central e de grande movimentação.

De fato, esse descuido municipal com as calçadas foi uma questão apontada por vários entrevistados. Contudo, em suas falas é comum a comparação entre as calçadas dos bairros com as do Centro, como pode ser observado nas falas abaixo.

H3: Tem uma diferença muito grande entre o centro da cidade para os bairros da cidade. Porque a prefeitura olha muito o centro da cidade, e os bairros mesmo fica mais atrás em obras, calçamento de rua, manutenção, essa parte fica muito relativo. (Homem 3 – 59 anos)

H1: O caminho que eu faço pra chegar na minha casa não tem calçada, e eu tô falando ali da entrada do Galpão. Mal tem calçada. Na Castelo Branco só tem calçada de um lado da rua, do outro é um barranco. Isso porque o barranco cai, caiu uma pedra, a pedra tá lá encima da faixa de pedestre, ali é horrível. Até onde tem calçada, tem muita oficina, cheio de carro estacionado. Ali não é lugar de gente passar. Realmente aquilo lá é desleixado mesmo. Ali é sujo, quando chove você escorrega e cai, não tem onde passar. Realmente ali é esquecido. (Homem 1 – 31 anos)

Como se percebe, embora com singularidades, as falas remetem ao descuido das calçadas de Viçosa. As expressões “ali não é lugar de gente passar” ou “realmente ali é esquecido” trazem implícita a percepção do morador quanto à ausência do poder público municipal. Se nos bairros, conforme alertam os entrevistados, a situação é mais grave, uma simples caminhada pela cidade revela o quanto os problemas com as calçadas são recorrentes. As Figuras 54 a 57 ilustram essa realidade.



Fonte: arquivos da pesquisa, novembro/dezembro de 2011.

Figuras 54 e 55 – Calçadas nos bairros Clélia Bernardes e Nova Viçosa, 2011.



Fonte: arquivos da pesquisa, novembro 2011.

Figuras 56 e 57 – Calçadas no bairro Santa Clara, 2011.

Apesar das falas dos moradores remeterem às calçadas melhores no Centro, durante o trabalho de campo foram encontradas nesta área calçamentos bastante deficientes, como mostram as Figuras 58 e 59.



Fonte: arquivos da pesquisa, maio 2012.

Figuras 58 e 59 – Calçadas no Centro de Viçosa, 2012.

Ainda em relação às calçadas, uma das entrevistadas citou a questão da sua multifuncionalidade, como mostra a fala abaixo:

M9: você vê que o passeio é usado das mais diversas formas: é pra colocar entulho, é pra colocar um canteiro de obras pra construir, e é pra colocar a mesa do bar, principalmente a mesa do bar. Então é bem complicado você transitar a pé também na cidade, num é só a parte de transito de carro, de moto e de bicicleta, que eu sei que é complicado também, mas a pé é bem complicado. (Mulher 9 – 34 anos)

Por meio de sua fala pode-se afirmar que essa multifuncionalidade é problemática, porque faz com que o deslocamento a pé seja tão complicado quanto em veículos automotores ou bicicletas, em função da constante obstrução da passagem, obrigando o pedestre a disputar espaço com carros e bicicletas nas ruas da cidade.

A entrevistada M17 (Mulher 17 – 38 anos) apontou algumas explicações para o problema da ausência e irregularidade de calçadas. Ela diz:

M 17: Agora calçada é muito irregular, a fiscalização também não dá conta de olhar. Tem lugar que tem a calçada normal que dá pros pedestres tarem utilizando, mas tem lugar que a calçada é mínima, e muitas esburacadas também. Então eu até acho que poderia tomar uma atitude, o próprio morador ajudar a melhorar isso. A gente vai ficar esperando a prefeitura, ou pelo menos chamar a prefeitura, que a maioria nem comunicação num dá. O prefeito não dá conta de ver todos os problemas. Se não tiver o presidente de bairro, ou alguém que pode informar, mesmo que ele não vai fazer o que precisa, mas pelo menos saber que tá fazendo. Então principalmente a parte alta, não tem calçamento, não tem meio-fio, calçada.

A partir de sua fala é possível compreender que a situação atual das calçadas em Viçosa é resultado de um processo descontínuo. As construções antigas, quando foram erguidas, não tiveram a preocupação – ou não havia legislação que regulamentasse – em deixar calçada de tamanho apropriado. As construções mais recentes seguiram as normas vigentes e fizeram suas calçadas adequadamente. Essas construções novas e antigas convivem na paisagem urbana, levando à irregularidade das calçadas.

Ainda se referindo ao deslocamento, os entrevistados apontaram como segundo maior transtorno o trânsito, tendo este item aparecido em 21% das respostas dos entrevistados. As falas a seguir representam algumas dessas manifestações.

M6: Mas também é por causa do trânsito, nem pode colocar a culpa na empresa, é o trânsito de Viçosa que é caótico demais, mesmo com sinal atrasa um pouco. (Mulher 6 – 24 anos)

M9: E aí se eu quiser ir pro centro da cidade ou pra algum lugar mais distante, realmente eu vou de carro, apesar dos atrasos, da dificuldade do trânsito que é grande. (Mulher 9 – 34 anos)

Apesar de ser um problema evidente em Viçosa, o trânsito não recebeu demonstrações de grande incômodo, tendo sido mencionado indiretamente. As referências feitas se direcionam à lentidão e aos atrasos gerados por ele. Os entrevistados atribuem os problemas no trânsito também à sinalização, citada por 5% dos entrevistados. As menções se referem à dificuldade de adaptação aos semáforos e às mudanças nas faixas de pedestre que vieram com ele, como demonstra a M8 (Mulher 8 – 21 anos)

M8: No mais, pra chegar na Universidade eu tenho que passar por uma série de semáforos, por pessoas que ainda não se adaptaram e não sabem usar as faixas. O tempo de semáforo não funciona muito bem, na minha concepção de sinal.

De fato, percebe-se que os semáforos ainda não estão completamente sincronizados, o que leva a demora em seguir caminho. Além disso, em função do posicionamento dos semáforos, o lugar das faixas também mudou, e a população ainda sente dificuldade em atravessar nos locais corretos, fazendo uso das faixas antigas. Isso faz com que o trânsito fique lento e perigoso.

Outro entrevistado mencionou a ineficiência da sinalização horizontal:

H10: E eu tô vendo uma confusão muito grande com o sinal, acho que não foi bem implantado. Outro problema do trânsito de Viçosa é a sinalização horizontal, a que está no chão. Com esse problema do calçamento, a sinalização horizontal fica muito prejudicada, e às vezes ela é que guia melhor o motorista que a placa, às vezes com esse monte de letreiro, esse monte de outdoor, você já não presta atenção da sinalização vertical que é a placa. [...] Acho que as modificações no trânsito podem vir a colaborar sim, mas eu acho que faltou o planejamento no detalhe. Eu sinto saudade de JF porque lá eu sei que quando eu descer do ônibus eu vou ter rua asfaltada e sinal funcionando! Você sabe o código da cidade, então você não tem o esforço de pensar em como se locomover, e isso é um gasto psíquico, me cansa. (Homem 10 – 26 anos)

De fato, a sinalização horizontal às vezes não é feita adequadamente, o que torna difícil o seu uso, como afirma o entrevistado e foi verificado em campo. Além disso, é difícil visualizar as placas por causa da poluição visual da cidade. Quando o entrevistado compara Viçosa a Juiz de Fora, ele levanta a questão de toda a facilidade que um sistema bem feito proporciona. Assim, a sinalização imprópria de Viçosa pode gerar um desgaste psíquico em seus moradores e visitantes.

O calçamento das ruas foi o terceiro mais lembrando, sendo citado por 20% das pessoas, como ilustram os depoimentos.

H1: A rua que eu moro não tem calçada, não é calçada, é calçada de pedra fincada. Toda vez que chove cai as pedras e enche de buraco na rua. Meu vizinho da frente concertava a rua. Todo ano eu via ele lá sentadinho batendo as pedras de volta. (Homem 1 – 31 anos)

M12: Agora o problema da rua é os buraco. O asfalto, e mesmo os lugar que tem pedra, tem muito buraco, tá muito ruim mesmo. Tem muito serviço pro prefeito fazer, eu acho que ele num vai dá conta! (Mulher 12 – 52 anos)

H11: Quando você fala do bairro, no bairro falta muito calçamento. Nosso bairro tem 34 anos de existência e ele tem mais ou menos 50%

que não é calçado. Então a gente tá sempre lutando, cobrando das administração. (Homem 11 – 45 anos)

M7: eu vou de carro. Primeiro, as ruas estão uma catástrofe, principalmente o meu trajeto, é uma coisa triste, lastimável. A minha rua é puro arranco que dá. (Mulher 7 – 21 anos)

Quando se referem ao calçamento, percebe-se que as reclamações mais frequentes versam sobre a ausência de asfaltamento, havendo ruas de pedra fincada e outras sem nenhum tipo de calçamento, e falta de manutenção das vias. O entrevistado H11 (Homem 11 – 45 anos), representante de seu bairro, apresenta dados sobre calçamento, e demonstra que esta é uma questão problemática bastante sentida pelos moradores. Observa-se ainda que este morador enfatizou suas tentativas de resolver a questão, mostrando-se ativo junto ao poder público municipal.

No que se refere ao descuido das vias, as entrevistadas M12 (Mulher 12 – 52 anos) e M7 (Mulher 7 – 21 anos) enfatizam a questão dos buracos, tanto em ruas asfaltadas quanto com calçamento de pedra fincada. Suas falas esclarecem a intensidade do problema, quando dizem que “as ruas estão uma catástrofe” ou que “tem muito serviço pro prefeito fazer, eu acho que ele num vai dá conta!”, o que possibilita entender que a questão é, de fato, séria, e que Viçosa não tem um satisfatório serviço de manutenção das vias. Ainda sobre o calçamento, em sua fala, o entrevistado H1 (Homem 1 – 31 anos) explica que um morador de sua rua tomou para si o trabalho de minimizar o problema, o que demonstra um sentimento de descrença nas ações do poder público, que é o responsável por essa medida.

Os entrevistados percebem também problemas no serviço de transporte público da cidade (18%). Segundo eles, o serviço é ruim por vários motivos. O primeiro motivo são os horários: os entrevistados afirmaram que em alguns bairros os ônibus passam apenas uma vez a cada hora. Além disso, os horários são insuficientes porque não passam antes das 6 horas ou depois das 23h30min.

H1: A linha de ônibus a gente tinha que aprender a acostumar também porque muitas vezes é de hora em hora, só. Você tem que saber que se você se atrasar 2 minutos, você se atrasou 1 hora. Atende relativamente porque nossos compromissos geralmente são em horas inteiras. (Homem 1 – 31 anos)

M8: Pra minha mãe ainda é difícil. Esses dias mesmo ela foi assaltada porque ela sai de casa 5:30hs pra trabalhar e não tem lotação, tem que ir a pé, porque o ônibus que tem é 6:30hs, aí não dá tempo. (Mulher 8 – 24 anos)

M16: razoável, porque nos finais de semana, por exemplo, no bairro que eu moro é longe do centro, né, e no sábado não existe ônibus de hora em hora, são de duas em duas horas, e pra gente tá se locomovendo tem essa dificuldade de ônibus finais de semana, domingos, feriados, e a empresa, como é uma empresa só que tem em Viçosa, ela não atende a gente bem nesses aspectos. (Mulher 16 – 47 anos)

Pela fala da entrevistada M16 identificou-se outro problema no serviço de transporte público de Viçosa, que é a frequência dos ônibus nos fins de semana. Em alguns bairros, os ônibus só passam de duas em duas horas, dificultando o deslocamento dos moradores, especialmente para atividades de lazer. Além disso, há um problema bastante frequente com atrasos, com explicam os entrevistados.

M5: Mas de qualquer forma, em condições normais, o ônibus pode passar mais cedo ou mais tarde. É um serviço muito inconstante. Então assim, eu sei que tem mas eu não conto com ele. (Mulher 5 – 24 anos)

H10: Eu só faço a linha Barrinha, e só tem de hora em hora. Então se você atrasa e perde o ônibus por 5 minutos, você tá atrasado uma hora. E o horário não é nada constante. O correto dele passar é 20 minutos pra hora, mas tem que descer pro ponto hora e meia, porque ele passava entre hora e meia e 20 pra hora. Quando chove ele atrasa muito mais. (Homem 10 – 26 anos)

Por meio de suas falas percebe-se que os horários são inconstantes, e que podem atrasar por motivos, como trânsito e chuva, e que esses atrasos podem ser bastante longos, o que faz com que as pessoas não confiem no serviço e procurem não contar com ele para realizar seus deslocamentos.

Os entrevistados apontaram ainda como problema a rede pluvial de Viçosa (6%). Essa questão foi apenas citada por alguns moradores, sem desenvolvimento mais profundo. No depoimento a seguir o morador expressa suas observações:

H11: A infraestrutura de Viçosa é ruim, o piso de Viçosa é muito ruim, todo. Viçosa tinha que ter, por exemplo, muita rede pluvial e não tem. Porque você vê que toda rua quando tá chovendo tá cheia de poça d'água, a água não tem aonde escorrer. Não tem calçamento, não tem rede pluvial, não tem rede de esgoto, então ainda existe muito coisa a mexer, a melhorar, porque Viçosa já era pra ter melhorado há muitos anos, mas infelizmente não foi do interesse do poder público fazer. (Homem 11 – 45 anos)

Apesar de pontual, considera-se importante trazer esta questão por saber que um sistema adequado de canalização da água da chuva evitaria alagamentos, que sempre

acontecem em alguns pontos da cidade, como, por exemplo, na Avenida Bernardes Filho, no bairro de Lourdes. Além disso, a fala do entrevistado ressaltou o desinteresse do poder público em solucionar a questão, observação feita de forma recorrente pelos entrevistados.

Outro problema apontado por 5% dos entrevistados é a dificuldade de estacionamento. Segundo eles, a grande quantidade de carros é um problema tanto para a fluidez do trânsito quanto para encontrar estacionamento no centro da cidade.

M9: Num é muito fácil não! Porque o centro da cidade num tem nem lugar pra parar direito. Então a gente tem sempre que associar o lado automotivo com o lado físico também. (Mulher 9 – 34 anos)

M10: Agora tá ficando um pouco difícil quando você quer descer de carro porque não encontra lugar pra estacionar, minha dificuldade é só isso. (Mulher 10 – 48 anos)

H9: o trânsito de Viçosa tá pesado demais, né? Muito ruim mesmo, apesar de ser uma cidade pequena. Então aqui o quê que a gente faz: quando precisa ir no centro deixa o carro mais na Santa Rita, por ali, e não vai no centro de carro porque vai lá a toa, não tem lugar pra estacionar. Ou a pessoa vai e já deixa o carro direto no estacionamento, então funciona assim. (Homem 9 – 75 anos)

Nota-se nas falas dos entrevistados que aparecem reclamações quanto à carência de espaços disponíveis para estacionar os carros em Viçosa. A fala do entrevistado H9 mostra a alternativa por ele utilizada no caso foi estacionar em locais mais afastados das áreas problemáticas, como a Avenida P.H. Rolfs e a Praça Silviano Brandão. Contudo, fica evidente que nenhuma das falas relativiza a necessidade do carro individual em uma cidade pequena como Viçosa. Em uma sociedade de consumo onde o carro exerce símbolo de *status*, parece não haver espaço para reflexões dessa natureza, onde o cidadão comum não se inclui como parte do processo de pensar em sustentabilidade urbana.

A questão do estacionamento, mencionada pelos moradores, evidencia outro problema para se pensar a sustentabilidade, que seria a dificuldade de implantar práticas sociais coletivas. O problema do estacionamento, por exemplo, seria amenizado se os cidadãos pudessem contar com um sistema de transporte público adequado, o que talvez os incentivassem a deixar seus carros em casa.

Há uma questão bastante relevante que foi apontada diretamente apenas por um entrevistado, que é a questão da acessibilidade. Ele diz que a situação das calçadas e dos

calçamentos em seu bairro e em toda Viçosa dificultam enormemente a mobilidade de pessoas portadoras de necessidades especiais, principalmente cadeirantes.

H12: Agora acessibilidade de calçada nós num temos. Devido a topografia, cada passeio é uma altura. Quem tem uma deficiência a acessibilidade tá terrível. No bairro não tem planejamento, você tem calçadas com 80 cm, ou 1m, dependendo do lugar. Então quem anda de cadeira de rodas ou de muleta, ou idoso, ele tá perdido. Tem pouco tempo que nós mandamos um ofício pra prefeitura pedindo que o asfalto, na próxima remessa, seja nas ruas onde há pessoas com necessidades especiais. Lá nós temos três casas que tem cadeirante, então nada mais justo que o asfalto nessas ruas. (Homem 12 – 42 anos)

Fala-se em menção direta porque, mesmo que de forma indireta, todos aqueles que falaram da dificuldade no uso de calçadas e ruas estavam também se referindo a essa questão. O que acontece é que muitos consideram o termo acessibilidade, como o entrevistado apontado acima, ou seja, como possibilidade de locomoção de pessoas portadoras de necessidades especiais. Porém, hoje se considera acessibilidade um termo mais amplo, no qual tem relevância a facilidade ou dificuldade com que todos, portadores de necessidades especiais ou não, se locomovem para realizar suas diferentes atividades.

Considerando assim, é possível entender que Viçosa tem problemas de acessibilidade em vários níveis, o qual atinge todos os moradores de alguma forma, já que questões elementares, como as que estão envolvidas no deslocamento, encontram-se em situação difícil, tanto de investimento em melhorias quanto de conservação. Assim, o deslocamento é delicado e, por vezes, perigoso.

Quando se referem à esfera da saúde, os entrevistados foram incisivos. A Figura 59 ilustra os problemas identificados.

Como se observa, a questão mais citada pelos entrevistados está relacionada à falta de médicos, aparecendo em 42% das falas, como nas apresentadas abaixo.

M10: A gente vê as pessoas reclamando muito, hospitais costumam não ter médico, às vezes um médico só como plantonista. Às vezes aquela especialidade não corresponde ao que você precisa, e às vezes nem acha médico, em alguns hospitais. Mas pra ir ao especialista é muito difícil. Porque mesmo quando não tem essa questão de ir pegar uma ficha de madrugada, tem a questão que os PSF's tem poucas vagas pra marcar. Por exemplo: um oftalmologista, que raramente tem em Viçosa, e aí é muito complicado ter ficha pra marcar. Aí quando vem, tem 3 ou 4 fichas para cada PSF. (Mulher 10 – 48 anos)

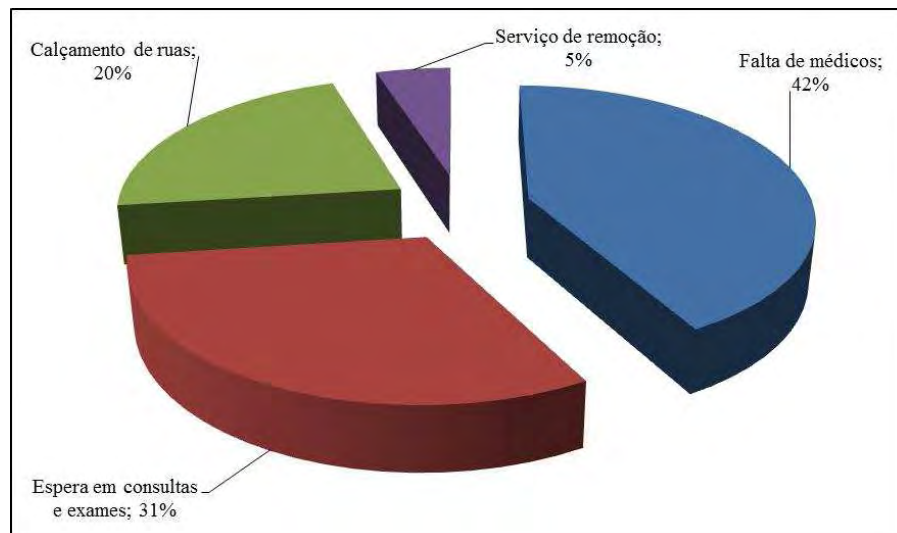


Figura 60 – Elementos apontados como problemas em relação à saúde.

M16: A gente não acha otorrino, não acha neurologista, gastrologista não existe, quando vem eles ficam um mês na saúde ou dois meses só, porque o SUS não paga aquilo que eles querem. Psiquiatria: o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) que é responsável por isso, o CAPS não funciona. (Mulher 16 – 47 anos)

H2: saúde tá devendo também. De vez em quando num tem médico, nos PSF falta médico, no meu bairro agora mesmo a médica tá de licença, cuidando da saúde dela, e não tem médico pra colocar no lugar. Então se o povo precisar tem que correr atrás, arrumar particular. (Homem 2 – 47 anos)

Percebe-se que em alguns períodos os postos de saúde, conhecidos como Programa de Saúde da Família (PSF) ficam sem médicos, por vezes durante um longo tempo. Além disso, há o problema para encontrar especialistas em áreas como, por exemplo, oftalmologia e psiquiatria. Quando esses profissionais vão para os bairros atender nos postos de saúde, a demanda por atendimento é maior que o número de fichas para consulta, o que faz com que poucas pessoas sejam atendidas e o problema persista.

A entrevistada M9 (Mulher 9 – 34 anos) traz uma possível explicação para essa situação de falta de médicos nos postos de saúde dos bairros. Ela diz:

M9: Tem muita troca de médico no sistema público, sabe? Às vezes os médicos estão insatisfeitos com alguma coisa, com o salário, e aí troca e essa troca às vezes ela tem um período intermediário que as vezes fica até sem, um especialista ou outro, e isso é muito complicado, então a espera é grande sim, assim como é grande no setor privado.

Assim, entende-se que há uma constante troca de médicos no sistema público por causa dos baixos salários pagos a esses profissionais. Por isso, quando há demissão de um médico, há um período que o posto ficará sem médico até que seja feita nova contratação, e esse período de espera pode ser longo.

Na saúde há também um problema com marcações de consultas e exames, em função do tempo longo de espera, como apontaram 31% dos entrevistados. Os usuários que não possuem plano de saúde são os mais prejudicados, porque dependem do Sistema Único de Saúde (SUS) e por isso enfrentam longas filas de espera, como pode-se verificar nas falas dos entrevistados:

M17: Ela precisa fazer um exame, mas esse exame só pode ser feito daqui um mês, ou daqui a 60 dias. Se a pessoa tiver de morrer ela vai morrer. (Mulher 17 – 38 anos)

H9: Agora essas pessoas que não tem plano de saúde, aí tem mais problema. Às vezes precisa de uma cirurgia, tem que entrar na fila pra esperar. [...] Eu ouço que tem pessoas aí que fica na fila de espera pra fazer cirurgia às vezes 90, 100 dias. Consulta de emergência, até que num tem problema, não. Agora se for fazer alguma cirurgia, aí já complica. (Homem 9 – 75 anos)

M14: Mas ainda tem que melhorar muito porque no caso de quem depende do SUS, pra conseguir uma ficha é difícil, pra conseguir exames mais caros é complicado também, tem que entrar numa lista de espera e talvez demora até ano, dependendo do exame. (Mulher 14 – 49 anos)

Os depoimentos mostram ainda que essa espera também acontece na marcação de cirurgias, o que torna todo o processo bastante demorado, desde a marcação de consultas, em função da falta de médicos, principalmente especialistas, até a solução do problema de saúde, que em alguns casos depende de cirurgia.

Ainda na esfera da saúde, 22% dos entrevistados disseram ter problemas com plantões nos dois hospitais da cidade em função, principalmente, da falta de médicos plantonistas.

H4: Viçosa cresceu muito, e os plantões médicos estão sempre lotados de pacientes. E a culpa não é do médico, a culpa é de todo um sistema que privilegia os planos de saúde, a saúde privada, e a saúde pública, o SUS, que deveria atender, não corresponde. Sinceramente, é ridículo o que fazem com pacientes em Viçosa. É triste. (Homem 4 – 35 anos)

M7: Um dia eu fui com minha cunhada, na virada do Natal ou Ano Novo, não lembro, eu sei que ela não foi atendida porque não teria atendimento naquele dia. Tinha um aviso lá. E aí, a pessoa vai morrer? Em questão de saúde é horrível. (Mulher 7 – 21 anos)

M15: Fim de semana, atendimento nos hospitais quase não tem. Médico praticamente não quer saber de fazer plantão. Aí dificulta um pouco, mas no mais dá pra poder levar. O atendimento em Viçosa tá precário. (Mulher 15 – 48 anos)

Por meio dos depoimentos percebe-se que o número reduzido de plantonistas prolonga a espera por atendimento, o que gera lotação, filas e desconforto. Há ainda situações mais difíceis, como a ausência de médicos para atender, principalmente nos fins de semana, o que pode levar a questões ainda mais graves.

Outro problema ressaltado pelos moradores em suas falas é quanto ao serviço de remoção de Viçosa. A cidade não possui Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), nem outro sistema de remoção eficiente, e esse serviço é feito por uma pequena ambulância da prefeitura. Os moradores relatam:

H10: não existe serviço de remoção em Viçosa. Todo mundo depende da ambulância da prefeitura que é uma courier, e não tem recurso. O socorro custou muito a chegar. Uma pessoa com um caso mais grave e urgente morre no caminho porque até a ambulância chegar elevar pro hospital é um tempo longo. (Homem 10 – 26 anos)

M16: a prefeitura não tem carro, poucas ambulâncias. Juiz de Fora tem SAMU, aqui não tem SAMU. Pelo tamanho de Viçosa, já era pra ter. E muita gente não tem como locomover. (Mulher 16 – 47 anos)

Esse é um problema bastante sério, já que é no momento da remoção que os primeiros procedimentos devem ser feitos no paciente, e muitas vezes garantir sua sobrevivência. E da forma como esse serviço é realizado em Viçosa oferece sérios riscos aos pacientes.

Outros problemas foram citados de forma pontual. Um deles é a pressão que o Sistema de Saúde de Viçosa sofre por ser referência para algumas cidades menores que circundam o município, como relatam dois entrevistados:

H9: É muito doente, não só de Viçosa, mas da região toda vem pra aqui. Aí complica. São Miguel, Canaã, essa região toda vem pra aqui, então pesa muito. (Homem 9 – 75 anos)

H12: Viçosa tem um problema que, no geral, ela recebe paciente de Cajuri, Araponga, São Miguel, e acaba gastando verba que é específica de Viçosa. (Homem 12 – 42 anos)

Os moradores relatam em suas falas que o problema da grande procura pelos hospitais de Viçosa é que o sistema fica sobrecarregado, gerando falta de materiais e aumento de filas de espera em consultas, exames e cirurgias.

Além disso, um morador do bairro Nova Viçosa lembrou a existência de problemas em relação à saúde preventiva. Segundo ele, seu bairro tem problemas com sistemas básicos, como rede de água e esgoto, além da urbanização ser precária, o que faz com muitas doenças aconteçam com grande frequência. Nas palavras dele:

H4: A população do Nova Viçosa é muito grande, e ela tá sujeita a várias doenças. Nova Viçosa não é totalmente urbanizado. Falta rede de esgoto, tem muita poeira, alcoolismo. Falta campanhas de prevenção de doenças. Eu morei em algumas cidades fora de Viçosa e eu vejo que os PSFs fazem campanhas, o pessoal vai em casa, fazendo saúde preventiva, que é a mais importante. Aqui eu sinto falta disso, poderia melhorar. Mesmo porque, mexendo na saúde preventiva a gente vai evitar a superlotação. Alias esse é o propósito, desafogar o sistema. (Homem 4 – 35 anos)

Observou-se que este morador entende que a ineficiência do sistema de saúde preventiva tem como principais causas a falta de agentes de saúde e questões apontadas anteriormente, como falta de profissionais e material. A principal consequência é o aumento na ocorrência de doenças que poderiam ser evitadas caso as políticas públicas para saúde fossem efetivadas em seu bairro. Este morador demonstra sua compreensão sobre a importância de trabalhos de prevenção, que pode ser relacionada à sustentabilidade, já que visa desafogar o sistema de saúde.

Outro problema identificado por uma moradora é sobre internação de pessoas com problemas mentais e usuários de droga, para os quais não há serviço de remoção nem sistema adequado de internação. Ela diz:

M16: Eu que mexo com pessoas com recuperação de drogas, depende muito de psiquiatria. Se a pessoa surtar de repente se num tem onde enfiar ele. Se vai pro hospital, não é recebido, se vai no CAPS não tem localidade, a gente fica perdido. Essa é uma parte da saúde também. (Mulher 16 – 47 anos)

Essa realidade gera um problema sério para as famílias que possuem dependentes químicos ou doentes mentais em suas casas, já que há uma grande incerteza sobre as possibilidades de atendimento dessas pessoas.

Ao serem abordados sobre a esfera lazer/cultura, os entrevistados identificaram como problemas os assuntos ilustrados na Figura 61.

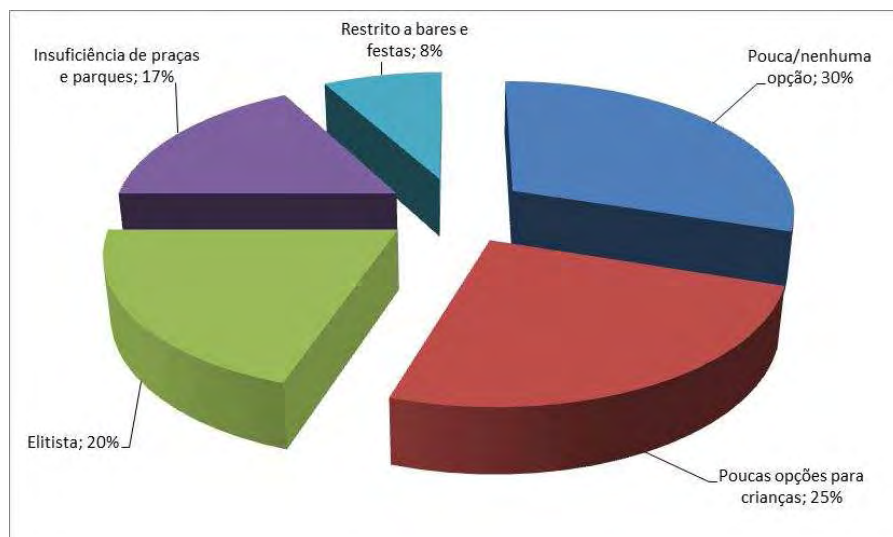


Figura 61 – Elementos apontados como problemas em relação à saúde e ao lazer.

Como pode ser observado na Figura 61, quando questionados sobre cultura e lazer, os entrevistados se referiram diretamente aos problemas pelos quais eles passam em relação a esta esfera em Viçosa. O problema mais citado pelos entrevistados (30%) foi a pouca ou nenhuma opção de lazer e cultura na cidade. Eles afirmam:

M16: péssimo, num tem nada! (Mulher 16 – 47 anos)

H1: Viçosa não tem. Opção pra nada, nem pra ninguém. (Homem 1 – 31 anos)

M7: ah! Eu acho assim pobre, meio pobre, porque a gente num tem assim um teatro na cidade, conta mais com esses eventos que acontecem na UFV por parte dos estudantes. Só na UFV que a gente vê mais. Mas eu acho que deveria ter mais lazer. (Mulher 7 – 21 anos)

M5: acho que gira tudo, mais uma vez, em torno da Universidade. É a área de lazer que a gente tem, pra caminhar, correr, praticar esporte, que eu acho que a Universidade tem um espaço muito bacana pra gente. Já sobre cultura, mais uma vez a Universidade porque em Viçosa não desenvolve nada. (Mulher 5 – 24 anos)

Pode-se observar que as reclamações foram frequentes e diretas. Portanto, não há dúvidas de que os entrevistados sentem falta de teatro, um cinema melhor, com mais salas e opções de filmes. Observa-se, também, que assim como na esfera do trabalho, no lazer e cultura também há uma dependência de ações da UFV, já que os entrevistados demonstram que as poucas opções oferecidas se restringem aos eventos promovidos pela instituição em datas esporádicas, e não satisfazem às necessidades do público.

Ainda na esfera do lazer, o segundo problema mais mencionado foi a restrita quantidade de opções para crianças (25%). Não há uma quantidade adequada de praças e parques para crianças nos bairros da cidade, e o movimento para sanar essa necessidade é pequeno. Os moradores entrevistados apontam essas questões em suas falas:

M9: Para as crianças que tem condição de pagar tem, pras crianças que não tem condição não tem. Às vezes num feriado ou outro que acontece algum trabalho voluntário, aí vai fazer alguma coisa pras crianças. Mas é raro também, podia ser mais. (Mulher 9 – 34 anos)

H4: A praça é totalmente abandonada, mas aí não é uma questão de que o poder público ou a prefeitura abandonou, não é isso. É que a população, muitos jovens usam essa praça pra uso de drogas e aí afastam aquela família que quer levar o filho pra passear lá. Antes tinha muito, quando o pessoal revitalizou aquela pracinha, o pessoal bacana comprava aquele velocípede pra levar a criança. Era a coisa mais linda que tinha. Agora isso acabou, a praça é totalmente ocupada por viciados e não tem espaço. São pontos também de prostituição, inclusive infantil. (Homem 4 – 35 anos)

Também se identificou nas falas que as poucas praças existentes na cidade funcionam como ponto de atividades ilícitas, o que impede que crianças e jovens possam usufruir livremente desses espaços. Mais uma vez, a alternativa mais viável é o *campus* da Universidade, onde é possível andar de bicicleta, correr e brincar com tranquilidade.

Vinte por cento dos entrevistados citaram o lazer e a cultura de Viçosa como elitista. Segundo os entrevistados, as opções mais acessíveis são direcionadas ao público jovem, especialmente o universitário.

M16: Por exemplo, tem lazer pras pessoas que tem uma vida financeira razoável. Pros jovens, eu digo assim, a Universidade oferece bastante festas. Mas lazer pras pessoas da cidade num tem opção nenhuma, praticamente nenhuma. Quando você pode ser sócio de um clube você tem um lazer, mas e quando a pessoa não pode ser sócia de um clube? Num tem nada! (Mulher 16 – 47 anos)

M5: Nesses eventos culturais que a Universidade proporciona, basicamente são estudantes e professores que frequentam. Mas essa questão do lazer, eu sinto que o pessoal de Viçosa frequenta muito a Universidade pra caminhar, vê muita criança lá que com certeza são Viçosenses, mas a parte de cultura fica restrita a uma faixa de escolaridade maior. (Mulher 5 – 24 anos)

M6: o lazer e cultura em Viçosa só tem pra quem tem dinheiro. Pros mais humildes, carentes, o lazer e a cultura que tem, e as basta, é a televisão. Viçosa não oferece um teatro gratuito. A prefeitura não

oferece nada. Tem um centro experimental de artes, mas é uma coisa muito limitada também, não é assim pra cada bairro ter uma coisa que oferece cultura, lazer, no cotidiano não tem. Tem uma biblioteca pública, eu já usei. O acervo de lá é bom, mas não é extenso, não supri tanto as necessidades. (Mulher 6 – 24 anos)

Pelas falas percebe-se que os viçosenses se sentem desprestigiados pelo investimento social em lazer para eles, como a falta de ações para criar um clube mais acessível. Esse problema também atinge as crianças que, como foi apontado anteriormente, não estão bem servidas e as opções existentes para elas também são pagas. Assim, além das poucas opções oferecidas, o que há não é acessível a um público maior e economicamente heterogêneo, seja pelo preço da entrada, seja pela localização do evento, que depende de transporte, um serviço que também é problemático na cidade. Soma-se a isso a falta de acessibilidade também pela forma como esses eventos são divulgados. A divulgação se restringe à área central da cidade e, muitas vezes, não chega aos bairros, para que as pessoas que moram e trabalham ali recebam a informação e possam se interessar em ir.

M9: Porque a divulgação de outras coisas assim, que as pessoas poderiam conhecer, diferentes, um teatro, um cinema, aí é mais complicado, já não é tão acessível. Tem mas não é tão acessível assim. [...] E às vezes as pessoas nem ficam sabendo. Não é tão divulgado, o tempo de divulgação é pequeno também, aí num dá tempo de chegar lá na periferia, lá em Nova Viçosa, no Novo Silvestre, por exemplo. (Mulher 9 – 34 anos)

H4: poucas opções. Eu acho que a Universidade tem espaço, mas esse espaço tem algumas peças teatrais, sempre tem alguma coisa, mas o público, o povão, não tem acesso bacana. O povão só tem acesso ao botequim do bairro, essa é a forma de lazer deles, de descontração. Ele não tem acesso à cultura. [...] Isso porque o povão tá longe de um cinema, de uma peça teatral, de um espetáculo musical como música mesmo. Eu acho que é bem elitista, e isso não é coisa só de Viçosa. Os meios de comunicação em geral, a internet, a televisão, as mídias em geral, não incentivam a essa população a ter acesso a isso. E também o apoio é muito pouco pra quem promove pra levar isso. São poucos profissionais, os profissionais não são valorizados, na grande maioria das vezes. É um conjunto de situações que impedem que essas pessoas possam ter acesso a essa cultura de verdade. (Homem 4 – 35 anos)

A partir das falas dos entrevistados percebe-se que há uma tendência das atividades de lazer e cultura na cidade serem direcionadas ao público que pode pagar, e acaba excluindo algumas pessoas dessas atividades. Além disso, percebe-se, mais uma vez, um desinteresse do poder público em atuar, já que, como afirma o entrevistado H4

(Homem 4 – 35 anos), não há incentivo e valorização do trabalho de pessoas que buscam contribuir. Esse cenário de atividades de lazer, restrita por tantos motivos, incentiva a cultura da televisão como fonte única de lazer e entretenimento, como disse uma das entrevistadas desta pesquisa. Assim, a população encontra-se seriamente prejudicada em termos de opções culturais.

A população, carente de lazer e cultura, em função das questões apontadas, observam e se incomodam com a insuficiência de praças e parques (17%). A carência é grande, e o representante do bairro Santo Antônio chega a dizer que essa é a maior reivindicação dos moradores do bairro:

H2: bom, no nosso bairro não tem nada, viu? Não tem uma área de lazer, num tem uma praça, é uma das reivindicações que vem primeiro nas atas: a questão de terreno de lazer que nós não temos. Estamos a mercê do nada. Tem uma praça na igreja, mas é privada. Não é praça pública, é uma área privada da igreja. O básico que a gente queria nesse espaço seria tipo uma quadra poliesportiva, uma pracinha com uns banquinhos, uma coisa simples, sabe? (Homem 2 – 42 anos)

Assim, percebe-se que, para além do querer, há algumas movimentações no sentido de cobrar alguma atitude por parte das autoridades da cidade. As maiores reivindicações são por praças poliesportivas, campos de futebol e parques públicos.

H13: Aqui num tem uma pracinha, num tem nada. Bom seria se tivesse um clube, né? Um lugar pras pessoas divertir no dia de domingo, porque num tem nada mesmo. Ou então vai pra Universidade, que é longe, porque aqui perto num tem não. (Homem 13 – 61 anos)

M8: Igual, eu já vi em várias cidades ter a praça. A praça hoje é usada pra outras finalidades. Eu acho que praça é uma coisa de lazer. Igual a gente vai em Juiz de Fora lá tem mesinha com jogos que dá pra pessoa passar o fim de semana, aqui em Viçosa não, não dá nem pra você sentar. (Mulher 8 – 24 anos)

As praças, além de ser um lugar de diversão, poderiam proporcionar novamente aos moradores o encontro, a conversa, e trazer de volta o convívio e a socialização. Remete-se, nesse sentido, ao valor simbólico da praça, cuja ausência é sentida pelos entrevistados, de acordo com suas falas. Além disso, as poucas praças existentes não atendem aos desejos das pessoas, chegando a causar certo desconforto. A entrevistada M8 chega a dizer que na praça “não dá nem pra sentar”. Ela se refere tanto a aspectos físicos da praça, como problemas de limpeza e manutenção, quanto à insegurança, já que esses espaços são passíveis de criminalidade.

No caso dos pedidos atendidos há uma grande morosidade na efetivação da obra, como explica o Homem 11 (45 anos):

H11: Lazer e cultura tá bastante fraco porque, vou dizer do nosso bairro, nós num temos um campo de futebol, quadra poliesportiva nós temos uma que nós lutamos, demoramos seis anos pra conseguir a quadra, demorou quatro pra começar a construir e tem mais de três que tá construindo e até hoje num tá pronta. Uma quadra poliesportiva. Campo de futebol nós tamo lutando, não temos um campo de futebol no nosso bairro, tô falando do nosso bairro porque em Viçosa tem uns poucos.

Em sua fala, o morador deixa claro o quanto as pessoas se interessam por lugares de descontração e lazer, e demonstram esse interesse àqueles que poderiam solucionar a questão. Porém, o processo é lento e burocrático, o que gera longos períodos de espera.

Outro problema percebido por 8% dos entrevistados é a restrição do lazer a bares e festas de estudantes da Universidade, que se expressa em suas falas:

M9: a cultura em Viçosa tá bem tendenciosa pro lado do bar encima da praça, que é mesmo as cadeirinhas espalhadas na praça, no canteiro da Avenida Santa Rita. O que tem de lazer, pelo menos pros adultos, pelo menos a maior parte da população é isso. (Mulher 9 – 34 anos)

H10: Viçosa eu vejo que as coisas estão restritas a bar e festa de multidão. Eu não gosto disso. Eu prefiro um lugar mais calmo com música ao vivo e que eu possa conversar com as pessoas. (Homem 10 – 26 anos)

Nesse sentido, os moradores comentam que diante da falta de atividades de lazer e cultura mais frequentes e diversificadas, as alternativas são os bares, principalmente do centro da cidade; e as festas de estudantes, que atraem um público grande. Porém, nem todos são adeptos a esse tipo de diversão e acabam se sentindo insatisfeitos.

De forma pontual, os entrevistados trouxeram outros problemas que fazem parte de suas vidas e para eles é um problema relevante. Um exemplo é o H7 (Homem 7 – 81 anos), artista de Viçosa que desenvolve um trabalho de pintura em tela de edificações importantes da cidade e região. Quando questionado sobre cultura e lazer, ele afirma:

H7: a cultura vem puxando um trabalho que eu tô querendo mostrar o patrimônio da cidade, mas tem uma coisa aqui em Viçosa que é meio difícil, nós não temos espaço pra expor. [...] Mas, nós não temos aqui um espaço pra expor, um centro cultural. Tem que ser um lugar térreo, de fácil acesso pra que as pessoas pudessem sair, ir e vir, e público, né? Que a pessoa pudesse entrar a vontade.

Por meio de sua fala percebe-se que o entrevistado tem problemas para expor seu trabalho, pois Viçosa não possui um espaço adequado para essa atividade, que seja amplo, acessível e gratuito. Uma possível explicação para esse problema vem na fala da Mulher 17 (38 anos). Ela diz:

M17: Eu acho que a prefeitura, ela tem uma, a secretaria de cultura e lazer, ela tenta fazer um trabalho, mas mesmo assim ainda é pouco, porque o número de pessoas que trabalham na secretaria é pequeno, eles não dão conta de ir em todos os bairros toda semana e colocar material disponível pras crianças brincarem de bola, peteca, corda, que foi na minha época de infância, existia isso. A gente não tinha lazer na comunidade por não ter uma quadra poliesportiva, por não ter uma área de recreação, aí eles vinham com esses brinquedos: soprar balão, carregar ovo na colher, corrida de saco, umas gincanas. Hoje a coisa é muito mais restrita dentro dos clubes.

Segundo ela, a secretaria responsável por essas atividades tem uma equipe com número reduzido de trabalhadores, e isso inviabiliza a realização de atividades de lazer na cidade. Em sua fala, ela traz também memórias pessoais, nas quais ela diz que em sua infância as coisas eram diferentes, e que havia maior interesse e investimento do poder público para amenizar a carência da população, especialmente das crianças.

Outro entrevistado (Homem 10 – 26 anos) trouxe uma segunda justificativa possível para a falta de opções de lazer em Viçosa. Para ele, na cidade há um medo de que não haja público para eventos de melhor qualidade, visto que grande parte das pessoas que frequenta eventos em Viçosa são alunos da Universidade, em sua maioria bastante jovens e, possivelmente, buscariam formas de diversão não necessariamente de qualidade. Ele esclarece:

H10: As vezes eu acho que as pessoas partem do pressuposto de que não adianta trazer essas pessoas como Maria Rita, por exemplo, porque acha que não vai ter público. Eu noto isso no festival de música barroca que acontece em Juiz de Fora em julho. Todo dia tem sinfonia, tem orquestra, tem duos de instrumentos. Lota! Quer dizer, há público, só não há divulgação, e ele é totalmente gratuito. Eu não vejo preocupação do poder público em relação a isso, nem da Universidade. As vezes até opção de bar você num tem. [...] Então eu penso: Viçosa é pra estudar, quando eu quero me divertir eu vou pra casa. Primeiro, porque Viçosa é uma cidade que não tem pai nem mãe. Então o número de famílias não é expressivo pro número de filhos, então um programa desses, de ir a um restaurante bom, a gente que não tem renda própria, vai porque seu pai tá pagando. Então você vê muitas famílias nesses lugares. Eu acho que aqui tem muito essa visão de que as coisas tem que ser feita para o estudante. Então acaba excluindo esses outros públicos que às vezes vive em Viçosa. [...] Em Viçosa tem uma cultura de nivelar por baixo, como se todo mundo

fosse pobre. Tanto que o mercado de usados aqui é muito forte, e as pessoas não moram, se estabelecem, acampam.

Em sua fala ele estabelece comparações com sua cidade de origem, Juiz de Fora, onde ele afirma que há eventos eruditos feitos para o grande público, que acontecem nas praças e igrejas da cidade, e que sempre há presença de um grande número de pessoas. Esse exemplo demonstra que o raciocínio anterior pode não proceder, já que ele tem exemplo de lugares onde cultura atrai muitas pessoas, de todas as idades e níveis socioeconômicos. Ele estende suas ideias para outras questões recorrentes em Viçosa, como a questão do comércio de usados. Segundo ele, isso simbolizaria uma tendência em “nivelar por baixo” esse tipo de comércio existente em Viçosa.

Nas falas anteriores diversos entrevistados, cujos perfis são bastante variados, demonstraram sentir falta de atividades mais eruditas em Viçosa. Isso demonstra que talvez não seja falta de interesse por parte das pessoas, mas, sim a falta de oportunidades de vivenciá-las.

Apesar da carência informada por vários entrevistados, algumas pessoas encontram alternativas. A Mulher 3 (65 anos) encontrou sua diversão nos eventos promovidos pela igreja, como afirma a entrevistada:

I3: Não frequento clube nenhum, não sinto muita falta porque eu vou muito pra Igreja, né? E é lá que eu divirto porque três dias na semana eu tô lá. Me divirto lá, a gente canta, tem vez que eles faz festa lá, e a gente tá comendo bolo, tomando refrigerante, essas coisas assim, e essas coisas diverte a gente, né?

Essa opção é bastante frequente em cidades do interior, onde a igreja exerce um papel fundamental como veículo de comunicação, ponto de encontro entre as pessoas e opção de lazer, proporcionando aos seus frequentadores momentos de convívio e descontração.

Dois entrevistados disseram ainda que há ausência de ações por parte da UFV para contribuir com essa situação. Essa opinião é expressa em suas falas:

H1: Eu acho que falta em Viçosa, falta em todas as cidades, mas principalmente em Viçosa que tem a Universidade, esse compartilhamento com a comunidade. Eu sei que de vez em quando tem umas coisas interessantes que o pessoal da Universidade promove na praça, tipo o Café Filosófico, que são coisas interessantes. Mas eu não sei se eu vejo a prefeitura empenhada em promover eventos culturais, qualquer coisa que seja, tipo incentivo à leitura, show ou peça de teatro. Aqui a gente não vê essas coisas. (Homem 1 – 31 anos)

H4: E eu vejo que a Universidade poderia aproveitar melhor o espaço dela e contribuir mais com a cidade, incentivar os alunos e trabalhar em parceria com a comunidade pra ajudar a resolver um pouco desses problemas. (Homem 4 – 35 anos)

Conforme observado nessas e em outras falas, esta instituição exerce uma grande influência sobre toda a cidade, uma influência econômica, social e simbólica, uma vez que suas ações são, em sua maioria, tomadas como positivas e de grande aceitação. Contudo, fica mais uma vez evidente a dependência em relação à UFV.

Apesar das manifestações mais efetivas e buscas por soluções, ainda se percebe um certo conformismo por parte de alguns, que aceitam o que lhes é oferecido, mesmo sabendo que lazer é um direito. Essa afirmação fica clara na fala do entrevistado Homem 11 (45 anos):

H11: Aí a prefeitura prometeu agora que vai fazer pra nós lá, ou uma área de lazer, ou um campo. Se puder ser campo vai ser campo, se não puder vai ser uma área de lazer. Pra nós, qualquer coisa que fizer tá bom. Pra quem não tem nada, tudo que vier é lucro, né? Em Nova Viçosa nós só temos uma escola que ela tem 3 turno de aula, tem mais de 1000 alunos só numa escola, a maior parte é criança, então nós tamo lutando. Por enquanto ela não atende todas as crianças do bairro, hoje tem criança estudando fora do bairro porque a escola não comporta.

Assim, compreende-se que há uma necessidade latente por formas de diversão e lazer supridas precariamente, mas que possui grande relevância para as pessoas. Em função dessa grande importância, alguns entrevistados se mostram um pouco mais engajados e atuando no sentido de solucionar os problemas. Outros buscam suas formas pessoais de lazer, como cozinhar para amigos e frequentar a igreja, mas nem sempre se sentem satisfeitos nesse quesito. Outros ainda demonstram aceitação diante desse cenário tão distante do ideal, e agindo como se ações do poder público nessa direção fosse um favor e não um dever.

Todas as questões relacionadas à percepção do morador sobre o viver em Viçosa até aqui apresentadas mostram questões que afetam direta ou indiretamente os cidadãos. Entretanto, ao buscar apreender possíveis problemas vivenciados, emergiram outras questões, algumas mais diretamente ligadas à discussão central do presente trabalho sobre a sustentabilidade urbana diante dos problemas socioambientais.

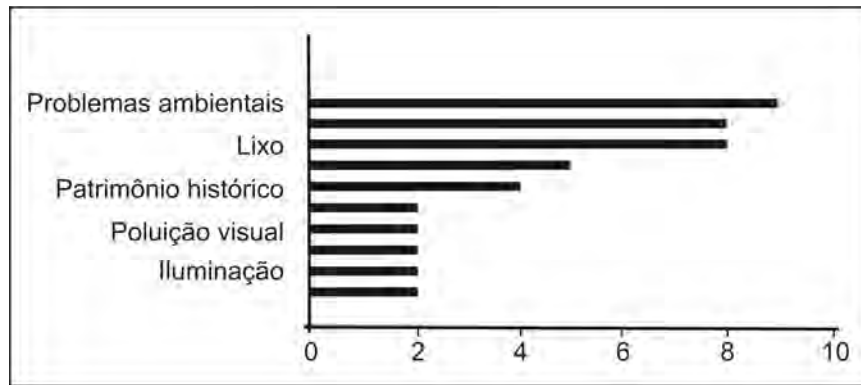


Figura 62 – Demais problemas apontados.

Observando a Figura 62 verifica-se que a questão que mais apareceu foi relacionada aos problemas ambientais, tendo sido citada por nove entrevistados. É importante lembrar que neste trabalho usou-se o termo socioambiental por acreditar que ele engloba todas as questões que perpassam nossas vidas: sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. Além disso, tem-se conhecimento de que o termo ambiental não se refere apenas às questões relacionadas aos recursos naturais, mas, também, aos assuntos urbanos e sociais. Porém, durante as entrevistas observou-se que os entrevistados se referiam exclusivamente às questões ambientais.

Dentre os problemas ambientais apresentados, os entrevistados se referiram frequentemente sobre o principal curso d'água da cidade, o ribeirão São Bartolomeu, que corta o Centro e tem muitas partes canalizadas e poluídas, como elucidado nos depoimentos abaixo.

H4: E a questão do Rio São Bartolomeu, o maior rio da cidade. Eu não sou especialista na área, mas eu vejo que alguns pontos do rio bem poluídos, enfim. É coisa que um leigo percebe, como cidadão, percebe que não tá correto essa questão ambiental. (Homem 4 – 35 anos)

M7: Eles tão trazendo uma usina de asfalto pra cá, e eu fico pensando nas consequências ambientais que vão ter, porque na cidade grande, como em São Paulo, todo mundo comenta, “que tanto de enchente, nossa! O que nós fizemos de errado?”. Asfaltou a cidade inteira, não tem lugar pra água escoar. Chove, a água vai pra onde? Pra um esgoto lotado de lixo encima. (Mulher 7 – 21 anos)

H12: E é a reclamação número um, e a número 2 é o ribeirão. Eles cobram a dragagem e a limpeza, separar o esgoto da água, e tal. Eles reclamam por causa do mal cheiro, da sujeira. Agora não porque na época de chuva não dá essa mal cheiro, mas na época de seca dá rato. (Homem 12 – 42 anos)

H5: O esgoto e a água de chuva, por exemplo, era pra ser puxado pra outro local, pra não ir pra dentro do rio pra não ter problema. O esgoto

era pra ser separado, eu acho. Eu penso assim. Água de chuva e esgoto vai tudo pro ribeirão. Eu acho que podia ser diferente. (Homem 5 – 35 anos)

A partir das falas, observa-se que os moradores apontam como problema a poluição das águas, o desrespeito à natureza e o incômodo causado pelo mal cheiro nas partes em que suas águas estão poluídas.

Além de apontar problemas, os entrevistados trazem também críticas sobre a conduta da população, como a fala abaixo:

H9: Eles até falam que Viçosa falta muita água, agora é na região alta que falta. E outra, menina, o povo é muito sem responsabilidade. O pessoal desperdiça água de todo tipo lavando carro, lavando rua, e não pensa no pessoal que tá no mais alto. Mesmo aqui na minha casa tem um prédio que é mais alto costumava faltar água, porque enquanto não enche as caixas de baixo não sobe, então as vezes ficavam a noite toda sem cair água. Quando era de manhã, que a água começava a cair, o pessoal lá de baixo começava a movimentar aí parava e ficava sem água. Agora hoje tem uma caixa lá no alto, então já sai lá do tratamento de água e vai direto lá pro alto, aí depois que vai pras casas. Aqui nesse bairro melhorou muito. (Homem 9 – 75 anos)

A questão do desperdício de água parece impregnada na cultura do brasileiro. Entretanto, a elucidação desse problema pelo entrevistado já é por si relevante, na medida em que ele atribui à população a responsabilidade pela geração de alguns problemas, ponto fundamental para se pensar na construção da sustentabilidade urbana.

Ainda se referindo aos problemas ambientais, aqui tratados de forma especial, três questões que foram tratadas com ênfase pelos moradores, e que neste trabalho acredita-se merecer atenção específica, em função de sua dimensão na área de estudo. São elas: lixo, construções irregulares e poluição visual.

Tanto nas falas dos entrevistados quanto em observações *in loco*, percebeu-se o quanto a questão do lixo é problemática nesta cidade, e o quanto a ocorrência de seu acúmulo pelas ruas é frequente. Em suas entrevistas, oito pessoas se referiram diretamente ao lixo e demonstraram grande insatisfação. Elas dizem:

H4: Olha, lixo, apesar que a gente percebe que melhorou sim, existe hoje mais organização quanto a destinação final dos resíduos, mas a questão mesmo é de consciência da população a esse recolhimento. Parece que não há uma sintonia entre o SAAE e a população que vai desfazer desse lixo. Existem projetos, mas às vezes falta informação, uma orientação mais adequada. (Homem 4 – 35 anos)

M2: Só que a gente reclama muito, pelo menos eu brigo muito, é com lixo. A gente não pode falar da coleta de lixo, a gente tem que falar dos moradores. Cachorro? Eu num sei de onde sai tanto cachorro! Você acaba de por o lixo, o cachorro vem e sai carregando até a sacola de lixo, e aí revira tudo. Então é uma coisa que você não pode reclamar da coleta de lixo. Nós somos privilegiados: aqui passa caminhão duas vezes por dia, uma de manhã e a noite. O problema é o caminhão acabou de virar, você vem com seu lixo e coloca na lá. (Mulher 2 – 78 anos)

M14: Eu trabalho lá no departamento de limpeza da prefeitura, e é bem complicada essa parte da limpeza. O povo não respeita, o povo de Viçosa foi muito mal acostumado. Tira o entulho do seu quintal e joga na rua, tudo que você não quer mais joga na rua, entendeu? Pra gente tá dando conta de limpar a cidade é complicado. Tem muita gente que reclama da sujeira. Mas muitas vezes foram eles mesmos que sujou. Depende muito da quantidade de pedido que tem. Às vezes na mesma semana, às vezes na semana seguinte, mas num demora muito não. Mas melhorou bastante depois que passou pro SAAE. Eles compraram mais caminhão, contrataram mais funcionário, então com o tempo vai melhorando. Mas o povo em Viçosa num coopera, não. Coloca lixo fora do horário, caminhão acabou de passar eles colocam. É assim! (Mulher 14 – 49 anos)

Nos depoimentos é interessante observar que as reclamações não são necessariamente quanto à coleta. Muitos afirmam ter percebido uma melhora significativa neste serviço, quando a prefeitura o terceirizou; hoje sob a responsabilidade do SAAE. A partir da terceirização houve aumento na frequência de passagem do caminhão de lixo nas ruas dos bairros. As maiores reclamações se referem à própria população, que não age adequadamente e deixa as ruas sujas.

Neste sentido, as questões levantadas remetem à falta de conscientização e à participação da população para evitar os problemas, o que poderia ser visto como um limite para se pensar a sustentabilidade. Contudo, mais uma vez a fala dos entrevistados é um sinal de possibilidade de se pensar em mudança de comportamento, já que há aqueles que percebem o problema e a responsabilidade das pessoas diante da questão.

Apesar do problema com as ações dos moradores ser mais enfática, há também reclamações sobre o serviço de coleta, como afirma o Homem 1:

H1: Muito lixo na rua. A rua que eu moro lá é muito pequena, com poucas casas. Lá não passa caminhão de lixo. Os garis pegavam na rua e desciam com ele até na rua de baixo, onde o caminhão passava. Então assim, caía muito lixo, sabe? E o lixo que cai da sacola fica na rua. Não tinha varreção nem capina, raramente. [...] Até falei que em época de eleição eu vou escrever pro jornal: Caro candidato a prefeito, venha visitar o nosso bairro! Mas não venha a pé, porque não vão achar lugar pra passar. Não repare a sujeira da rua, eu não tive tempo de limpar, de varrer a rua! (Homem 1 – 31 anos)

A fala do entrevistado demonstra mais do que insatisfação com a sujeira em sua rua, mas, também, um descontentamento com a falta de ações do poder público diante dos problemas por ele enfrentados.

É importante ressaltar que há um movimento na cidade de coleta seletiva. A comunidade do bairro de Fátima é um bom exemplo desse movimento. A representante M17 (38 anos) explica como funciona o trabalho:

M17: Eu acho que Viçosa tá acordando também pra coleta seletiva, que é uma realidade aqui na comunidade, o pessoal tá trabalhando mesmo. Toda quarta-feira o caminhão da coleta vem aqui na comunidade e roda as ruas todas pra poder coletar o lixo separado. Mas a gente tem o principal ponto que é ali na pracinha, dois contêineres, um laranja e um verde. Muita gente aderiu. Separa lixo seco de lixo molhado. [...] Mas se todo mundo conscientizar que tem que fazer a sua parte nós vamos ter melhores tempos pros nossos filhos, porque daqui a pouco se continuar do jeito que tá o mundo vai explodir. [...] Hoje estão envolvidos o projeto Interação, que é o projeto da UFV. Então eles vêm, explicam pra comunidade, espalham panfletos, falam porque você coleta. Então a igreja tem ajudado muito no projeto, tem divulgado bastante. Então assim, a igreja é a maior voz ativa que a gente tem na comunidade, o povo vai muito a igreja, então o padre pode avisar após a missa que tá tendo isso e isso. Um ou outro fala ‘não, não vou mexer com isso não, dá muito trabalho’. Mas isso é bom porque meio ambiente mais saudável, e ajuda quem não tem outro tipo de emprego, uma nova classe de emprego, porque isso é direcionado pra usina de triagem. A gente acha que é o mínimo que a gente pode fazer. Nosso dever de cidadão. Mas tá sendo devagar. É conscientizar, pegar o hábito. (Mulher 17 – 38 anos)

Pela fala da representante observa-se que o referido movimento se formou a partir da iniciativa de diferentes agentes, em uma ação conjunta entre UFV, moradores do bairro e prefeitura municipal, e que contribuem para o trabalho de um quarto grupo, constituído pelos catadores de materiais recicláveis. É interessante perceber que antes de começar a coleta seletiva houve um trabalho de conscientização com os moradores do bairro, onde a igreja aparece como elemento importante. Não há dúvidas de que todo trabalho que envolve grupos precisa cumprir esta etapa, para que as ações sejam conscientes. Observa-se também o envolvimento da moradora e a importância dada por ela à questão, mesmo que a adesão não tenha sido total.

Assim, verifica-se que não apenas a moradora que relata a ação dos moradores do bairro, mas, também, todos aqueles que aderiram à campanha, passam a se constituir agentes de mudança rumo à construção de maior conscientização e possibilidade de se pensar em sustentabilidade.

De acordo com outra entrevistada (Mulher 10 – 48 anos), também do bairro de Fátima, esse movimento recebe apoio ainda da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, que, junto à Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), vem ajudando a promover o trabalho.

M10: A CNBB vem promovendo esses temas (meio ambiente) todos os anos, vem sendo há muito tempo encima do meio ambiente, então vai conscientizando as pessoas. Mesmo assim é muito difícil mudar os hábitos. Muito difícil fazer as pessoas separarem o lixo. Uma coisa necessária e simples. Eles tem mania de jogar tudo junto, num sei como consegue. Tem gente que separa e faz uma destinação final particular, as vezes para ajudar outras pessoas, mas graças a Deus o lixo na nossa rua já diminuiu bastante.

A contribuição dada pela Confederação está relacionada à divulgação de temas relacionados ao meio ambiente e na busca pela conscientização dos moradores do bairro e frequentadores da igreja. Apesar desse movimento do bairro de Fátima, as entrevistadas entendem que a mudança de hábitos, de forma real, é lenta, gradual e difícil.

Assim como a questão do lixo, as construções irregulares foram lembradas pelos entrevistados. Em Viçosa, como já destacado, esse é um problema evidente. Possivelmente, essa situação se deve ao relevo da cidade, que possui poucas áreas planas, o que faz com os moradores acabem ocupando áreas de risco. Um dos entrevistados explica uma situação que viveu em Viçosa e ilustra o que acontece na cidade:

H1: No bairro São Sebastião eu morei, e é um morro atrás do hospital. São ruas improváveis que só tem casa de um lado, porque do outro é barranco. Lá tem várias ruas assim, e as ruas vão costurando o morro. Quando eu morei lá teve deslizamento de terra encima de casa, horrível. Quando eu saí de lá só tinha uma lona segurando e o poder público não fez nada. (Homem 1 – 31 anos)

Essa situação é bastante séria, por dois motivos: primeiro por ser uma APP, área que deveria ser protegida segundo a legislação ambiental; e por ser uma área de risco, com a possibilidade de deslizamento de terra e consequentes problemas sociais. Acredita-se ser esta uma questão gestada antes da ocupação, pois muitas vezes nasce da liberação de loteamento dessas áreas, que são legalizados e vendidos.

Ainda se referindo à ocupação de áreas ilegais, os entrevistados relatam também outros pontos relacionados aos problemas ambientais. Em suas palavras:

M5: Não só em relação à cidade, mas a própria Universidade ocupa a bendita APP. O ministério público tá processando a Imobiliária X e aqueles prédios todos ali da av. P.H. Rolfs, tá processando em casa de

milhões. Principalmente ocupação irregular em APP por causa dessa questão de ser perto da Universidade, e tal, às vezes embarga o prédio mas aí entra na justiça e acaba sendo autorizados a construir sei lá com que justificativa que eles utilizam. Principalmente no São Bartolomeu, mas em toda a cidade a gente vê em encostas, topo de morro, isso é muito comum. Em APP, até a Universidade ocupa. Tá tudo errado. Aquele prédio da Bioquímica e do PVC estão construídos num brejo, A PP, você vê que o passeio até afunda ali. Tem um prédio sendo construído perto da Capela, é na beira da lagoa, APP. Tem um córrego que acho que ele corre no sentido da Zootecnia pra represa, ele foi todo canalizado e eles construíram ali encima. Na cidade chega a ser absurdo. (Mulher 5 – 24 anos)

H1: Eu tava no Coluni quando o Tocqueville subiu, sabe? Tudo ali era um brejo, tinha uma banca de revistas e um boteco. E ainda o Carandiru, ali não cabia prédio. Eu nem sabia que cabia um prédio ali. Não é só ele que é irregular, mas que aqui em Viçosa eles têm mania de fazer isso: construir ilegalmente, aí a justiça enrola, até o prédio estar numa altura tal que é inviável derrubar, entendeu? E dizem “olha, você vai pegar uma advertência, isso não pode, não faça mais isso”, mas aí o prédio já tá pronto, vão terminar, mas fica a advertência de que isso não pode fazer mais. Tem uma lei também que fala do grau de inclinação da área. [...] Isso é outro problema que tem na Universidade: tem um tanto de profissional de tudo quanto é área, mas eles tão sempre fazendo coisa errada. Meu professor falava que em todas as áreas lá da Zootecnia fogem da questão ambiental, descumprem todas as regras possíveis, e as podas das árvores sempre falavam também. (Homem 1 – 31 anos)

As falas dos entrevistados abordam diversas questões referentes aos problemas ambientais. A primeira delas é a impunidade daqueles que constroem nas áreas elencadas pela Mulher 5 (24 anos), o que fortalece o sistema de construções ilegais. Há também a atuação indevida da própria Universidade, que ocupa áreas que, por lei, deveriam ser protegidas. O entrevistado Homem 2 (47 anos) faz referência à velocidade com que a ocupação das áreas indevidas na Avenida P.H. Rolfs aconteceu, o que expressa a intensidade da ação dos agentes imobiliários em Viçosa.

Esse cenário leva à reflexão sobre o uso do poder como limitante para a sustentabilidade, já que as diversas áreas citadas pelos entrevistados, protegidas por Lei, constituem alvo do mercado imobiliário, quando o poder público se mostra conivente. É importante lembrar que essas áreas são consideradas privilegiadas, já que estão na parte mais plana da cidade e próxima à Universidade. Há, assim, a geração de outro problema, que é o da especulação imobiliária.

Outro problema evidente na cidade de Viçosa e relatado pontualmente se refere à poluição visual. Em suas falas, os moradores expressam esse incômodo:

H4: Agora fisicamente eu vejo muita poluição visual, e Viçosa não é uma cidade grande, poluição sonora e ambiental que salta aos olhos, é uma coisa que chama atenção, quando a gente chega em Viçosa é essa questão da poluição visual. (Homem 4 – 35 anos)

H10: Eu acho que é uma cidade visualmente muito poluída, com muito letreiro, outdoor, é uma cidade suja, com muito terreno que não é capinado. (Homem 10 – 26 anos)

De fato, as falas retratam a realidade da cidade. Especialmente no Centro, há um grande volume de informações sobre festas, concursos, promoções de lojas, cursinhos universitários, dentre tantos outros anúncios em cartazes e *outdoors* espalhados pelo Centro. Nos bairros, onde os anúncios estão em menor quantidade, o que polui são os lotes e calçadas sem capina, o que também gera desconforto visual, como relata o entrevistado.

Outro problema também considerado relevante pelos entrevistados é a violência em Viçosa, tendo sido citada por oito entrevistados. Eles dizem:

H2: Tá faltando melhorar as ruas um pouco, que tá cheio de buraco ainda, iluminação, policiamento, é meio precário, tem muito pouco policiamento, num é culpa eles: num tem, né? Trabalhar dia e noite ninguém dá conta, né? A estrutura tem como melhorar. (Homem 2 – 47 anos)

H4: Às vezes alguma ocorrência policial, uma coisa grave, onde eu moro acontece muito, uma viatura demora cerca de uma hora e meia a 2 horas pra atender uma ocorrência. Quer dizer, a estrutura não é suficiente. Até o ano passado, Viçosa tinha 64 policiais efetivos. Mas aí tem uma rotatividade no plantão diário, porque tem certos dias em que eles não estão aptos a trabalhar por questões psicológicas. Então deixa a desejar nesse aspecto do contingente policial. (Homem 4 – 35 anos)

M17: As praças hoje são pouco frequentadas porque o pessoal tem medo de assalto, Viçosa tá bastante violenta nos últimos anos. (Mulher 17 – 48 anos)

Observa-se que a percepção dos moradores versa não somente sobre o número de ocorrências, mas sobre a forma como isso vem sendo tratado pelo poder público. O contingente policial e a deficiência na iluminação foram citados pelos moradores como questões que facilitam a ação de infratores e produzem insegurança na população.

Se muitos entrevistados se referem aos problemas estruturais e os relaciona à ausência do poder público, outros parecem encontrar no sagrado a esperança para as questões que afetam a segurança, como disse a entrevistada:

M10: Sei que tá ficando complicada em relação à segurança, porque tá parecendo uma cidade grande, né? Mas eu peço ao Senhor que tome conta todos os dias, e num penso de sair daqui nem tão cedo. Eu ainda não tenho esse medo. Até porque quem toma conta da gente é Deus mesmo, a gente num pode ficar se colocando em situações complicadas, mas como eu não sou muito de ficar usando a noite, aliás não ando a pé sozinha de noite de jeito nenhum! (M10 – 48 anos)

A partir da fala é possível inferir que seu apelo ao sagrado seja decorrente da desesperança em ver resolvido o problema pelas vias competentes. Por essa razão, alguns entrevistados, especialmente mulheres, afirmaram buscar outras medidas para encontrar sua tranquilidade.

Também se apoiando na religiosidade para argumentar sobre o problema de violência em Viçosa, a Mulher 17 (38 anos) traz outros elementos:

M17: Que Viçosa é violenta, a gente sabe que tá mesmo, mas é tudo uma questão de educação. Eu acho que começa na célula família, as famílias estão desestruturando, não é só Viçosa, é mundo. Falta Deus, falta amor ao próximo, falta tudo. Então a partir do momento que desestrutura a célula principal que forma a sociedade, as coisas ficam igual efeito dominó, vai estragando tudo. Aí vem a violência na escola, a violência doméstica, a violência na rua.

Em sua fala, observa-se que seu argumento sobre o problema da violência se relaciona à crise da família, a qual passaria por um conflito de valores, de união e amor, o que desencadearia o processo. Sua fala, no entanto, omite a necessidade de intervenção do Estado na questão.

Também lembrado pelos entrevistados, a especulação imobiliária é um fenômeno recorrente na cidade, e afeta muito o valor dos aluguéis, sobretudo no Centro de Viçosa. Como disse um entrevistado,

H12: custo de vida alto, aqui é muito caro por causa da Universidade. Acho que o pessoal que cobrar mais um pouquinho. Tudo aqui é mais caro: aluguel é mais caro, alimentação, se for comparar, aqui é um pouquinho mais caro. (Homem 12 – 42 anos)

De fato, como já mencionado anteriormente, a especulação imobiliária tem como público-alvo os estudantes da UFV que, em sua maioria, preferem morar no Centro para ficarem mais próximos ao *campus*. Ciente disso, o setor imobiliário investe em edifícios de apartamentos que representam para quem nele investe a certeza de um público para locação, sujeita também à especulação. Contudo, esse fenômeno não se limita aos estudantes. Os moradores da cidade também são do mesmo modo afetados em relação aos valores de imóveis, seja para serem comprados ou alugados.

Também vem chamando a atenção dos entrevistados as mudanças na sinalização do centro da cidade. Em setembro de 2011 foram implantados os primeiros semáforos de Viçosa, distribuídos principalmente nas Avenidas P.H. Rolfs e Santa Rita, nas ruas Padre Serafim e Ladeira dos Operários, e nas praças do Rosário e Silviano Brandão. Essa situação foi percebida pelos entrevistados, que afirmam:

H10: E eu tô vendo uma confusão muito grande com o sinal, acho que não foi bem implantado. Outro problema do transito de Viçosa é a sinalização horizontal, a que está no chão. Com esse problema do calçamento, a sinalização horizontal fica muito prejudicada, e as vezes ela é que guia melhor o motorista que a placa, as vezes com esse monte de letreiro, esse monte de outdoor, você já não presta atenção da sinalização vertical que é a placa. E as ruas aqui não tem uma largura fixa, isso me incomoda muito. (Homem 10 – 26 anos)

M7: pra chegar na Universidade eu tenho que passar por uma série de semáforos, por pessoas que ainda não se adaptaram e não sabem usar as faixas. O tempo de semáforo não funciona muito bem, na minha concepção de sinal. (Mulher 7 – 21 anos)

Por ser bastante recente, observa-se, pelas falas, que a população ainda passa pelo período de adaptação, pois, para que os semáforos fossem implantados, toda a sinalização foi modificada, influenciando nas faixas de pedestres, e essa adaptação demanda tempo.

Dentre os entrevistados, cinco se referiram à substituição do velho pelo novo, ou seja, casas antigas dando lugar à verticalização, como se verifica nas falas de alguns deles:

H8: A cidade como um todo, inclusive Viçosa tá num parâmetro que quase num dá pra colocar prédios, está até tirando a estrutura do antepassado, coisa que deveria ser preservado, para ser antiguidade, já foram destruídos muitos, existem muitos poucas. (Homem 8 – 76 anos)

H5: Viçosa hoje tá tendo muito prédio, tá acabando com as casas tudo. Aí tem muita gente que chega aqui e fala: “poxa, Viçosa era pra ter mais casa, o pessoal tá acabando com as casa tudo, as casa antigas, tá tendo muito prédio”. Eu vejo o pessoal falar muito isso. (Homem 5 – 34 anos)

M8: Eu gosto muito de coisa histórica, e eu acho que o centro tá sendo demolido. Tinha várias coisas que eram tombadas, deveriam ser conservados, e hoje tá construindo prédio, mas num acho bonito também não. Todo lado que você vai só tem prédio, não tem uma coisa assim que chama atenção. (Mulher 8 – 24 anos)

M5: O que me incomoda, por ser viçosense, é que desmancha a história da cidade. Eu fico pensando como que pode, como que deixam acabar com a história da cidade colocando só prédio prédio... (Mulher 5 – 24 anos)

As falas evidenciam que a percepção dos entrevistados está direcionada para o descuido com o patrimônio, que vem sendo engolido pela especulação imobiliária. Segundo eles, a “história da cidade” está sendo deixada de lado, e questionam essa ação, demonstrando saber a importância desse patrimônio. Esses entrevistados evidenciam insatisfação com o que vem ocorrendo, e não concordam com esse movimento de substituição do velho pelo novo.

Para além de todos os problemas apontados até aqui, a entrevistada Mulher 2 (78 anos) faz uma afirmação em que é possível ver os primeiros sinais de conscientização e noção de coletividade:

M2: Tudo pra mim tá bom, num sô de ficar reclamando não. Não adianta ficar reclamando se você num faz sua parte. Como é que pode você ter sua cabeça só pra destruir, num serve pra conservar nada? Eu acho que se cada um, cada morador do nosso bairro, cuidar da sua frente da rua num precisa de limpar, só num colocar sujeira, eu acho que o nosso bairro vai melhorar muito. (Mulher 2 – 78 anos)

Em sua fala, a entrevistada evidencia a importância da participação da população no movimento para a melhoria da vida de todos. Gomes (s.d.) relata que essa visão é de fundamental importância, uma vez que as mudanças no comportamento, nas condutas e nos valores individuais trarão reflexos para o meio ambiente, no sentido de melhorá-lo. Além disso, Ferrara (1988) afirma que a leitura que o usuário faz do ambiente se reflete na forma como ele interage com a cidade, o que representa o significado desse espaço para ele. Esse processo gera uma busca por parte das pessoas por adequar o ambiente ao uso dos atores sociais, o que implica em maior participação popular na gestão dos bairros, cidades, recursos naturais, etc.

Os problemas apresentados pelos entrevistados também vão ao encontro das análises de Mello (2002), ao chamarem atenção para aquilo que incomoda. Portanto, eles têm percepção da existência dos problemas socioambientais, que é o primeiro passo para se pensar em mudanças.

4.3.1 A cidade pelo olhar de seus moradores

Para compreender de que forma os moradores de Viçosa percebem a cidade, tanto sob o aspecto físico e material quanto sob o ponto de vista simbólico, foi perguntado aos entrevistados de que forma eles descreveriam a cidade para uma pessoa

que não reside nela. O objetivo da pergunta foi apreender os elementos mais destacados. Em suas respostas, os entrevistados abordaram os mais diferentes aspectos da cidade.

No que se refere à sua estrutura física e à sua materialidade, os entrevistados abordaram aspectos naturais e estruturais da cidade. Sobre os naturais, elementos como relevo e clima, foram assim lembrados.

M9: Sempre cheia de morro, tem muito morro, é frio sim! Chove quando você menos espera e se você quiser passear você vai na universidade! É assim! (Mulher 9 – 34 anos)

M10: Então é bem diversificada: tem morros, tem áreas mais retas como ali a Avenida Santa Rita, mas eu gosto dela. Não sei por que eu gosto. (Mulher 10 – 48 anos)

Sobre sua estrutura urbana, os entrevistados relataram certo desconforto com a paisagem. Essa situação fica clara nas falas a seguir:

H1: Então geralmente eu falo que Viçosa é uma cidade muito desorganizada, meio bagunçada. É uma cidade muito feia, muito feia. Eu que conheço os bairros. Pela falta de cuidado, não só dos moradores, dos moradores também, mas uma total falta de organização das vias mesmo. A falta de calçada, a falta de calçamento, todas essas questões atrapalham muito a estética da cidade. (Homem 1 – 31 anos)

M13: Então você vê que Viçosa é feia mesmo! Feia, mal cuidada, mal estruturada, um povo mal educado. Você vê essas cidadezinhas aí, Teixeiras, Coimbra, que cidades pequenas tão bonitinhas. Viçosa é feia, mal cuidada. Olha essa rua nossa! Então Viçosa pra mim é feia. (Mulher 13 – 54 anos)

M9: A UFV é o ponto turístico. As praças de Viçosa são lugares de passagem, a praça de frente da prefeitura ela tem circulação de pessoas, as pessoas sentam e se encontram porque é o ponto de ônibus. Então não é a praça, é o ponto de ônibus. A outra praça, que é da Igreja matriz, é uma praça que num dá pra você ficar muito sentada nela, não! Ela é ponto de táxi, ponto de prostituição, ponto de drogadição, e é ponto comercial, então as pessoas estão sempre correndo, sempre circulando, é um ponto de passagem. (Mulher 9 – 34 anos)

H10: É uma cidade que não tem planejamento urbano, carece de muita infraestrutura, que não tem um código urbano muito claro, e isso me desgasta. A gente costuma dizer que a cidade está no em torno da UFV, mas na verdade esse em torno é meio metafórico. A cidade cresceu por causa da UFV. A UFV é urbanizada, mas saiu das 4 pilastras já é outra coisa. A P.H. Rolfs, que é por onde todo mundo passa e deveria ser mais organizadinha, tem lá seus problemas também. Sinto que é uma favela em forma de cidade. (Homem 10 – 26 anos)

M7: No mais, é uma cidade velha, você olha no centro da cidade e ainda vê aquelas pessoas que tentam manter ao máximo possível suas

casas antigas, caindo aos pedaços, pra ver se sobe o preço da venda, e aquilo ali da uma destoadada na cidade. É uma cidade em transição (do arcaico pro moderno), mas uma transição muito esquisita. É desigual. Então a cidade vai crescendo verticalmente, só vai aumentando prédio, não olha nem Lei ambiental mais pra fazer isso, então já virou uma bagunça! Pra mim a cidade é uma coisa centralizada, o poder na mão de poucos, então quem tem um poder de alguma coisa consegue derrubar uma árvore centenária pra construir um prédio. Então tá assim, toda desestruturada, uma cidade feia, em que você vê o contraste com a Universidade. [...] tá abandonada há muitos anos. Vamos olhar a Praça do Rosário. Eles tão tentando fazer um paisagismo ali que nunca sai, é horroroso. Viçosa é uma cidade em transição, muito populosa, cheia de carro, muito carro, sem suporte, com pouca gente pra trabalhar no sistema de saúde, muita oportunidade de estudo, mas faltam professores em algumas áreas. Venha talvez eles construam alojamentos, mas isso dentro da Universidade. Não venha pra cidade, não cabe! (Mulher 7 – 21 anos)

Nas falas apresentadas, Viçosa é vista como feia, desorganizada, sem planejamento, com “um povo mal educado”. Destaca-se também a comparação entre a cidade de Viçosa e outras vizinhas que seriam “mais bonitinhas”. Chama a atenção ainda as observações relacionadas às praças da cidade: praça como ponto de ônibus, como ponto de táxi, lugar de prostituição, drogas, etc.; praça que perde a função social do encontro.

Ao mesmo tempo, os entrevistados ressaltaram o contraste entre a cidade e a UFV, considerada bonita, organizada e o ponto turístico da cidade. Em algumas falas observa-se também a simbiose que existe entre a UFV e Viçosa. Essa relação é tão enraizada que a entrevistada chega a dizer que Viçosa não existiria se não fosse a presença da Universidade.

M8: O que mantém a cidade é a Universidade mesmo, e é isso que eu falo pras pessoas todo dia. Eu acho que se não fosse a Universidade não tinha Viçosa, não. Viçosa ninguém nunca ia ouvir falar nela. Porque realmente, o que mantem a cidade é a Universidade. (Mulher 8 – 24 anos)

H1: Tudo gira em torno da Universidade, quando alguém conhece Viçosa é pela Universidade, quando alguém quer uma referência da cidade é por causa da Universidade, mesmo quando visita a cidade é por causa da Universidade. (Homem 1 – 31 anos)

A partir das falas percebe-se que a identidade da cidade está atrelada à Universidade, existindo uma dependência desta instituição em todos os sentidos.

Outros entrevistados descreveram Viçosa como uma cidade em crescimento, como, por exemplo, a entrevistada M17 (38 anos), que em sua fala traz o exemplo da

nova centralidade que se forma nos bairros Silvestre e Novo Silvestre, em função da Faculdade Univiçosa que ali se localiza.

M17: Outra área que tem crescido muito é Novo Silvestre e Silvestre, também acho que por influência da faculdade, da Univiçosa que tem feito crescer entorno ali toda prestação de serviços, todo apoio pra faculdade, né. Comércio, padaria, restaurante, uma série de coisas. Obras novas tão surgindo por ali, prédios novos. O centro da cidade tá sendo reconstruído, o que tinha de casa velha e agora tá construindo novos prédios, a gente vê calçadas mais amplas também. (Mulher 17 – 38 anos)

Esse crescimento é atribuído a alguns fixos¹² que vêm para a cidade, principalmente na área educacional e promovem o crescimento de um subcentro. Esse subcentro será formado por uma série de estabelecimentos comerciais – padarias, farmácias e papelarias – que atenderão às necessidades do grupo atraído pelo promotor do processo.

É interessante notar que alguns entrevistados já percebem que esse movimento, que alguns chamam de crescimento ou evolução, tem sido bastante prejudicial para todos os moradores em termos de infraestrutura. Nas palavras do entrevistado Homem 7 (81 anos):

H7: Viçosa é o que você vê por aí, Viçosa está crescendo, está evoluindo aí? Não, eles estão construindo muito! Mas o futuro de Viçosa não pode ser bom porque não tem espaço, as ruas são estreitas, não tem passeio, e continuam construindo prédios grandes que vai morar 40 família, 40 carros no mínimo, 80 pessoas no mínimo. E isso tá aí visivelmente. É mal estruturada.

O morador entende que esse aumento no número de construções vem gerando uma séria pressão, especialmente sobre o Centro da cidade, em termos de água e espaço para veículos e pessoas, gerando uma situação classificada por muitos como caos.

Como dito anteriormente, os moradores, ao descreverem Viçosa, ressaltaram sua percepção sobre o viver também em seu sentido simbólico. Alguns dos entrevistados assim se expressam:

H1: Cidade basicamente jovem, em termos de pessoas. Eu falo sempre que é uma cidade movimentada. (Homem 1 – 31 anos)

M9: o ritmo em Viçosa, ele é um ritmo acelerado, e a gente percebe que até nas camadas mais populares, apesar de às vezes a pessoa não ter um trabalho, não ter um compromisso maior também com a educação, mas as pessoas estão sempre muito agitadas porque ao

¹² Para Milton Santos, o espaço geográfico seria um conjunto de fixos e fluxos, em que os fixos são os elementos materiais, artificiais e fixados ao solo, e os fluxos seriam o resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando seu significado e o seu valor.

mesmo tempo a vida social em Viçosa é agitada. Então é uma cidade que tem uma dinâmica acelerada pro tamanho que ela tem, e pro número de habitantes que ela tem, eu acho que tem um ritmo muito acelerado. (Mulher 9 – 34 anos)

H2: Hoje tem uma cidade pequena com ritmo de uma cidade grande. Muito movimentada. Por exemplo, vc chega nas ruas e não resolve nada porque tá tudo cheio. Nos bancos, é dois três caixas só, pra atender cinquenta pessoas, num dá tempo de atender, fica aquele montão de gente. (Homem 2 – 47 anos)

Pelas falas dos entrevistados, é possível observar que Viçosa se assemelha às grandes cidades quando se fala em movimento. É uma cidade que, apesar de seu pequeno porte, é acelerada, onde as pessoas estão, muitas vezes, agitadas e sem tempo. E assim, como afirma e entrevistada M9, essa agitação é sentida em todas as camadas sociais. Esse cenário leva a entender que Viçosa encontra-se inserida em um sistema maior que compele as pessoas ao trabalho intenso, à produtividade e ao consumismo, fatores considerados pelos autores como limitantes para a sustentabilidade urbana, já que esta se baseia justamente na mudança de modelos de produção e consumo, e conseqüentemente, de estilo de vida.

Apesar dessa correria e movimentação, alguns entrevistados se referem à Viçosa como uma cidade “pequena e aconchegante”, como nas falas abaixo:

M12: I! É boa demais! Eu gosto. Apesar de ter muita violência, ainda tá boa. Conhece quase todo mundo, cumprimenta e a gente tem aquela liberdade de chegar e conversar com as pessoas. Eu gosto de Viçosa porque apensar de muitas coisas que a gente procura, um atendimento que tem dia num é bom, mas tem dia que é bom. Nenhum dia é igual, né? Viçosa num é ruim de se viver não. (Mulher 12 – 52 anos)

M17: As pessoas são muito solidárias, quando chegam os estudantes, eles são bem recebidos. Eu acho que existe um calor humano muito grande, um espírito de solidariedade ainda nas pessoas, a religiosidade é muito em Viçosa, um número muito grande de igrejas evangélicas, né? Tem opção pra tudo! Quem quiser ir do evangélico a macumba tem. (Mulher 17 – 38 anos)

M9: Eu diria que é uma cidade pequena, aconchegante, com pessoas das mais diversas culturas, costumes, mas assim: aquela questão, determinada época do ano é muito bom, e determinada época você não vai encontrar nada em Viçosa! Porque férias a Viçosa é outra coisa, não é a mesma cidade. (Mulher 9 – 34 anos)

Os moradores percebem que Viçosa ainda preserva alguns elementos característicos de cidades mais calmas, típicas do interior de Minas, como a simpatia das pessoas, o contato entre elas, o conhecer a vizinhança e a boa vontade em ajudar os que

chegam, especialmente os estudantes. Assim, compreende-se que a cidade de Viçosa pode ser considerada uma cidade em transição, em que traços mais interioranos começam a perder a força, como características típicas de cidades grandes começam a se destacar e fazer parte da vida da população.

4.3.2 Mudanças em Viçosa percebidas pelos entrevistados

Por ser acelerada, Viçosa é uma cidade em constante transformação, com elementos novos marcando e modificando sua paisagem constantemente, como novos prédios substituindo construções antigas, novos bares e restaurantes, novas pessoas chegando. Por essa razão, esta pesquisa se propôs a investigar também se as pessoas percebem essas mudanças que acontecem na rua onde moram, no caminho que fazem até o trabalho, em seu viver de forma geral.

Quando questionados, alguns entrevistados fizeram uma volta no tempo, e buscaram em suas memórias cenas antigas de Viçosa, imagens que marcaram suas histórias, sejam elas materiais ou simbólicas, de vivências de um tempo diferente. O Homem 9 (75 anos), residente em Viçosa há mais de 50 anos, acompanhou essas mudanças de perto, desde a época em que as pessoas buscavam água no ribeirão, até hoje, em que a água sai limpa nas torneiras. Assim ele descreve:

H9: Quando eu vim pra aqui Viçosa era uma cidade que as ruas eram quase tudo de pedra fincada, né? Agora tem muitas ruas asfaltadas, de paralelepípedos, então melhorou demais, né? Agora na área de luz também, quando eu mudei pra cá a luz era muito ruim, não era bem distribuída, hoje já tá uma beleza, melhorou muita coisa. Quando eu mudei pra cá acho que num tinha nem água tratada. A água vinha direto de um ribeirão, de uma grotta aí, depois é que a prefeitura começou com esse tratamento de água e hoje tá uma potência, bom demais. [...] Tem muita mudança pra pior também. Assalto, drogas cresceu demais, quando eu mudei pra cá não tinha isso, hoje tem muita droga. Você fica sem segurança nenhuma. Chega uma pessoa estranha na sua casa e você não sabe como agir, se recebe a pessoa ou não, tá todo mundo com medo. (Homem 9 – 75 anos)

Percebe-se que era outro tempo. Não havia asfalto, água encanada ou distribuição adequada de luz. Por isso, quando o entrevistado compara os dois momentos, ele vê Viçosa hoje como “uma beleza”, pois ele sabe as dificuldades pelas quais passavam as pessoas naquele tempo. Contudo, mesmo com todas essas dificuldades, ele lembra que havia tranquilidade e segurança, e que isso provoca nele grande

desconforto. Assim, entende-se que apesar de vivenciar os dois momentos e saber das dificuldades de décadas atrás, o entrevistado se mostra minimamente crítico diante dos problemas gerados pela modernidade.

Duas entrevistadas jovens (Mulher 5 - 24 anos e Mulher 7 - 21 anos) também conseguiram falar do passado a partir da memória de seus familiares mais velhos. Elas relatam:

M5: Ali na Marechal Castelo Branco era só barranco, não tinha aquele monte de coisa de carro, correio, agora uma boate. Num tinha nada daquilo, era só barranco. Silvestre e Joao Braz num tinha nada. As coisas ficam mais corridas, o povo anda mais na correria agora, e acho que isso é uma tendência. *Por que isso aconteceu?* Mais uma vez por causa do crescimento da Universidade. Criou demanda pra tudo quanto é tipo de serviço. Aumentou a frota de carros significativamente. Tá bem associado.

M7: Tem uns prédios subindo, aquelas casas antigas da praça do Rosário, tá destruindo muita casa velha e subindo muito prédio. Outra mudança foi de cinema e teatro pra sacolão, o Calçadão mudou muito, aliás eles abriram uma fenda lá cruzando ruas, eu achei interessante aquilo. Percebi desde que eu comecei a dirigir na cidade, que o fluxo de carros e gente aumentou. Tem a mudança também do semáforo.

Em suas falas, elas trazem mudanças na paisagem de Viçosa que, por algum motivo, ficaram registradas em suas memórias, e que de fato se percebe como mudanças significativas, uma vez que fazem parte do crescimento de Viçosa, como a chegada de um comércio mais forte, que atraiu outros, gerando emprego e renda para cidade, e ao mesmo tempo, provocou os problemas socioambientais apontados anteriormente.

Segundo os entrevistados, as mudanças no ritmo e estilo de vida tiveram consequências nas vivências dos moradores. Em suas falas, eles trazem exemplos de como era e como está hoje:

H12: A cidade, de uns 10 anos pra cá vem mudando muito. Você não vê mais as construções antigas, o povo não tem o costume de parar mais em praça nenhuma pra conversar, os hábitos tão mudando, tá aquela coisa corrida. O volume de carros e motos cresceu absurdamente, né? A cidade como um todo tá impaciente, mais estressada, parece. [...] A gente passa pela cidade, a primeira praça, antes sábado ou domingo era todo mundo circulando na praça, hoje você num vê isso. Praça hoje é lugar de desocupado, que quer roubar do outro. Então ao mesmo tempo que dá saudade daquele tempo a gente vê que Viçosa tá acompanhando, tá desenvolvendo nesse processo global. Viçosa tá muito bem inserida nisso. *E você acha que essa inserção é boa?* Acho! Imagina se a gente tivesse ficado parado? Eu gosto assim. (Homem 12 – 42 anos)

M17: Eu lembro que quando eu tinha 17 anos eu tocava na missa na matriz, a gente saía da missa, ficava muita gente na porta da igreja, sentado nos bancos batendo papo, conversando, comendo pipoca, tomando sorvete, era uma coisa assim, lazer do centro. Hoje não tem mais esse lazer porque as pessoas não podem sentar porque tem mendigo, você tá sentado vem um bandido, você vê um idoso querendo te levar pro motel, então até cheguei a sugerir uma vez de ter guardas municipais na praça pra evitar esse tipo de coisa, mas não teve jeito. (Mulher 17 – 38 anos)

M13: Ah! Com certeza! Tipo a primeira morada a gente dormia de porta aberta, a gente morava no centro, dormia de porta aberta e a minha mãe colocava uma cadeira, na época todo mundo adolescente, cada um chegava num horário, tinha uns primos que vieram de Porto Velho, então a casa de mamãe era tipo uma república, então punha uma cadeira atrás da porta, acho que na hora que chegava um ela ouvia aquele barulho. Hoje não pode fazer mais nada disso. (Mulher 13 – 54 anos)

Em suas falas, os moradores fazem um resgate de seus tempos de juventude, quando Viçosa proporcionava momentos de lazer bastante simples que marcaram positivamente suas vidas. Era um tempo em que havia um maior contato entre as pessoas, maior liberdade e segurança, características de cidades pequenas. Porém, como relataram os entrevistados, o que se vê hoje é uma cidade ainda de pequeno porte, mas que dificilmente proporciona essas experiências, já que a criminalidade e o novo estilo de vida das pessoas são obstáculos para esses momentos.

Ao falar em mudanças, outros entrevistados fizeram uso de informações mais recentes para explicar as mudanças ocorridas, dando ênfase à situação atual da cidade, sua nova forma e suas características marcantes em sua paisagem. Os moradores relatam:

H1: Agora a maior parte dos prédios eu vi subindo, isso é assustador. P.H. Rolfs, os meus amigos que formaram comigo na Universidade, eu formei em Janeiro de 2005, eles não vão reconhecer a P.H. Rolfs quando voltarem aqui. Isso é um fato. Com a questão dos prédios a gente vê que tem a mudança no trânsito, é diretamente proporcional, porque você imagina que quando colocam um prédio aqui tão colocando um monte de carro pra sair daqui e entrar aqui, nesse ponto, de uma vez só, então eu acho que esse impacto é direto, né? É o que a gente sem dúvida mais vê, a quantidade de gente no mesmo espaço, que já está saturado. (Homem 1 – 31 anos)

M9: (se referindo ao trânsito) Eu não acho que melhorou sobre o fluxo, acho que ficou mais seguro. Acho que as pessoas estão se educando mais pra andar em Viçosa eu tô percebendo que as pessoas estão tentando se adequar, e isso é muito importante, porque transforma a vida da população (Mulher 9 – 34 anos)

H10: Tem tido construções com uma preocupação estética maior. Se você pega a P.H. Rolfs, a rua dos Estudantes, Ramos, Clélia, Santa Rita, são mais bonitinhos. Tem uma portaria mais arrumadinha, aproveitam melhor o terreno. Eu tenho notado que você já começa a ter opções diferentes. Às vezes é uma lanchonete que oferece um hambúrguer melhorzinho, uma locadora que tem uma preocupação com opções melhores de filme, as lojas estão com umas vitrines mais legais, então tem mudado. (Homem 10 – 26 anos)

M17: Um pouco mais de cuidado com os jardins, as praças têm melhorado, tem dado uma revitalização. O nosso bairro foi contemplado com isso, a nossa praça foi revitalizada. Ela tava sucateada, agora começou a revitalizar. Tiraram muito também aquela questão de outdoor, cartazes, uma poluição visual muito grande. Poste, outdoor, faixas, tiraram bastante. Então a paisagem mudou muito de uns anos pra cá no centro da cidade, nos últimos cinco anos. Muitos prédios novos, cada vez mais altos, muita construção civil, então gerando sim um certo emprego, porque na área de construção civil você não acha mais profissional, pedreiro, não consegue achar porque tá tudo empregado nessas obras, menos mal, mais pais de família trabalhando. Então eu percebo essas mudanças que é muito visível todo mundo tá vendo isso aí. (Mulher 17 – 38 anos)

Observa-se que diferentes elementos foram enfatizados pelos entrevistados. Uma questão fortemente percebida pelas pessoas é o aumento significativo de pessoas e carros em circulação nos últimos sete anos. Um entrevistado chega a dizer que o espaço de Viçosa está saturado. As mudanças no trânsito também foram lembradas, em sua maioria consideradas como melhorias, já que isso o tornou mais seguro. Um entrevistado ressaltou também a velocidade com que as mudanças aconteceram. Em suas palavras, em pouco tempo a Avenida P.H. Rolfs ficou “irreconhecível”, tamanha a velocidade do processo. Essas mudanças percebidas se referem especialmente ao número de prédios na área central, que pode ser justificado pelo expressivo setor imobiliário da cidade. Uma mudança bastante recente foi a valorização estética de prédios e do comércio, além de algumas melhorias na oferta de serviços do setor comercial. Observa-se pelas falas, que, em sua maioria, as menções enfatizaram as melhorias na cidade, entendendo que as mudanças vieram no sentido de contribuir para a estética e viver na cidade.

Esses depoimentos vão ao encontro das ideias de Tuan (1982, *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2008). Destacando as falas do Homem 10 (26 anos), que mora em Viçosa há 8 meses, e da Mulher 17 (38 anos), que nasceu em Viçosa, entende-se o que o autor quer dizer quando se refere à diferença na percepção entre o indivíduo nativo e o indivíduo visitante. Segundo ele, a percepção do nativo será baseada em mitos e valores locais, em

função de sua profunda inserção no ambiente, e a do visitante levará em consideração valores estéticos em sua percepção. Assim, observa-se que a fala da entrevistada M17 é mais complexa que a do H10, já que ela fala de elementos específicos, como a praça do seu bairro, além de ter um recorte temporal maior, que permite uma fala mais embasada sobre as mudanças na cidade. Já o H10 se atenta para a melhoria estética das construções novas e de alguns serviços que seriam importantes para ele em qualquer outro lugar em que estivesse, o que torna sua avaliação um pouco mais superficial.

Nem sempre as mudanças percebidas foram vistas de forma positiva pelos entrevistados. Eles afirmam:

H7: Agora o que eu lamento é nós tá com uma cidade inchada, né? É muita construção, muito apartamento, sem espaço, não há espaço, teria que ter espaço pra veículo, pra pedestre, nós não temos espaço pra pedestre. Viçosa tem ruas aí que a pessoa anda no meio da rua porque não tem calçada. (Homem 7 – 81 anos)

H11: Viçosa é uma cidade que tá construindo demais. A gente fica muito satisfeito por uma parte, porque tá saindo muitos prédios, tá dando emprego pro povo, e fica preocupado em outra parte, porque as vezes tá construindo mais do que podia, né? Porque de repente o prédio pode ser de 5 andar eles faz de 10. E às vezes constrói em áreas que não pode ser construída, por exemplo, a gente tem bastante prédio dentro do ribeirão. Como é que constrói dentro do ribeirão? Então a gente tem que olhar do agora pra diante pra não acontecer, pra não continuar construindo dentro do ribeirão, porque dentro do ribeirão não é lugar de construir. Então é invasão e eu acho que o povo devia de respeitar as APP, né? E não construir nos lugar que não é pra construir. (Homem 11 – 45 anos)

Estes entrevistados demonstraram preocupação com o caminho trilhado por Viçosa. Segundo eles, o espaço de Viçosa está saturado e, por isso, a cidade está inchando; ou seja, há um aproveitamento do espaço acima do que é possível e permitido por Lei, fazendo com que a cidade não funcione adequadamente em serviços básicos e no deslocamento, dificultando as pessoas usufruírem seu direito à qualidade de vida. Além disso, os entrevistados se mostraram atentos para as possíveis consequências desse comportamento para o futuro da cidade.

Diante deste cenário, o entrevistado Homem 4 (35 anos), a partir de seus conhecimentos, tenta elaborar justificativas para essa situação de crescimento acelerado, especulação imobiliária, trânsito, e outros problemas socioambientais que se materializaram na paisagem de Viçosa:

H4: Eu acho que isso aconteceu porque houve uma necessidade humana de moradia. E Viçosa tem os estudantes, que vem de toda parte do Brasil, que eles não tem residência, eles tem que ficar em algum lugar, e as construtoras tã de olho nisso aí, e vai ser assim por muito tempo. Enquanto existir a Universidade. Eu atribuo também ao poder de compra que aumentou. Hoje tem políticas que facilitam a comprar um apartamento. Ainda é difícil, mas antes era impossível. A questão do carro também tá mais viável. E eu acho que tem também um incentivo do governo pra essas construtoras, porque a cidade vai crescendo, vai aumentando a oferta de emprego. Então tem tudo isso aí. Eu acredito que isso impulsiona esse crescimento.

Sua justificativa se pauta na ideia de que o crescimento populacional de Viçosa e a presença da UFV criaram demanda por moradia, o que levou ao aumento evidente de prédios na cidade. Soma-se a esse fator o aumento da facilidade de crédito, que elevou o poder de compra das pessoas, tanto de imóveis quanto de veículos, o que explicaria o trânsito agitado da cidade.

Contudo, essa análise deve considerar a forma como esse processo se desencadeou. A demanda e as possibilidades de compra aumentaram sim, mas o problema emerge em função da especulação imobiliária, que constrói intensamente no Centro da cidade, gerando uma forte pressão sobre esta área, tanto nos serviços básicos quanto em espaço de circulação. Assim, os problemas percebidos pela população não podem ser considerados como algo natural, mas, sim, como o resultado de ações de um grupo específico que visa atender seus próprios objetivos.

Assim, percebe-se que muitas das mudanças analisadas anteriormente no item “Reprodução do espaço urbano de Viçosa” foram também percebidas pela população, e que essas mudanças aconteceram tanto nos aspectos físicos quanto na relação simbólica que os moradores estabelecem com a cidade. Em algumas falas, os moradores observaram tanto melhorias quanto agravamento de alguns problemas.

Ferrara (1996) explica a percepção das pessoas sobre as mudanças espaciais e sociais de Viçosa. O autor afirma que as mudanças sofridas pelo ambiente, tanto as geradas por processos da natureza quanto aquelas ocasionadas por processos sociais, econômicos, políticos ou culturais, somadas ao repertório cultural dos indivíduos ou grupos, vão se refletir na percepção daqueles que usufruem desse espaço. Daí a multiplicidade de visões e percepções.

Quando perguntado os entrevistados sobre a sensação que a passagem ou permanência em Viçosa lhes proporcionava, diferentes abordagens foram apresentadas. Muitos dos entrevistados disseram ter como principal sensação o medo. De fato, como

já abordado anteriormente, a violência faz parte do dia a dia das pessoas que moram em Viçosa, e isso ficou claro nas falas de alguns entrevistados:

M8: Toda vez que a gente sai de casa a gente sai com um pouco de medo com o que pode acontecer. Principalmente aqui no bairro, que de um tempo pra cá ficou mais perigoso. Mas acho que todo mundo sai de casa com um pouco de medo, não sabe o que pode esperar. É isso. Um pouco de insegurança mesmo. (Mulher 8 – 24 anos)

H2: Hoje a gente tem motivo pra ter medo, mas antes não, a gente podia andar a pé pela rua a fora e a gente conhecia todo mundo, hoje a gente num conhece todo mundo mais na cidade. Antes a gente conhecia pai, mãe, filho, hoje você conhece mal mal o pai. E isso me traz um pouco de insegurança, vai mudando as coisas, é muita gente roubando, é drogas. Tinha que melhorar pra ver se para um pouquinho da violência. (Homem 2 – 47 anos)

M17: Eu não tenho coragem de andar depois das 22hs sozinha ali mais não. Tenho medo da violência. Mas de forma geral em outros horários, tá tranquilo. Tem que ter precaução, saber onde que você vai, com quem você tá, não pode andar sozinho determinada hora porque assalto acontece mesmo. Os usuários de droga tão assaltando pra comprar droga, infelizmente. (Mulher 17 – 38 anos)

As falas evidenciam que a violência é uma realidade da cidade de Viçosa, e que isso interfere significativamente na vida das pessoas. A liberdade de ir e vir, escolhendo horários e lugares, é limitada pelo medo e risco de sofrer algum tipo de violência. Para o entrevistado H2, o individualismo é um agravante para a situação, já que pouco se sabe sobre as pessoas, não há referências familiares para que se possa estabelecer uma relação de confiança e diminuir o medo. Apesar das reclamações, percebe-se que os entrevistados não fazem nenhuma referência ao poder público.

É interessante observar ainda o quanto as experiências de vida interferem na percepção das pessoas. A Mulher 10 (48 anos) nasceu em Guaraciaba e morou alguns anos na zona rural de Teixeira, duas cidades pequenas, com menos de 10 mil habitantes. É sabido que nesses lugares a acessibilidade é difícil, em função das estradas de terra e a baixa frequência dos meios de transporte. Por esse motivo, ela vê Viçosa como um ótimo lugar, em função de sua constante mudança, onde chegam novidades constantemente. Ela diz:

M10: Então eu gosto, me sinto bem, tenho dificuldades não. Pra quem vem de onde eu venho! Porque eu venho de zona rural, zona rural mesmo! Guaraciaba é pequenininha demais, cresce muito pouco, continua sempre pequenininha! Você vai lá e num vê quase novidades de um ano pro outro. Depois a gente veio pra Teixeira, também sempre zona rural, então pra quem vem desse lugares eu gosto, me

adaptei bem. *Por que Viçosa muda tanto e Guaraciaba não?* Eu acho que é a Universidade que traz muito aluno, aumenta os cursos, aumenta o número de aluno, de movimento de compra, comércio, de festas, e aumenta também o aluguel, então eu acho que é por isso.

Ainda na fala desta entrevistada, é interessante observar sua percepção sobre os motivos pelos quais Viçosa sofre mais mudanças em um determinado período de tempo que Guaraciaba. Segundo ela, a presença da Universidade desencadeia uma série de ações que aceleram as mudanças na cidade, tornando-a uma cidade mais dinâmica que Guaraciaba.

Por outro lado, aqueles que já tiveram vivências em outros lugares acabam tendo sua percepção mais aguçada para questões negativas presentes no cotidiano da cidade. O entrevistado Homem 11 (45 anos) se refere, especialmente, ao paisagismo do Centro da cidade, que, de fato, deixa muito a desejar.

H11: você anda no centro da cidade, você anda na Praça da Igreja Santa Rita, e o que tem na praça? Nada! Uma praça muito feia, uns bares no centro que não deveria ter, com coisas que a gente não deveria ver. Então é isso que a gente sente: feliz por estar em Viçosa e aborrecido porque Viçosa poderia ser uma cidade muito melhor. O centro de Viçosa merece uma coisa muito melhor, uma praça bonita, arborizada, com jardins, mais respeito, uma segurança melhor na praça porque às vezes a gente chega lá e senta lá a gente num tem uma segurança de acordo.

Assim, observa-se que o morador se sente bastante desconfortável com a realidade que vê em Viçosa, já que suas referências fazem com que ele saiba que existem lugares onde o espaço público é mais agradável e seguro. Possivelmente, sua insatisfação é gerada também pela relação emocional que o morador constituiu com a cidade. Sendo assim, o fato deste entrevistado ser natural de Viçosa e politicamente ativo em favor da cidade, atuando como representante de bairro, faz com que sua percepção seja guiada não apenas pelo senso crítico, mas, também, pelas relações de afeto estabelecidas com a cidade.

A partir das respostas entende-se que alguns problemas interferem na vida dos entrevistados, principalmente limitando seu ir e vir. Além disso, é possível compreender que as mudanças trazidas pelos novos tempos geram, por vezes, sensações negativas nas pessoas, que têm medo, saudade, tristeza. Essas mudanças chegaram a Viçosa, e proporcionaram aos seus moradores essas sensações, o que os incomoda verdadeiramente.

Durante as entrevistas, Viçosa foi classificada como jovem, viva, eclética, tranquila, esperançosa, acolhedora, educadora, em desenvolvimento, bonita. Outras vezes como estagnada, feia, desorganizada, insegura, abandonada pelo poder público, largada, desproporcional. Os depoimentos a seguir exemplificam essas afirmações:

H4: Acolhedora, uma certa insegurança, abandonada pelo poder público em vários aspectos. (Homem 4 – 35 anos)

M2: Nessa coisa minha eu nunca vi uma morte, nunca vi uma briga, então eu acho tranquilo aqui, acho maravilhoso da gente viver. Assim, economicamente é difícil, né? Mas pra quem tem a vida já mais ou menos controlada, aqui é muito bom. Agora pra gente nova que tem sonhos, é difícil viver aqui. Porque num tem emprego! (Mulher 2 – 78 anos)

M17: Pro centro, especificamente praça Silviano Brandão, eu acho que ela precisaria ter mais beleza, ela tá muito largada. [...] A matriz é o nosso cartão postal, então denigre um pouco o cartão postal. É lugar de mendigagem e prostituição. (Mulher 17 – 38 anos)

M10: Acolhedora, porque ela acolhe pessoas de todo o país e até estrangeiros; educadora, porque além da UFV, ela possui várias escolas tanto municipais, estaduais, quanto particulares, em todos os níveis; em desenvolvimento: uma cidade que vem crescendo em diversas áreas, como por exemplo: construção civil, educacional, incluindo a educação no trânsito através dos semáforos e das autoescolas. (Mulher 10 – 48 anos)

É interessante observar que, apesar dos muitos pontos negativos apontados pelos entrevistados ao longo da realização da entrevista, na hora de caracterizar Viçosa e dar adjetivos a ela, as pessoas foram complacentes com a cidade, dando a ela mais características e adjetivos positivos que negativos, muitas vezes lembrando que, apesar de todos os problemas, ela é uma cidade “boa de viver”. Para entender esse comportamento, Macedo (s.d.) esclarece que existe uma tendência a dar ênfase àquilo que está em harmonia com nossas crenças. Assim, para ele, “reconhecemos as coisas que nos interessam mais depressa do que as que nos aborrecem” (p. 3).

Outros entrevistados trouxeram também elementos naturais para adjetivar Viçosa, falando sobre seu relevo e clima. Nesse caso, não houve necessariamente um juízo de valor, mas essas falas são relevantes porque os elementos naturais fazem parte da cidade e a individualizam.

H12: Acolhedora, cheia de montanha [...]. (Homem 12 – 42 anos)

M5: Uma coisa que meu professor elogia, que não é mérito da cidade, mas da região, que é a questão do clima, eu acho muito agradável, é o

friozinho, é o calor. A gente acorda com friozinho, aí meio dia faz calor, e a tarde chove. (Mulher 5 – 24 anos)

Nas falas de dois entrevistados observa-se uma percepção bastante parecida quando se referem à estagnação de Viçosa. Eles afirmam:

H1: Eu diria jovem, sensação de que é uma cidade que não vai envelhecer, nunca. Quente de pessoas, viva, alerta, ativa, mas não parece que vai evoluir não, vai continuar sempre naquele mesmo espaço de atividade. É uma cidade frenética que vai continuar sempre naquele modelo ali. É uma cidade acolhedora, eclética, tem gente de todo jeito. Mas dentro de uma certa limitação. (Homem 1 – 31 anos)

H10: Feia, desorganizada, temporária, estagnada, porque tenderia a ser renovar, mas não se renova. As pessoas são amigáveis, se unem muito fácil. É interessante porque quando você tem uma população de fora muito grande, quem é “outsider” nessa história? Esse limite é complicado de estabelecer. (Homem 10 – 26 anos)

Segundo eles, Viçosa tenderia a se renovar, em função da chegada constante de novas pessoas, informações e estilos, mas que ainda assim permanece estagnada. Isso poderia ser justificado pelo fato de que essas pessoas que chegam, e poderiam ser promotoras de mudanças, não ficam na cidade. As pessoas que vão para Viçosa são passageiras, flutuantes, não criam raízes na cidade. Há, além disso, um descompromisso de grande parte das pessoas que vão para Viçosa de se integrarem à cidade e se engajarem no processo de mudanças. Um bom exemplo disso é a baixa frequência com que os estudantes, e até mesmo pessoas que migram para Viçosa, transferem seus títulos de eleitor. Se as pessoas votassem em Viçosa estariam participando e até mesmo promovendo mudanças na cidade, contribuindo para sua melhoria. Porém, o que se vê é um usufruto grande por parte dessas pessoas sem o devido retorno. Isso fica bastante claro na resposta do entrevistado Homem 10 (26 anos):

H10: Ela é muito explorada. É essa a sensação do viver aqui, é um viver exploratório, e não um viver sustentável. E é complicado manter essa cultura por causa da rotatividade das pessoas, a cultura vai embora com essas pessoas. Eu sinto essa ambiguidade do estudante que dá vida a cidade, mas não tem o compromisso com a cidade, e do viçosense que se apaga porque ele acha, por causa da propaganda, que Viçosa é uma cidade do estudante, e não uma cidade dele. Então eu acho que o morador poderia sim cobrar. “Você que está entrando na minha casa, eu estou te recebendo”. (Homem 10 – 26 anos)

A fala do entrevistado evidencia a falta de compromisso por parte de muitos dos estudantes para com a cidade que os recebe. Esse descompromisso se revela também na

quantidade de lixo encontrada pelas calçadas da Avenida P.H. Rolfs, principal via de acesso à UFV; pelo barulho dos estudantes pelas ruas da cidade após as festas, incomodando os moradores; pela insuficiente relação mantida entre os estudantes e os bairros da cidade através de trabalhos de Extensão.

Como foi dito anteriormente, é interessante notar que as pessoas dão seus sinais de senso crítico, observação e noções de como encontrar soluções efetivas para aquilo que percebem como problema. Um exemplo disso seria a fala da Mulher 17 (38 anos), quando ela diz:

M17: Acho que as pessoas podiam deixar o carro em casa no fim de semana, andar mais a pé, tomar mais sorvete, sentar mais na praça, voltar aquele tempo bom de antigamente.

A moradora procurou encontrar soluções para as questões levantadas, e a forma como ela aborda essas soluções é pertinente porque mostra uma pequena demonstração de um posicionamento sustentável, já que quando se pensa em sustentabilidade se pensa na mudança de pequenos gestos, retomada de valores e costumes que se perderam. E é a partir disso que será possível pensar em mudanças maiores.

Os adjetivos dados à Viçosa pelos entrevistados estão de acordo com os problemas por eles elencados em respostas anteriores, assim como estão em sintonia com o que é visto de fato na cidade. Isso significa que os entrevistados se mostraram conectados à sua cidade, no sentido de perceber os problemas materializados na paisagem urbana e que interferem em suas vidas. É possível inferir também que suas percepções estão muito ligadas às suas vivências, aos seus sentimentos e à sua realidade, o que por vezes faz com que seus olhares sejam um pouco mais complacentes com as questões da cidade.

É importante dizer que dentre os 30 entrevistados, apenas três não identificaram nenhum problema no viver em Viçosa, sendo uma mulher adulta e duas idosas. Para essas pessoas, a vida em Viçosa é boa porque, como relatou a entrevistada Mulher 1 (60 anos):

M1: O jeito das pessoas atenderem a gente, o jeito das pessoas tratarem a gente e a gente procurar tratar bem as pessoas, eu acredito que tá tudo bem também. Eu gosto daqui, tive minha infância aqui, e eu acredito que é um lugar bom de se viver, em matéria de tudo. Começa pelo serviço, as pessoas, a convivência, eu acredito que tudo é bom. Eu não tenho nada contra as coisas não.

É possível inferir que a forma como esta entrevistada percebe o viver em Viçosa está relacionada a questões simbólicas, estabelecidas ao longo de sua vida por meio de suas experiências na cidade; ou seja, o fato de ela ser natural de Viçosa, ter crescido nessa cidade, e valorizar elementos como amizade e respeito, fez com ela estabelecesse uma relação positiva com a cidade.

Além disso, essas entrevistadas percebem algumas mudanças, como o aumento no número de carros e pessoas em circulação e o aumento do número de prédios. Porém, diferentemente dos demais entrevistados, estas mulheres têm uma visão positiva sobre isso, já que consideram que esse efeito é sinal de crescimento e evolução da cidade.

É possível inferir que, além dos laços afetivos, o grau de escolaridade dessas três entrevistadas pode ser um dos fatores que interferiram em suas percepções, já que todas possuem apenas a 4ª série do ensino fundamental. Essa inferência se faz em função das demais respostas para as mesmas perguntas, dentre as quais se observa uma tendência a maior senso crítico entre aqueles que possuem maior escolaridade, e aqueles com maior envolvimento político com a cidade, como os representantes de bairro.

Ao longo de suas entrevistas, essas mulheres demonstraram uma vivência restrita a seus bairros e locais de trabalho, tendo por isso poucas experiências em pontos mais críticos, como o Centro de Viçosa. Em suas falas elas demonstram não serem as responsáveis por pagamentos de contas, compras de supermercado ou lazer. As duas senhoras que têm ocupações fora de seus domicílios realizam seus trajetos de ônibus, mas não se queixam dos horários ou das frequências, nem mesmo do estado do calçamento. Assim, compreende-se que a ausência de críticas e incômodos pode ser justificada por uma falta de envolvimento dessas entrevistadas, que, por não participarem ativamente da dinâmica da cidade, não estão atentas para o problema da mesma apesar de serem moradoras.

4.4 É possível pensar em mudanças?

Ao analisar quais as questões mais lembradas e identificadas pela população nas entrevistas usadas neste capítulo, outras questões se mostraram importantes: será que os moradores de Viçosa se percebem como coparticipantes e corresponsáveis pelo cenário socioambiental que caracteriza essa cidade? A perspectiva dos moradores de Viçosa

sobre as questões que compõem o viver na cidade sinalizam a possibilidade de se pensar em mudança?

Quando perguntado aos entrevistados sobre as causas dos problemas identificados em Viçosa, suas respostas puderam ser expressas na Figura 63.

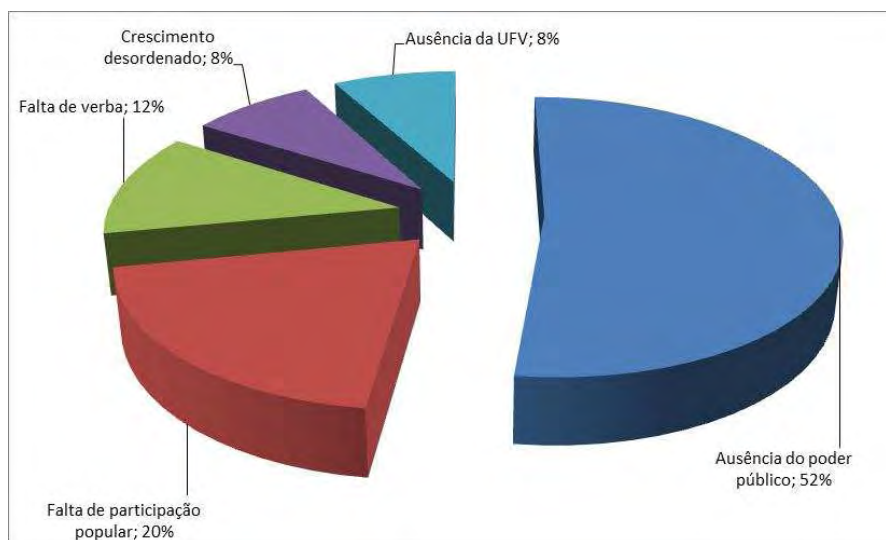


Figura 63 – Elementos apontados como causa dos problemas identificados.

É interessante observar que, em sua maioria, os entrevistados não se percebem como coparticipantes dos problemas identificados. Somando ausência do poder público (52%), falta de verba (12%), crescimento desordenado (8%) e ausência da UFV (8%), têm-se 80% das respostas dos entrevistados atribuídas a fatores dos quais eles não tem participação ou poder de ação. As falas a seguir ilustram essa afirmação:

H2: O que causa é que o governo não quer gastar dinheiro pra fazer melhoria nos hospitais, na segurança do país, da cidade igual Viçosa, num tem segurança. Falta investimento. Num quer gastar dinheiro, né? (Homem 2 – 47 anos)

H7: A causa foi essa, eu acho que tem uma coisa de conhecimento de todo mundo que é a ganancia imobiliária é... isso não tem nem dúvida. Porque se não fosse isso ele achava uma maneira de alargar as ruas, reunia vários construtores e o prefeito, mas ninguém faz. (Homem 7 – 81 anos)

M6: Pra ser sincera, más condições de trabalho, más condições financeiras. Se as pessoas tivessem um salário, ou oportunidades de emprego com salários descentes, com uma infraestrutura descente na cidade, não teríamos um crescimento irregular, favelas ao redor da cidade, apartamentos sendo construídos em barrancos, isso não existiria se houvesse escola pública boa, com professores descentes. É do básico mesmo, uma coisa histórica. (Mulher 6 – 24 anos)

M9: Eu acho que as causas principais são políticas. Durante muito tempo Viçosa conservou uma política de receber favores mesmo, porque tendo um presidente que era daqui e trouxe um monte de benefícios pra cidade, acho que teve essa visão muito mineira mesmo da política, de troca de favores. Mas depois de um tempo isso ficou meio estagnado, as pessoas não procuravam inovar. Político em Viçosa não tinha essa preocupação. Também com a qualidade que se tinha dentro da Universidade, os olhares ficavam muito voltados pra isso, então a questão do poder público não era tão focado nas pessoas, ninguém nunca prestou muita atenção nisso. E inclusive a própria educação municipal é muito precária, sempre foi. E chama de cidade educadora. Mas ela só é cidade educadora por causa das redes particulares e da universidade que é federal. (Mulher 9 – 34 anos)

M12: Quando tem candidatura, principalmente lá em Brasília, eles só promete emprego, só emprego. Eles não fala de favorecer uma pessoa que tá lá na roça pra evitar de vim pra cidade. Só promete emprego e salário. Gente, dá oportunidade pra quem tá na roça, e de quem tá cidade ir pra roça, eu penso nisso. Porque as vezes a pessoa planta mas num colhe, trabalha mas não tem salário, aí fica vendo que o povo da cidade tem seu salário mínimo, é pouco, mas quem tá na roça num tem nem ele. (Mulher 12 – 52 anos)

M14: Eu não sei, mas eu acho que é falta de verba, né? Porque se tivesse, com certeza o prefeito estaria fazendo. Mas melhorou bastante de um tempo pra cá. De uns cinco anos pra cá. (Mulher 14 – 49 anos)

H12: A fiscalização tinha que ser mais rígida pra poder coibir muita coisa em Viçosa, exigir cumprir a legislação, porque tem muita gente construindo na beira do ribeirão, não deixou os 15m, só porque é o doutor lá que tem dinheiro que tá construindo e eu que num tenho dinheiro não posso construir? (Homem 12 – 42 anos)

Observa-se que parte dos entrevistados atribui a responsabilidade pelos problemas da cidade à administração pública, das mais diversas formas. Apareceram explicações mais diretas, como falta de vontade política, falta de verba e outras menos diretas. A entrevistada Mulher 6 (24 anos) alegou haver más condições financeiras pela falta de oferta de empregos melhores e até pela falta de investimento em educação. Assim, o poder público de Viçosa não estaria oferecendo, nas palavras dela, o básico.

Houve também a explicação de que a política na cidade é marcada pela troca de favores e por uma grande atenção para a UFV, desviando os olhares do poder público para a instituição. Segundo a entrevistada Mulher 9 (34 anos), esta questão é evidenciada pelas dificuldades enfrentadas pelas escolas municipais, mesmo Viçosa sendo considerada uma “cidade educadora”. Nesta fala percebe-se uma crítica a esse *slogan* da prefeitura municipal, bem como ao intuito que permeia a expressão. Há, portanto, um questionamento se Viçosa de fato poderia ser considerada uma cidade educadora se as

escolas municipais enfrentam problemas, ou se somente a presença da UFV a faz merecedora dessa classificação.

A entrevistada Mulher 12 (52 anos) diz que alguns problemas percebidos por ela em Viçosa são gerados pela falta de incentivo à permanência das pessoas no campo. Como as condições de vida no campo são instáveis e difíceis, as pessoas acreditam que seja possível uma vida melhor na cidade e, por isso, são atraídos para ela. Pode-se entender por sua fala que se houvessem políticas públicas para atrair e, ou, fixar as pessoas no campo, seria possível diminuir a pressão sobre a cidade.

O entrevistado Homem 7 (81 anos) atribuiu à ganância imobiliária os problemas percebidos por ele. Ao longo de sua entrevista, ele ressaltou as dificuldades geradas pelo crescimento populacional de Viçosa e seus problemas com a infraestrutura da cidade. Assim, sua justificativa para esses problemas seria a grande quantidade de construções, muitas desrespeitando as Leis de uso e ocupação do solo, e certo descaso dos construtores e da própria administração pública, que não age no sentido de frear o setor imobiliário em favor da estrutura da cidade.

É relevante também a fala do entrevistado Homem 12 (42 anos) quando diz que não há fiscalização adequada para as construções, o que permite o descumprimento de Leis urbanas e ambientais. O que chama atenção em sua fala é a crítica feita ao sistema que favorece àqueles que possuem um poder aquisitivo mais alto. Assim, nas palavras dele: “só porque é o doutor lá que tem dinheiro que tá construindo e eu que num tenho dinheiro não posso construir?”. Entendemos assim que este morador percebe os critérios usados para distinguir os casos na hora de fazer cumprir as Leis municipais.

Alguns entrevistados apontaram a Universidade como uma das responsáveis pela geração e pelo agravamento de problemas socioambientais em Viçosa. As falas dos moradores esclarecem esta afirmação:

H1: A questão social eu acho que existe uma obrigação da universidade. Por mais que a Universidade tente tirar o corpo fora, eu acho que é obrigação de toda universidade pública dar retorno gratuito à sociedade. E a UFV até que tem bastante projeto de extensão, é legal. Eu não sei se tem um diálogo da prefeitura com a Universidade.
(Homem 1 – 31 anos)

Essa responsabilidade atribuída à UFV se deve, segundo os entrevistados, não à expansão da instituição, mas, sim, por sua falta de investimentos na cidade. Para eles, algumas parcerias com a prefeitura municipal poderiam contribuir para amenizar essa situação.

Ainda sobre a participação da UFV na geração dos problemas socioambientais, é preciso refletir. Sabendo que o processo de urbanização de Viçosa foi impulsionado principalmente pela instalação desta instituição, não se pode negar sua participação no agravamento dos problemas da cidade. Questões como pressão sobre os recursos naturais da cidade e construções ilegais – dentro e fora do *campus* universitário – estão diretamente ligadas a esse fato. Apesar disso, os entrevistados não estabeleceram essa conexão. Assim, alguns reconhecem a responsabilidade da instituição na solução dos problemas, mas não a apontam como causadora desses problemas.

Outros entrevistados entendem que as causas das questões que interferem diretamente no viver dos viçosenses têm dois lados. A fala do Homem 10 (26 anos) é um exemplo desta afirmação.

H10: Você tem as pessoas que estão aqui mas que não se preocupam porque não é a minha cidade, e tem o poder público que se utiliza disso para não fazer nada. Por que quem cobra deles? Ou seja, é falta de interesse dos dois lados. (Homem 10 – 26 anos)

Percebe-se na fala do entrevistado uma associação entre a ausência do poder público, manifestada na falta de fiscalização e nas obras de melhorias na cidade e na omissão da própria população, que pouco age ou cobra.

É interessante perceber que alguns entrevistados demonstram uma visão fragmentada do problema. As falas a seguir justificam essa explicação:

H1: Com relação ao trânsito, eu acho que tem a ver com o crescimento desordenado da cidade. [...] Com relação à sujeira, se você sobe aquela rua da rodoviária você vê tanta sujeira que você não acredita, é uma questão. E a prefeitura tá envolvida nisso, não só colocando gari pra varrer, mas educando a população, simples assim. Porque não adianta colocar mais gente pra varrer se tem mais pessoas jogando lixo no chão. Então falta intervenção da prefeitura com relação a isso. (Homem 1 – 31 anos)

M17: Estrutural, é coisa dos governos passados, da política local, e de Viçosa ter surgido de um... digamos que ela não foi planejada desde que ela surgiu mesmo. Viçosa também tem o relevo muito acidentado, esse tanto de morro, é meio difícil ter alguma coisa certinha também. E a parte da violência que é a coisa mais séria que tá tendo aqui, drogas, assassinatos que não precisava isso. Eu acho que o problema maior é o tráfico de drogas e os assassinatos. E o outro problema, que é a questão do trânsito, tem um número muito grande de acidentes, mas é imprudência. Não é questão da estrutura em si, mas a imprudência. É preciso conscientizar a comunidade, a cidade, de fazer uso dessa cidade sem estragar, sem danificar. E pra esses usuários de droga, eu acho que assim, a polícia não pode intervir no usuário, pode intervir no tráfico. E no tráfico, a polícia pode até intensificar as

patrulhas nas comunidades mais afastadas, que é onde acontece o maior número de violência, de assassinato e uso de drogas. Mas aí vira e fala que não tem contingente, não tem carro, não tem viatura. (Mulher 17 – 38 anos)

M8: Acho que é também a força de vontade. Em relação ao trânsito é uma coisa que vai mudar com o tempo, porque tava pior, agora colocou o semáforo vai levar um pouco de tempo. Calçamento depende muito da administração da cidade. (Mulher 8 – 24 anos)

Ao longo de suas respostas para esta questão, percebe-se que muitos tentaram encontrar as causas de cada um dos problemas separadamente – trânsito, saúde, violência – sem se atentar para o fato de que essas e outras questões são partes que compõem um todo problemático, cujas causas estão interconectadas.

Apenas um entrevistado demonstrou em sua fala a consciência de que a solução para os problemas está em suas ações, seu posicionamento, ou seja, se entende como parte do problema, e conseqüentemente como um agente de mudança.

H4: Aí eu penso que é uma coisa de cada um, de cada ser humano, se enxergar como cidadão, como uma pessoa que tem deveres e direitos, que quem faz a vida melhor somos nós, nós somos responsáveis pelo nosso ambiente familiar e de trabalho, porque não basta levar pra plano eleitoral, eleger um representante, tem que cobrar o cara. O que nós podemos fazer? Somos nós que podemos fazer! Hoje o pessoal deixa a coisa acontecer. Foi prometido creche e não cumpriu? Ah, na próxima eleição a gente vota de novo, quem sabe. Acho que falta uma consciência política, envolvimento maior pra que as coisas aconteçam de forma mais positiva pra população em geral. Havia debate, havia discussão, eu sinto falta disso hoje. (Homem 4 – 35 anos)

O depoimento do entrevistado mostra uma insatisfação não apenas com o poder público, mas, principalmente, com a própria população, que não se mobiliza conjuntamente para cobrar, não se manifesta de forma efetiva. Essa consciência demonstrada pelo entrevistado foi adquirida quando ele participava do grupo Nova Viçosa Rap (NVRap), no bairro Nova Viçosa, no qual havia discussões políticas e trabalho de conscientização com os integrantes do grupo. Segundo o entrevistado, o grupo aborda discussões políticas, sobre envolvimento social dos seus integrantes, conscientizando-os da importância de suas ações. Segundo o entrevistado, o trabalho feito em sua comunidade trouxe resultados importantes, tornando-o mais crítico e envolvido nas questões da cidade e de sua comunidade. Esse é um exemplo de pequenos movimentos que podem contribuir para as reflexões direcionadas para a sustentabilidade urbana.

Quando questionados sobre as possíveis soluções para o problema, as respostas obtidas geraram a Figura 64.

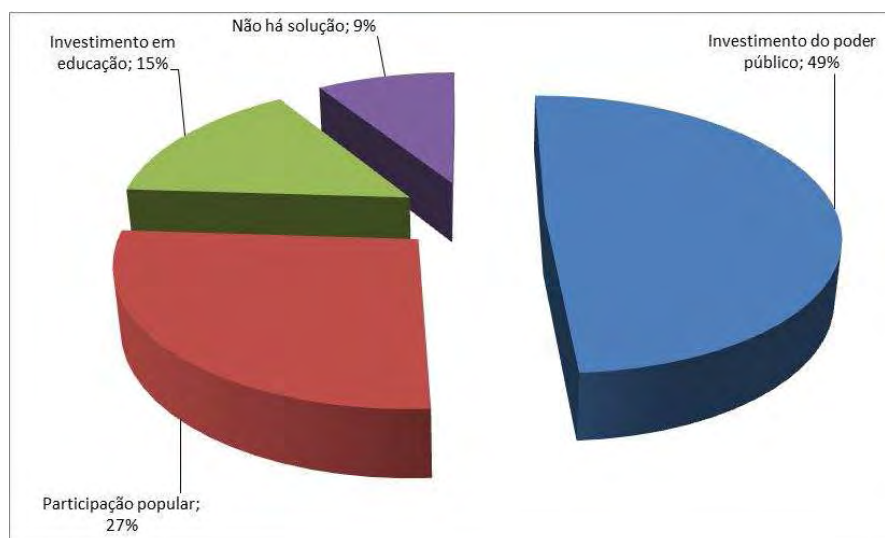


Figura 64 – Possíveis soluções para os problemas apontados.

Mantendo coerência com as respostas da pergunta que se referia às causas dos problemas, aqui 49% dos entrevistados atribuíram aos investimentos do poder público a solução para os problemas por eles percebidos:

H5: Resolver é a parte da política mesmo. Entrar um político bom. Mais interessando a resolver esses problemas, eu acho que deveria ser isso. (Homem 5 – 34 anos)

H6: Votar nas pessoas certas, tem que mudar. Ficar repetindo não adianta nada, mudar essa administração toda! Vereador, trocar tudo, fica repetindo e não muda nada. (Homem 6 – 43 anos)

É interessante observar que algumas pessoas atribuem as soluções para as questões percebidas à renovação do quadro político da cidade. Segundo eles, seria necessário votar em outras pessoas para que aumentem as chances de mudanças e melhorias. Além disso, esses depoimentos sinalizam mais uma vez para a ideia de que as questões problemáticas da cidade não envolvem os cidadãos, seja em sua geração, seja em ações para solucioná-las. Apesar disso, é preciso mencionar que há uma relativa consciência por parte da população de que a solução dos problemas passa pela participação popular.

Observou-se também que há uma minoria que acredita não haver solução para os problemas de Viçosa, que essa estrutura é fixa e imutável e, por isso, nada pode ser feito. Como disse um entrevistado,

H9: Eu acho que no momento agora é muito difícil, né? Não tem mais como. O que está feito tá feito e não vai ter como melhorar. (Homem 9 – 75 anos)

Contudo, as falas mostram ainda que alguns entrevistados acreditam que a solução dos problemas reside na associação entre ações do Estado e da população, apostando mais uma vez no poder da parceria:

H3: Eu não vejo solução pra agora, eu vejo a longo prazo. E quando você resolve uma questão, aparece outra, e vai virando uma bola de neve. E pra resolver falta planejamento e vontade política, só isso e mais nada. Porque eu como cidadão comum posso fazer minha parte, você fazer a sua, mas se não houve um planejamento governamental com bons projetos não tem como. É a longo tempo mesmo, planejamento. (Homem 3 – 59 anos)

H1: Eu acredito muito em associação de bairro, que deveria funcionar. O presidente se reunindo com o representante pra fazer pressão na câmara. Funcionaria bem se fosse mais ativo. Eu acredito mesmo. Nada como uma pessoa que mora naquele lugar pra dizer quais são suas dificuldades. E ficar sempre atento em época de eleição, porque infelizmente a gente não tem costume. Não só as pessoas simples, mas as pessoas com mais instrução não tem costume de, por exemplo, ler o programa de governo de um vereador que seja, pra votar nele e se ele for eleito, a gente conferir no programa se ele tá fazendo aquilo e cobrar, né? E assim, às vezes a gente não tem como cobrar. É por isso que eu acho que essas associações de moradores poderia ser um ponto forte. Mas também as pessoas tem que parar de pensar só no pessoal e egoístico e no que é melhor só pra mim, e ver o que é melhor pra minha comunidade. (Homem 1 – 31 anos)

As falas mostram que a parceria poderia ser um bom caminho a ser trilhado na busca de um viver com mais qualidade. Segundo os moradores, essa parceria seria entre a prefeitura e a população, seja por meio das associações de moradores de bairro, seja em ações individuais. No caso das associações, sua contribuição seria no sentido de identificar os problemas das comunidades e levá-los ao conhecimento do poder público, que viabilizaria a solução. De certa forma, essas ações vêm sendo feitas, mas alguns bairros de Viçosa ainda não possuem uma associação ativa. Assim, os moradores demonstram, por meio de suas falas, que é de grande importância pensarem no coletivo, e não apenas em seus círculos pequenos, e agir, participar das ações da cidade, para que seja possível pensar em mudanças.

O que é interessante aqui é que 27% dos entrevistados afirmaram que a solução das questões socioambientais de Viçosa passa pela participação popular, e 15% em investimento em educação, somando 42% de respostas que mostram a importância das

peessoas, dos cidadãos comuns no processo de mudança. Para essa mudança, eles apostam em duas frentes: investimento em educação e participação popular. A fala do entrevistado H4 é bastante esclarecedora:

H4: É a questão da mobilização mesmo. Entidades poderiam promover encontros, reuniões, debates. A coisa começa devagar, começa pequena mesmo, com o tempo vai ganhando força. E eu acho que por acreditarem que a coisa pode ganhar força que não se começa a fazer isso. As igrejas poderiam estar envolvidas nisso, porque a religião tem uma influência muito forte e poderia começar a promover isso aí. Mobilização. Todas as grandes conquistas que nós tivemos no país foram através de mobilizações. Fim da ditadura, fim do governo Collor. Acho que hoje falta isso. Por se ter uma sensação de que tudo pode, tudo é liberado, ninguém reivindica nada. Mas existem coisas que a gente percebe que tem que ser feitas sim, alguma coisa pra que o quadro mude. (Homem 4 – 35 anos)

O morador traz a importância da conscientização, apontada em sua fala como a solução dos problemas. Segundo ele, para que esse trabalho fosse feito seria de suma importância a participação de diferentes setores da sociedade, formando várias frentes de ação. Assim, seria fundamental a participação de diferentes entidades que promovessem eventos que abordassem as questões socioambientais e valorizassem a cultura e a participação popular. Outras instituições poderiam participar, como as igrejas, cujo poder de alcance e sensibilização é bastante relevante. A partir desse trabalho seria possível pensar em mobilização e articulação das pessoas em prol da amenização das questões problemáticas percebidas por eles.

Para a Mulher 2 (78 anos), pequenas mudanças individuais podem surtir efeitos grandiosos que facilitariam a vida de todos os moradores. Assim, ela diz:

M2: Isso é difícil, porque tem casa que tem três ou quatro carros, invés deles reunir e cada dia encher um carro e sair, em São Paulo eles fazem isso, né? Você trabalha numa empresa e seus vizinhos também cada dia um leva de carro, aí já diminuía o trânsito e já ajuda financeiramente também, é bom pra todo mundo. O lixo é o povo educar, eles mesmo procurar educar, porque agora depois que passou pro SAAE sempre tá lá falando: “não coloque lixo fora de hora”, então eles dão o alerta, né? Na Montanhesa também: “cuidado com o horário do lixo”, mas eu acho que enquanto não começar a cobrar mesmo num vai melhorar (multar), mas já melhorou muito. Depende mesmo é dos moradores, num depende da prefeitura, do prefeito... Porque eles acham, por exemplo, eu tenho um terreno bardiô. O mato tá caindo na rua, tá tombando pro meio da rua, aí eu já escutei muito, as pessoas falando: cadê o prefeito? Eu falo, uai, o prefeito num é obrigado a capinar a rua, não. O terreno é bardiô, cadê o dono?

A fala da entrevistada aponta pequenas ações que poderiam surtir efeitos positivos diante dos problemas, como rodízio de carros entre vizinhos, atenção com limpeza, colocar lixo na rua nos horários corretos de passagem de caminhão. Além disso, a entrevistada demonstra entender a diferença entre o que é responsabilidade do poder público e o que é responsabilidade de cada cidadão, o que é importante para se pensar em mudanças, já que é quando o indivíduo se vê como parte da questão que ele poderá participar.

As fontes consultadas mostram que, apesar de haver a consciência de que a solução dos problemas identificados em Viçosa passam pelas pessoas, a partir de suas mudanças de comportamento, as medidas para efetivar essas mudanças são, em sua maioria, transferidas para o poder público e tomadas por este setor, recebendo poucas colaborações da UFV, de outros órgãos da cidade, como o SAAE, e da própria população.

Apesar disso, os dados mostram que, ainda que timidamente, parte da população que vai até o Jornal da cidade se manifestar e alguns dos entrevistados sinalizam para um entendimento sobre a importância de sua colaboração para as mudanças necessárias, o que é fundamental quando se pensa em sustentabilidade urbana.

Assim, pensar na sustentabilidade urbana e na nova ética ambiental é algo que exigiria esforço e um longo trabalho. Isso porque está no princípio das duas teorias a produtividade da natureza, as autonomias culturais e a democracia participativa. Assim, seria fundamental que a própria sociedade pensasse em novas práticas, já que é o seu futuro que se coloca em questão. Estas práticas se conectam à dinâmica social, que inclui justiça social, igualdade de gênero e participação política dos atores locais, associando-o ao saber científico na elaboração dessas práticas.

Além disso, é preciso pensar em ampliação do nível de consciência ambiental, da participação popular e da divisão da responsabilidade no monitoramento das ações. O que se vê em Viçosa é que há a percepção dos problemas, as pessoas reivindicam, tornam públicas suas necessidades, mas ainda agem timidamente no sentido de resolver de fato a questão incômoda, transferindo grande parte da responsabilidade de resolver as questões para o poder público.

É preciso ainda rever a amplitude das questões apontadas pelos moradores de Viçosa. Ao longo das falas eles trazem questões que se inserem em um contexto maior, mas poucas vezes se referem ao que é mais amplo. Há, portanto, uma limitação no sentido de pensar de forma sistemática, entendendo que as questões não estão isoladas,

mas, sim, inseridas em um contexto amplo e interconectado. Essa questão precisa ser repensada, uma vez que as teorias alertam para a necessidade de se discutir um novo modelo de produção e consumo que vise um produzir e consumir mais associado às dimensões qualitativas, interativas e articuladas para o novo modelo de desenvolvimento. O resultado disso seria, segundo Henrique Leff (2001), um novo saber e uma nova racionalidade que proporcionariam um mundo de equidade, democracia e sustentabilidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem deste trabalho está no questionamento sobre como seria o olhar dos moradores de Viçosa, Zona da Mata de Minas Gerais, quanto ao viver nessa cidade, que é marcada por questões socioambientais que se materializaram na paisagem urbana e que interferem na vida social. O objetivo do trabalho foi identificar as possibilidades e, ou, os limites para se pensar na construção da sustentabilidade urbana e nova ética ambiental em Viçosa.

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizando dados secundários, documentação fotográfica, entrevistas, informações contidas nas atas das reuniões da Câmara Municipal de Viçosa, entre os anos de 2001 e 2010, e no jornal Folha da Mata, entre os anos de 2001 e 2011. Para fundamentar o trabalho, foram utilizadas referências teóricas que discutem desenvolvimento, desenvolvimento sustentável, e nova ética ambiental, tal como apresentada por Henri Leff, além de discussões sobre reprodução do espaço urbano.

Por meio de trabalhos científicos, que apresentaram análises sobre a urbanização de Viçosa e análise de imagens antigas e atuais sobre a cidade, foi possível compreender as especificidades de seu processo de reprodução do espaço urbano. Processo este que seria desencadeado desde a instalação da ESAV em 1922 (hoje Universidade Federal de Viçosa), quando esta instituição começou a atrair estudantes de todo o território nacional, além de pessoas em busca de postos de trabalho.

O processo de reprodução do espaço urbano de Viçosa não está desconectado daquilo que aconteceu em nível mais amplo, seja a região, o estado ou o país. Contudo,

como em todas as localidades, em Viçosa se observam particularidades. Ao longo do tempo foram se constituindo uma série de problemas socioambientais, como ocupação em áreas protegidas, poluição dos cursos d'água, intensificação do trânsito, verticalização, especulação imobiliária, geração e descarte indevido de lixo. Todos estes problemas encontram explicações na dinâmica do processo particular de urbanização da cidade, onde diferentes agentes tiveram o seu papel direto ou indiretamente, quais sejam: poder político local, agentes imobiliários, UFV, população fixa e flutuante.

Se os problemas socioambientais de Viçosa elencados por diferentes pesquisadores se fazem visíveis na paisagem urbana, será que a população da cidade os perceberia? Se percebidos, quais seriam as perspectivas, a partir das quais esses problemas seriam focalizados? Será que a população se sente coparticipante da geração e ou minimização dos referidos problemas? Quais seriam as possibilidades e, ou, os limites para se pensar em construção da sustentabilidade urbana e nova ética ambiental? Estas questões nortearam a pesquisa que deu origem ao presente trabalho.

Com base na pesquisa foi possível identificar que a população viçosense não está alheia aos problemas da cidade. De modo geral, os entrevistados mostraram-se atentos ao que acontece, já que são diretamente atingidos pelos problemas. A partir dos dados encontrados no Jornal da cidade e na Câmara Municipal de Viçosa identificou-se um incômodo por parte da população, no que se refere, principalmente, à infraestrutura da cidade. Problemas, como vias mal pavimentadas, calçadas irregulares e até mesmo inexistentes, iluminação deficiente, problemas com os serviços de transporte, poluição visual e sonora, ausência de controle da violência e lixo nas vias públicas, foram alguns apontados pelos moradores nesses documentos.

Apesar do reconhecimento dos problemas da cidade, as manifestações da população naqueles documentos eram pouco abrangentes. Na maioria das manifestações percebeu-se uma busca por soluções particulares, como para problemas que estão na rua, no bairro, no percurso entre casa e trabalho, por exemplo, muito embora sejam identificados em toda a cidade.

Contudo, há que se considerar que, ainda que timidamente, foram encontradas manifestações de moradores que sinalizam para uma visão mais crítica da realidade. Alguns chegaram a propor formas de solucionar os problemas da cidade. Essas manifestações, mesmo que isoladas, demonstraram sinais de consciência social no monitoramento de ações que direcionam para a construção da sustentabilidade urbana.

Nas entrevistas com os moradores, identificou-se que existe também uma percepção de diferentes problemas. Em suas falas, os moradores destacaram problemas relacionados à falta de opções de trabalho na cidade, centrado nas ofertas da UFV e do comércio da cidade. Problemas relacionados à saúde, além dos problemas relacionados à infraestrutura, seja nas calçadas da cidade, no serviço de transporte, ou no trânsito, foram abordados. A esfera lazer/cultura também se mostrou problemática, já que os moradores percebem uma restrição nas opções, chegando a classificá-lo como elitista.

Entretanto, apesar de todos os problemas apontados pelos moradores, a maior parte dos entrevistados não se percebe como corresponsável e coparticipante no processo de geração e, ou, na sua solução. Normalmente, a responsabilidade é atribuída ao poder público municipal e à UFV.

Entretanto, foram identificadas percepções que sinalizam possibilidades de se pensar em avanços, como a valorização atribuída à participação popular no processo de mudanças e na tomada de pequenas atitudes sustentáveis demonstrada por diferentes entrevistados. Estas pequenas sinalizações são de grande relevância quando se entende que sustentabilidade urbana não é uma meta, mas, sim, um processo, um caminho, um novo estilo de vida construído diariamente.

Essas manifestações, ainda que pontuais, representam uma semente na possibilidade de se pensar na construção da sustentabilidade urbana e na nova ética ambiental. Os limites estão relacionados à postura de moradores que não se percebem como coparticipantes nesse processo de geração e, ou, na solução de problemas. Contudo, se o trabalho focaliza a percepção dos moradores em relação ao viver na cidade de Viçosa, tendo como referência as questões socioambientais que nela se apresentam, há que se considerar que o segmento focalizado representa apenas parte de uma trama que envolve outros atores: os agentes da especulação imobiliária, o Estado, representado pelo poder público local, e também a UFV, que apesar de projetar a cidade no cenário nacional, é também corresponsável pela geração dos problemas.

O trabalho produzido apresenta suas limitações na medida em que focaliza uma parte da população de Viçosa. Embora tenha havido a intenção de incluir na amostra homens e mulheres de diferentes bairros da cidade, com idades, escolaridade e inserção social diferentes, entende-se que não se pode generalizar os resultados. Porém, acredita-se que, mesmo com suas limitações, o estudo possa contribuir para o conhecimento da realidade, propiciando novas reflexões, quem sabe em futuras pesquisas.

Para finalizar, é fundamental não se esquecer de que a promoção da sustentabilidade urbana e nova ética ambiental é um processo que não pode ser considerado em uma localidade em si mesma, independentemente do que ocorre no espaço mais amplo. Estamos inseridos em um mundo capitalista globalizado que ainda se pauta na ideologia da produção e do consumo, e onde os interesses particulares têm se sobreposto aos interesses coletivos. E é este modelo que estabelece os verdadeiros limites para se pensar em sustentabilidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz Nacib. *Domínios de natureza no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ACSELRAD, Henry; LEROY, Jean-Pierre. *Novas premissas da sustentabilidade democrática*. 2. ed., Rio de Janeiro: Projeto Brasil Sustentável e Democrático, 2003.

ACSELRAD, Henry. Discursos da sustentabilidade urbana. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 79-90, maio de 1999.

BARONI, Margaret. Ambiguidades e deficiências do conceito de desenvolvimento sustentável. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, abril/junho de 1992, p. 14-24.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, abril e outubro de 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva; FARIA, André Luis Lopes de. *Ocupação de encostas e legislação urbanística em Viçosa (MG)*. Disponível em: <www.ig.ufu.br/caminhos_de_geografia.html>. Acesso em: 14 fev. 2011.

CASTRO, Cleber Marques de. *Visões da paisagem e da percepção ambiental: contribuições para a educação ambiental*. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/0032.html>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

COSTA, Heloisa Soares de Moura; BRAGA, Tânia Moreira. Entre a conciliação e o conflito: dilemas para o planejamento e a gestão urbana e ambiental. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 10., 2002. Diamantina: UFMG. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: UFSCar, 1996.

GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, v. 2, n. 1, p. 29-42, junho de 2004. Disponível em: <www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm>. Acesso em: 10 fev. 2012.

GOMES, Ana Paula Wendling. Percepção ambiental dos alunos da Faculdade de Viçosa – FDV. Disponível em: <http://correio.fdv.org.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/Percep%20Ambiental_Alunos_FD.V.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2012.

JACOBI, Pedro. Dilemas socioambientais na gestão metropolitana: do risco à busca da sustentabilidade urbana. *Revista de Ciências Sociais*, n. 25, p. 115-134, outubro de 2006. -.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. *Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução de um conceito?* Disponível em: <http://material.nerea-investiga.org/publicacoes/user_35/FICH_ES_32.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2010.

LEFF, Henrique. Globalização, ambiente e sustentabilidade do desenvolvimento. In: *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEFF, Henrique. *Epistemologia ambiental*. Tradução de Sandra Valenzuela. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUDWIG, Márcia Pinheiro. *Descortinando a paisagem: a construção social do espaço e o sentido do lugar*. 2003. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MACEDO, Renato Luiz Grisi; MACEDO, Sâmara Borges; VENTURIN, Nelson; ANDRETTA, Vanessa; AZEVEDO, Felipe Carisio Scalia. *Pesquisas de percepção ambiental para o entendimento e direcionamento da conduta ecoturística em unidades de conservação*. Disponível em: <<http://www.P.H.ysis.org.br/ecouc/Artigos/Artigo50.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

MAGALHÃES, Roberto Anderson de Miranda. A construção da sustentabilidade urbana: Obstáculos e perspectivas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 3., 2006. Brasília, 2006. *Anais...* Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TA542-06042006-000548.PDF>. Acesso em: 14 mar. 2012.

MARTINI, George; CAMARANO, Ana Amélia; NEUPERT, Ricardo; BELTRÃO, Kaisô. *A urbanização no Brasil: retrospectiva, componentes e perspectivas*. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1988/T88V02A01.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2011.

MATOS, Ralfo; BRAGA, Fernando. Urbanização no Brasil contemporâneo, população e a Rede de Localidades Centrais em Evolução. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 11., 2005. Salvador. *Anais...* Salvador, 2005.

MELLO, Fernando Antônio Oliveira. *Análise do processo de formação da paisagem urbana no município de Viçosa, Minas Gerais*. 2002. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

MIRANDA, Ana Maria de. Percepção ambiental: O despertar para o conhecimento científico através de uma horta educativa. In: ENCONTRO DE EDUCAÇÃO DO COLÉGIO GONÇALVES DIAS, 1., 2008. Nova Iguaçu, RJ. *Anais...* Nova Iguaçu, RJ, 2008. Disponível em: <www.gd.g12.br/eegd> Acesso em: 3 fev. 2012.

MONDARDO, M. L. Uma caracterização geral do processo de urbanização do sudoeste do Paraná – Brasil. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales*, v. 11, n. 239, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-239.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

MUCELIN, Carlos Alberto; BELLINI Luzia Marta; Percepção ambiental em ecossistema urbano. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8., 2007, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, MG, 2007.

NEVES, José Luís. *Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades*. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

OLIVEIRA, Livia de. A percepção da qualidade ambiental. *Cadernos de Geografia*, Belo Horizonte, v. 12, n. 18, p. 29-42. 2002.

OLIVEIRA, Kleber Andolfato de; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. *Revista ANAP Brasil*, v. 1, n. 1, julho de 2008.

PEDROSO, Isabella Vitória C. P. *Identidades locais e paisagem: a história de um lugar chamado Buieié*. 2008. Monografia. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

PEREIRA, Maria de Lourdes Dolabela; CHIARI, Mirna; ACCIOLY, Sabrina Maria de Lima. As dimensões da sustentabilidade e suas possibilidades de utilização nas políticas públicas. *Observatório de Políticas Metropolitanas*, s.d.

PEREIRA, Mirley Fachini Vicente. *Contradições de uma “cidade científica”*: processo de urbanização e especialização territorial em Viçosa (MG). Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Ambientalismo e desenvolvimento sustentado: nova ideologia/utopia do Desenvolvimento*. Brasília, 1992. (Série Antropologia).

RIBEIRO, Wagner Costa. *Desenvolvimento sustentável e segurança ambiental global*. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-312.htm>>. Acesso em: 4 jun. 2010.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2008.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*. Hucitec: São Paulo, 1988.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Tabela 1A - Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Idade	Bairro	Escolaridade	Ocupação	Origem	Tempo em Viçosa
H1	31	Santo Antônio	Pós- Doutorado	Médico Veterinário/Estudante	Paula Cândido	16 anos
H2	47	Nova Era	Ensino Médio	Cabelereiro	Viçosa	-
H3	59	Santa Clara	Ensino Médio	Funcionário Público (PMV*)	Viçosa	-
H4	35	Nova Viçosa	Ensino Médio	Setor de limpeza	Viçosa	-
H5	34	Bom Jesus	Ensino Médio	Balconista	Viçosa	-
H6	43	Fátima	Ensino Médio	Funcionário Público (PMV*)	Viçosa	-
H7	81	Santa Clara	Curso Técnico	Mestre de Obras Aposentado	Viçosa	-
H8	76	Fátima	4ª série	Funcionário UFV Aposentado	Coimbra	66 anos
H9	75	Bom Jesus	4ª série	Funcionário UFV Aposentado	Viçosa	-
H10	26	Santo Antônio	Mestrando	Administrador/Estudante	Juiz de Fora	8 meses
H11**	45	Nova Viçosa	4ª série	Funcionário Público (PMV*)	Porto Firme	35 anos
H12**	42	Santo Antônio	Graduação	Funcionário Público (UFV)	Viçosa	-
H13**	61	Bom Jesus	4ª série	Funcionário Público (UFV)	Viçosa	-
M1	60	Nova Viçosa	4ª série	Faxineira	Viçosa	-
M2	78	Nova Era	Magistério	Professora Aposentada	Piranga	40 anos
M3	65	Santo Antônio	4ª série	Faxineira Aposentada	Presidente Bernardes	40 anos
M4	24	Nova Era	Ensino Médio	Dona de Casa	Viçosa	-
M5	24	Bom Jesus	Mestranda	Geógrafa/Estudante	Viçosa	-
M6	24	Nova Viçosa	Graduanda	Faxineira	Viçosa	-
M7	21	Fátima	Graduanda	Estudante	Viçosa	-
M8	24	Santa Clara	Graduanda	Atendente de Telemarketing	Viçosa	-
M9	34	Bom Jesus	Superior Completo	Psicóloga	Vila Velha	8 anos
M10	48	Fátima	Superior Completo	Funcionária Pública Federal	Guaraciaba	27 anos
M11	53	Nova Era	4ª série	Dona de Casa	Pedra do Anta	30 anos
M12	52	Nova Viçosa	4ª série	Serviços gerais - limpeza	Canaã	33 anos
M13	54	Santo Antônio	Superior Completo	Secretária Escolar	Ponte Nova	21 anos
M14	49	Santa Clara	Ensino Médio	Funcionária Pública (PMV*)	Viçosa	-
M15**	48	Nova Era	Ensino Médio	Comerciante	Porto Firme	28 anos
M16**	47	Santa Clara	4ª série	Faxineira	Porto Firme	35 anos
M17**	38	Fátima	Superior Completo	Tecnóloga em Laticínios	Viçosa	-

* Prefeitura Municipal de Viçosa; e ** Representantes de Associação de Bairro.